

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

GLEISE SALES ARIAS

**PSICODINÂMICA FAMILIAR A PARTIR DA PERCEÇÃO DE
CRIANÇAS INDÍGENAS GUARANI MBYA DE SÃO PAULO**

São Bernardo do Campo
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GLEISE SALES ARIAS

**PSICODINÂMICA FAMILIAR A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE
CRIANÇAS INDÍGENAS GUARANI MBYA DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Metodista de São Paulo como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia da Saúde

Orientadora: Prof^a Dr^a Marília Martins Vizzoto

São Bernardo do Campo
2008

AGRADECIMENTOS

Durante toda a realização deste trabalho, pensei no gratificante momento de escrever estes agradecimentos, afinal são tantas as pessoas que eu gostaria de agradecer. Sempre senti uma enorme confiança depositada em mim por estas pessoas e, dentre os inúmeros tipos de apoio recebido, é esta confiança que eu gostaria de agradecer em especial. Alguns nomes serão aqui citados; espero ser justa com todos os que acreditaram neste trabalho.

*Inicialmente, como não poderia deixar de ser, agradeço especialmente a minha orientadora, **Profa Dra Marília Martins Vizzotto**, não só pelos ensinamentos profissionais e acadêmicos, mas principalmente por ela ser a pessoa que é, a qual passou a fazer parte da minha vida, quando iniciei-me no caminho da pesquisa na realização do trabalho de conclusão de curso, ainda na graduação e que certamente continuará em meu coração. Pelo seu carinho, amizade, continência e dedicação, muito obrigada.*

*À **Profa Ms. Tania Elena Bonfim**, pessoa que abriu a primeira porta para que eu conhecesse o mundo Guarani, mundo esse por vezes tão próximo do nosso e em outras tão distante. Agradeço a esta que literalmente participou de todas as etapas deste trabalho. Sinto que ele também é meu e fico lisonjeada por isso. Agradeço também pelo auxílio em outros campos da minha vida profissional. Professora da qual fui assistente por mais de dois anos e que também participa da minha vida como supervisora. Pela companhia, amizade e confiança, muito obrigada.*

*À **Profa Livre Docente Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo**, agradeço por ter me recebido no APOIAR de braços abertos, ainda que eu fosse de outra instituição. Vejo-a como mais uma pessoa que confiou em mim, me permitindo conhecer este mundo Guarani junto a sua equipe. Pela confiança, muito obrigada.*

*À **Profa Dra Eda Marconi Custódio**, profissional que sempre inspirou, em mim e em meus colegas de graduação, uma leveza na análise dos casos e nos trabalhos em Psicologia da Saúde. Por todas as luzes trazidas às análises dos casos contido no presente trabalho, muito obrigada.*

*A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, em especial aos Professores **Dr Manuel Morgado Rezende, Dr José Tolentino Rosa e Dra Maria Geralda Viana Heleno**, dos quais estive mais próxima durante o curso e com os quais obtive ensinamentos teórico-técnicos e de crescimento pessoal que de certo ficarão comigo por toda a minha vida. Muito obrigada.*

*À **Prof Ms. Fabiola Maria Ramón**, da qual tive oportunidade de ser Professora Voluntária e compartilhar de seus conhecimentos teórico-didáticos e de sua agradável companhia. Muito obrigada.*

*À **Prof Ms. Mariantonia Chipari**, pessoa de uma postura profissional que sempre admirei durante os anos de graduação e que sempre me tratou com carinho. Muito obrigada.*

*À **Prof Dra Hilda Rosa Capelão Avoglia**, agradeço pelas valiosas sugestões e auxílio nas análises dos casos contidos neste estudo. Muito obrigada.*

*Ao **Prof Dr Isaltino Marcelo Conceição**. Lembrei-me enquanto escrevia estes agradecimentos que este foi o primeiro professor, ainda durante os semestres iniciais da graduação, que sugeriu que eu poderia ser uma boa pesquisadora. O tempo passou e essa lembrança quase se apagou, mas ressurgiu neste momento tão importante. Muito obrigada.*

*À **Profa Dra Sonia Grubits**, que mesmo de forma indireta, contribuiu com os seus conhecimentos sobre as comunidades indígenas brasileiras, conhecimentos estes que permeiam as análises aqui contidas. Muito obrigada.*

*À **Profa Ms Sonia Marques**, pelo carinho com o qual fez a revisão gramatical do resumo em língua portuguesa e inglesa. Muito obrigada.*

*Às amigas **Thais e Taisa**, pelo apoio e revisão gramatical e às amigas **Ludmila e Gabriela**, também pelo apoio, bem como pelo auxílio na impressão deste trabalho. Muito obrigada.*

*A todos os **amigos** da graduação, do mestrado e pessoais, com os quais compartilhei estes anos de formação. Não citarei nomes, pois, para minha felicidade, a lista seria longa. A esta **família por mim escolhida**, muito obrigada.*

*Aos funcionários da Universidade Metodista de São Paulo, em especial a **Marisa, Elizabeth, Andréia, Miriam, Miriã, Elisângela e Pastora Rosane**, pelo apoio que sempre me deram. Muito Obrigada.*

*À **Universidade Metodista de São Paulo**, agradeço pelo acolhimento e pelo apoio financeiro durante a graduação. Muito Obrigada.*

*Ao **CAPES**, pelo apoio financeiro e pela série de dificuldades impostas. Muito Obrigada, pois elas me fizeram crescer.*

*Por fim, agradeço a força maior que chamamos de **Deus** e aos **meus familiares**, que dentro de suas dificuldades participaram de minha formação da melhor forma que conseguiram. Pelo apoio muitas vezes velado, muito obrigada.*

Dedico este trabalho às crianças Paraí, Potiguá, Peri e Jaxucá, bem como às demais crianças e adolescentes que participaram das Oficinas Lúdicas, partilhando comigo seus desejos, angústias e alegrias, durante o ano de 2007.

*“Quero falar da descoberta que o **eu** faz do **outro**. O assunto é imenso. Mal acabamos de formulá-lo em linhas gerais já o vemos subdividir-se em categorias e direções múltiplas, infinitas. Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um **eu** também, sujeito, como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão **lá** e eu estou só **aqui**, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro ou outrem em relação a **mim**. Ou então como um grupo social concreto ao qual **nós** não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade (...). Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendemos (...). Escolhi esta problemática do outro exterior, de modo um pouco arbitrário, e porque não podemos falar de tudo ao mesmo tempo, para começar uma pesquisa que nunca poderá ser concluída.”*

“A Conquista da América”

Tzvetan Todorov

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	11
I.1. Os Indígenas no Brasil.....	11
I.1.1. Políticas de Proteção e a Saúde Indígena.....	13
I.1.2. Contextualizando a Saúde Mental Indígena.....	15
I.1.3. Os Indígenas Guarani.....	18
I.2. Família: estrutura e dinâmica.....	20
I.2.1. A Família Guarani.....	25
Especificidades da Família Guarani Mbya.....	27
I.2.2. Considerações sobre a Dinâmica Familiar e o Vínculo.....	29
I.3. A Expressão Gráfica, as Técnicas Projetivas e sua Utilização em Pesquisas com Diferentes Etnias.....	33
Objetivos.....	38
II. MÉTODO.....	39
II.1. Método Clínico e Etnometodologia.....	39
II.2. Participantes.....	41
II.3. Instrumentos.....	42
II.4. Local/Ambiente.....	44
II.5. Procedimento.....	45
II.6. Aspectos Éticos.....	45
II.7. Riscos e Prejuízos.....	46
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
III.1. As Oficinas Lúdicas com as Crianças: um longo rapport.....	47
III.1.1. A dinâmica dos Encontros.....	48
III.1.2. O Entraves na Interação com as Crianças.....	52
III.2 - Análise do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias” e das Oficinas Lúdicas.....	55
Caso 1 – Parai.....	56
Caso 2 – Potiguará.....	75
Caso 3 – Peri.....	99
Caso 4 – Jaxucá.....	126

III.3. Síntese Geral dos Resultados.....	150
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
V. REFERÊNCIAS.....	158
VI. ANEXOS.....	170
ANEXO I – Ofício de Autorização de ingresso e Pesquisa em Aldeia.....	171
ANEXO II – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	172
ANEXO III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	174
ANEXO IV – Ilustrações de Produções das Oficinas Lúdicas.....	176
ANEXO V – Desenho Livre da Mãe de Parai.....	185

RESUMO

Este estudo investigou, a partir do referencial psicanalítico, a percepção de crianças indígenas Guarani Mbya sobre a psicodinâmica de suas relações familiares; mais especificamente, descreveu aspectos da dinâmica familiar, na percepção dessas crianças indígenas, bem como aspectos intra-psíquicos e da introjeção das figuras parentais por essas crianças. O estudo foi realizado numa aldeia indígena da etnia Guarani Mbya, situada na periferia da cidade de São Paulo. Participaram deste estudo quatro crianças, na faixa etária de 07 a 10 anos, sendo três meninas e um menino. Como instrumentos, foram utilizados Oficinas Lúdicas e o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. Os dados foram coletados concomitantemente à realização das oficinas que ocorreram na escola da própria aldeia durante o ano de 2007. O material clínico, analisado de forma qualitativa, foi agrupado e descrito a partir do conteúdo extraído dos Desenhos de Família com Estórias, dos comportamentos apresentados e das relações que se estabeleceram nas oficinas. Os resultados, além de mostraram a importância das Oficinas Lúdicas como elemento fundamental para a coleta do material, dado a configuração do *setting* por elas proporcionado, permitiram a identificação de conflitos no que se refere à introjeção de figuras parentais, especialmente a paterna; conflitos na formação da identidade da criança e que pareciam relacionados à influência das relações entre cultura indígena e cultura não indígena. Observou-se ainda que, na percepção das crianças, a casa de reza representa apoio, proteção e segurança, que entendemos como tendo uma função egóica. Concluiu-se que há conflitos no desenvolvimento dessas crianças e na dinâmica das relações familiares. Ressalta-se a necessidade de mais pesquisas de natureza psicológica sobre esses povos, a fim de compreendê-los melhor, dado as especificidades desses grupos étnicos, para que assim se possam planejar ações preventivas e de promoção de saúde, que visem, principalmente, à proteção e preservação da identidade dessas crianças.

Palavras-Chave: Família; Indígenas Guarani Mbya; Psicodinâmica.

ABSTRACT

This study investigated, from clinic psychoanalytic reference, the perception that Guarani Mbya indian children have about the psychodynamic of their familiar relations; More specifically, it describes aspects of familiar dynamics, through the perception of these indian children, as well intra-psychic aspects and introjection of parental figures. The study was conducted in a Guarani Mbya village, situated in the periphery of São Paulo City. Three girls and one boy, ages from seven to ten, participated of this study. To collect the data, the children had Playing Activities, Procedure of Familiar Drawings with Respective Histories. They were collected concomitantly to the accomplishment of local school activities, during the year of 2007. The clinical material, was grouped and described from the extracted content of the drawings and histories, the expressed behaviors and the relations that it have established in the playing activities. The results have showed the importance of the Playing Activities as basic element to collect the research material, from the “*setting*” provided by them; beyond this, conflicts in the introjection of parental figures have been observed, specially the paternal one; conflicts in the child’s identity formation that seemed be related to the influence of relations between indian culture and not indian culture. Beside this, it was observed from the children’s perception, that the Prayer House represented a support element, protection and security, that we understood it has an egoic function. It was identified conflicts in the development of these children and the dynamic of the familiar relations. It’s standing out the need of more research about psychological nature of these people, understanding them better, respecting the specificity of these ethnic groups, and then professionals can plan preventive actions and health promotion, focusing, meanly the protection and preservation of this child’s identity.

Key-words: Family, Guarani Mbya Indians, Psychodynamic.

I. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou estudar a percepção de crianças indígenas acerca da psicodinâmica familiar. Tais crianças pertenciam a uma comunidade indígena da Guarani Mbya aldeada, da região metropolitana de São Paulo. O estudo teve como respaldo teórico a psicanálise kleiniana e contribuições de estudos nesta área.

Consideramos de suma importância estudos psicológicos e comportamentais sobre as relações afetivas entre indígenas, já que há uma clara necessidade de podermos melhor compreendê-los. Isto porque tomamos contato diariamente, através dos meios de comunicação popular, com notícias sobre o atual estado de sobrevivência de muitos povos indígenas brasileiros. Desnutrição, epidemias de doenças imunopreveníveis, suicídios e alcoolismo são alguns dos males que os assolam. Neste estado de sobrevivência, se torna óbvio, o sofrimento psíquico destas pessoas e a necessidade de ação da comunidade científica em compreender melhor estes povos, para que assim tenhamos maior assertividade nas ações preventivas, interventivas e curativas.

Assim, o presente estudo justifica-se por tal necessidade de compreensão destes indivíduos, aliada a realidade científica que indica a importância das relações familiares no desenvolvimento humano. Acrescentamos que estudos desta natureza em populações indígenas são escassos.

Faz-se também importante o estudo da psicodinâmica das relações familiares dos povos indígenas, dado o acesso e influência da cultura “não indígena” sobre muitas destas comunidades e, por consequência, possíveis modificações na estrutura, funcionamento e dinâmica dessas famílias a partir de suas origens.

Para tanto, apresentaremos inicialmente alguns aspectos antropológicos, histórico-culturais e políticos das populações indígenas em geral e das comunidades indígenas Guarani do Brasil e, em seguida, tratar-se-á de questões psicodinâmicas vinculares e de configuração familiar.

1.1. Os indígenas no Brasil

Segundo a Fundação Nacional do Índio (2005), os habitantes das Américas foram primeiramente chamados de índios pelos europeus que aqui chegaram. Uma denominação genérica, provocada pela primeira impressão que eles tiveram de haverem chegado às Índias. Os europeus, mesmo depois de descobrirem que estavam em um continente até então desconhecido, continuaram a chamá-los assim, de índios, ignorando propositalmente suas diferenças lingüístico-culturais. Era mais fácil tornar os nativos todos iguais e tratá-los de forma homogênea, já que o objetivo era o domínio político, econômico e religioso.

Dados da Fundação Nacional de Saúde (2000) revelam que no Brasil a população indígena era estimada em cerca de cinco milhões de pessoas no início do século XVI, comparável à da Europa nesta mesma época; foi dizimada pelas expedições punitivas às suas manifestações religiosas e aos seus movimentos de resistência, além das epidemias de doenças infecciosas cujo impacto era favorecido pelas mudanças no seu modo de vida

impostas pela colonização e cristianização, tais como escravidão, trabalho forçado, maus tratos, confinamento e sedentarização compulsória em aldeamentos e internatos.

Segundo este mesmo órgão, a perda da auto-estima, as desestruturas sociais, econômicas e de valores coletivos, muitas vezes da própria língua, cujo uso chegava a ser punido com a morte, também tiveram um papel importante na diminuição da população indígena. Até hoje há situações regionais de conflito onde se vê uma trama de interesses econômicos e sociais que configuram as relações entre os povos indígenas e demais segmentos da sociedade, especialmente no que se refere à posse da terra, exploração de recursos naturais e implantação de grandes projetos de desenvolvimento.

Conforme dados da Fundação Nacional do Índio, no ano de 2005 a população indígena brasileira foi estimada em aproximadamente 350.000 pessoas, pertencentes à cerca de 215 povos, falantes de mais de 180 línguas identificadas, além de uma estimativa de 55 povos isolados, sobre os quais ainda não há informações objetivas. Cada um destes povos tem sua própria maneira de entender e se organizar no mundo, que se manifesta nas suas diferentes formas de organização social, política, econômica e de relação com o meio ambiente e ocupação de seu território. Diferem também no que diz respeito à experiência histórica na relação com as frentes de colonização e expansão da sociedade nacional, havendo desde grupos com mais de três séculos de contato intermitente ou permanente, principalmente na região litorânea e do Baixo Amazonas, até grupos com menos de dez anos de contato (FUNAI, 2005).

Dados censitários do ano de 2000, trazidos por Santos e Pereira (2005) informaram que nas últimas décadas aconteceu o que já se denominou de “*revolução demográfica*” indígena no Brasil. Essa revolução diz respeito a alterações nas tendências populacionais, que até pouco tempo sinalizavam para possibilidades de desaparecimento. Nos últimos vinte e cinco anos, ficou evidente que os indígenas não somente estão crescendo no país, como em ritmo superior às médias nacionais.

Os povos indígenas enfrentam situações distintas de tensão social, ameaças e vulnerabilidade. A expansão das frentes econômicas (extrativismo, trabalho assalariado temporário, projetos de desenvolvimento) ameaça a integridade do ambiente nos seus territórios e também os seus saberes, sistemas econômicos e organização social (FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE, 2000).

Ante as alterações da história e no modus vivendi desses povos, o Estado vem criando e modificando as políticas de proteção dos povos indígenas. Destacamos a seguir tais políticas, com enfoque na questão da saúde destes indivíduos.

I.1.1 POLÍTICAS DE PROTEÇÃO E A SAÚDE INDÍGENA

Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (2000), desde o início da colonização portuguesa os povos indígenas foram assistidos pelos missionários de forma integrada às políticas dos governos. No início do século vinte, a expansão das fronteiras econômicas para o Centro-Oeste e a construção de linhas telegráficas e ferroviárias, provocaram numerosos massacres de índios e elevados índices de mortalidade. Em 1910, houve a criação do Serviço de Proteção ao Índio e Trabalhadores Nacionais, órgão inserido no Ministério da Agricultura, que se destinava a proteger os índios, procurando o seu enquadramento progressivo e o de suas terras no sistema produtivo nacional. Uma política indigenista começou a ser esboçada com inspiração positivista, considerando os indígenas num estágio infantil da humanidade. A assistência à saúde dos povos indígenas, no entanto, continuou desorganizada e esporádica e os serviços restringiam-se a ações emergenciais.

Segundo a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, elaborada pela Fundação Nacional de Saúde (2000), a Constituição Federal de 1988 estipulou o reconhecimento e respeito das organizações socioculturais dos povos indígenas, assegurando-lhes a capacidade civil plena, tornando obsoleta a instituição da tutela e estabeleceu a competência privativa da União para legislar e tratar sobre a questão indígena. Porém, o Estatuto do Índio vigente data de 1973 e, portanto, há incongruências entre este Estatuto e a Constituição Federal, já que esta data de 1988. Sobre este aspecto, a Secretaria de Comunicação de Governo da Presidência da República (1996) informou que os dispositivos atuais do Estatuto de 1973 permanecem vigentes naquilo que não confrontem a Constituição. A

mudança mais importante é que, a tutela de pessoas indígenas foi substituída pela tutela de direitos, ou seja, fica sob a tutela do governo, não mais a pessoa indígena, mas sim a responsabilidade da preservação de seus direitos.

No que diz respeito especificamente à saúde indígena, segundo dados da Fundação Nacional da Saúde (2000), as Conferências Nacionais de Proteção à Saúde do Índio, realizadas em 1986 e 1993, propuseram a estruturação de um modelo de atenção diferenciada, baseado na estratégia de Distritos Sanitários Especiais Indígenas, como forma de garantir aos povos indígenas o direito ao acesso à saúde, propondo atender às necessidades percebidas pelas comunidades e envolver a população indígena em todas as etapas do processo de planejamento, execução e avaliação das ações. O mesmo órgão informa que em 1999 a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, compatibilizou as determinações das Leis Orgânicas da Saúde com as da Constituição Federal que reconhecem aos povos indígenas suas especificidades étnicas, culturais e seus direitos territoriais. Esta proposta incluiu a transferência de recursos humanos e outros bens destinados às atividades de assistência à saúde da FUNAI para a FUNASA, e estabeleceu o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no âmbito do SUS.

Durante as últimas décadas houve grande confusão no que diz respeito à responsabilidade dos órgãos públicos sobre a questão da saúde indígena. A descontinuidade das ações fez com que muitas comunidades indígenas se mobilizassem, até mesmo através de organizações juridicamente constituídas, para adquirir conhecimentos e controle sobre as doenças de maior impacto sobre sua saúde, dando origem a processos de capacitação de agentes indígenas de saúde e de valorização da medicina tradicional, com a participação das diversas instituições envolvidas com a assistência à saúde indígena.

No ano de 2000, a Fundação Nacional de Saúde não dispunha de dados globais fidedignos sobre a situação de saúde dessa população, mas sim de alguns dados parciais, gerados pela FUNAI, FUNASA e diversas organizações não governamentais ou ainda por missões religiosas que, através de projetos especiais, têm prestado serviços de atenção à saúde

aos povos indígenas. Embora precários, os dados disponíveis indicavam que em diversas situações havia taxas de morbidade e mortalidade três a quatro vezes maiores que aquelas encontradas na população brasileira em geral.

Entendemos que, frente às dificuldades sociais e de saúde física pelas quais estes povos vêm passando desde a época da colonização brasileira, nos fica claro que surjam também sofrimentos psíquicos. Desta forma, entendemos que é necessário apresentarmos dados a respeito da saúde mental indígena.

I.1.2. CONTEXTUALIZANDO A SAÚDE MENTAL INDÍGENA

Dados históricos nos mostram que durante estes quinhentos anos da chegada do “homem branco” ao Brasil, a diminuição da população indígena não se deu apenas devido aos assassinatos e apropriações das terras indígenas ocorridos. Segundo a Fundação Nacional de Saúde (2000), a perda da auto-estima, as desestruturações sociais, econômicas e de valores coletivos, muitas vezes da própria língua, cujo uso chegava a ser punido com a morte, também tiveram um papel importante na diminuição das populações indígenas. Ainda hoje, a situação é de tensão extrema. Inúmeras situações regionais de conflitos devido a interesses econômicos e sociais, especialmente no que se refere à posse da terra, exploração de recursos naturais e implantação de grandes projetos de desenvolvimento em territórios indígenas, vêm causando nestes povos um estado aparente de sofrimento psíquico.

Assim, o contexto no qual sobrevivem muitas comunidades indígenas, trouxe perda da identidade e agravantes no que diz respeito à saúde mental indígena no Brasil. Diante disso, podemos verificar que são crescentes os casos de suicídios (OLIVEIRA; LOTUFO NETO, 2003; CASSORLA; SMEKE, 1994; POZ, 2000; ERTHAL, 2001; MOURE, 2005) e alcoolismo (FUNASA, 2000; GUIMARÃES; GRUBITS, 2007).

Diante do fato de que cada comunidade indígena é diferente no que diz respeito à cultura, costumes, etc. Devemos chamar a atenção também para o fato de que a concepção de saúde, de doença e as práticas preventivas e curativas também são particulares a cada etnia. Para que nós entendamos e possamos propor ações interventivas eficazes, devemos conhecer e valorizar estas particularidades.

Sob este aspecto, podemos citar o estudo de Vidille e Tardivo (2003) a respeito de crenças, concepções de enfermidade e tratamento entre indígenas do Alto Rio Negro, a partir da análise de uma sessão terapêutica realizada por um pajé Tukano residente na periferia de São Gabriel da Cachoeira. O pajé classifica as doenças em dois grupos – naturais e “apuntadas” (provocadas por outras pessoas ou por maus espíritos). As reflexões dos autores chamam atenção para o fato de que estes métodos terapêuticos são de difícil interpretação, porém, frequentemente são eficazes. Os autores observaram dados sobre a concepção de doença para o pajé e informam que durante o ritual este parece extrair do corpo do doente, por sucção ou outros movimentos característicos das mãos, um “objeto patológico” cuja presença explicaria a doença. A projeção deste objeto para fora do espaço mental traria alívio. Sua atuação repetitiva no ritual dramatiza o que seria feito por uma mãe suficientemente boa, de maneira reparadora e continente, nas primeiras fases do psiquismo infantil. Como um alter-

ego, cinde imaginariamente o corpo do doente em partes boas e más, projetando os objetos maus para fora.

Ainda sobre as práticas terapêuticas, Moure (2005) buscou compreender as práticas xamânicas dos indígenas da Amazônia Peruana. Em seu trabalho, apresenta três casos clínicos de pacientes ocidentais, droga-dependentes, submetidos a tratamentos com terapêuticas de tradição indígena. O autor procurou mostrar que este diálogo favorece o acontecer de um aspecto chave dessas terapêuticas: o compenetrar-se da própria condição de precariedade como fundamento para a cura.

Segundo Oliveira e Lotufo Neto (2003) estudos realizados entre as populações de nativos em vários lugares do mundo apontam invariavelmente para a importância dos fatores de risco vinculados à psicopatologia, além daqueles ligados aos aspectos socioeconômicos e culturais. Ressalta-se, que no Brasil estudos desta natureza ainda são escassos.

Faz-se importante citarmos que na medida em que o suicídio pode ser explicado como expressão da psicopatologia, susceptível à intervenção, estamos diante da ocorrência de mortes potencialmente evitáveis, conforme nos explicam Oliveira e Lotufo Neto (2003).

Apesar da pouca confiabilidade dos dados e dos poucos recursos destinados à sistematização de uma boa coleta, a Fundação Nacional de Saúde computou 6.594 casos de suicídios no território nacional, em 1995, sendo a maior taxa entre a população de 20 a 39 anos.

No Brasil, parece que o suicídio já era comum entre os Guarani-Apapokuva e os Urubu-Kaapor em meados do século passado. Mas, apesar das descrições de casos esparsos posteriormente, em diversos grupos, como os Paresi, os Sorowaha (POZ, 2000) e os Tikúna (ERTHAL, 2001), a questão somente veio à tona com o destaque dado pela imprensa à "epidemia" ocorrida entre os Guarani, na região de Dourados no Mato Grosso, a partir da década de 1980.

Morgado (1991) discorre a respeito da hipótese do "Recuo Impossível" para explicar os suicídios entre os Guarani-Kaiowá. Segundo este autor, nestes quase cinco séculos, o recuo das tribos indígenas do litoral/meio urbano para o interior foi uma constante quando estes povos percebiam que sua cultura estava sendo ameaçada e que estava ocorrendo degradação dos recursos ambientais daquele local devido à dominação do não índio e, embora com inúmeros percalços, eles conseguiram manter viva sua cultura desta forma. Mas com o aumento da população e privatização das terras, não há mais chances dos Guarani-Kaiowá recuarem para algum outro espaço. Em tal situação de desvalia extrema, a auto-imolação seria a última forma de sua cultura sobreviver. O autor informa ainda que a hipótese do "Recuo Impossível", caracteriza-se pela ocorrência simultânea de dois tipos de sujeição máxima do indivíduo. O primeiro, já citado, seria o total esgotamento de opção para recuar ou mudar, sem nenhuma possibilidade de território para os indígenas viverem, enquanto povo com identidade própria. O segundo seria a degradação extrema de condições universais de

dignidade do ser humano, que independe da pessoa ser um indígena ou não; liquidar o patrimônio material e cultural, corromper os costumes e aviltar a pessoa é ruim para qualquer grupo de indivíduos.

Erthal (2001) discorre a respeito de seu estudo sobre a ocorrência de suicídios entre os índios Tikúna do Alto Solimões. Este é um objeto de difícil aproximação que necessitaria de abordagem interdisciplinar. No caso Tikúna, levanta-se a hipótese de que o suicídio seja interpretado não somente como ato de agressão dirigido ao próprio indivíduo, mas também como ato de expressão de raiva contra os parentes. Uma parte da alma “*naci*” permaneceria no lugar onde o indivíduo morreu, podendo ocasionar infortúnios àqueles que com ela entrarem em contato. Assim, a sucessão de suicídios que ocorreu a partir de 1990 pôde ser relacionada não em termos das aproximações religiosas, encadeamentos geográficos e temporais que são mais evidentes, mas como possível descritor de momento específico da interação social e das percepções que os diferentes grupos têm dele. O trabalho de campo deste autor indica o ato do suicídio como resposta a determinadas situações de conflitos culturais de relacionamento intra-familiar, que têm sido interpretadas como “problemas de nação”. A desqualificação do indivíduo envolvida na recusa de um pedido de casamento, por exemplo, pode estar de modo mais contundente na base do ato do suicídio do que propriamente a “perda da amada” ou, ainda, a explicação do “problema de nação”.

Erthal (2001) concluiu que o suicídio entre os indígenas deve ser visto através de suas particularidades culturais e complementa alertando que na base desses confrontos está também o abandono a que tal população tem sido submetida pelos órgãos responsáveis pelas políticas públicas para as populações indígenas, com destaque para uma falência do modelo de assistência proposto para a área do Alto Solimões.

Um diagnóstico elaborado pela Funasa (2000) indica que entre as enfermidades mais comuns nos grupos indígenas brasileiros, está o alcoolismo, sobretudo, nas regiões nordeste, centro-oeste, sudeste e sul.

O alcoolismo dos pais tem sido associado também a um importante aumento do índice de crianças com desnutrição e considerado como um dos fatores que têm provocado tensão dentro das comunidades, estimulando a sexualidade fora das regras do grupo, assim como abuso sexual e prostituição nos centros urbanos e em rodovias (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

Guimarães e Grubits (2007) estudaram a questão do alcoolismo em etnias indígenas brasileiras em sua relação com a violência. Segundo as autoras, várias doenças continuam a atingir estes grupos e novas ameaças e exposições são recorrentes, tais como, o aumento da prevalência de transtornos mentais, do alcoolismo, do suicídio e da violência interpessoal. Esta situação demonstra a necessidade de intervenções específicas, pois a questão do alcoolismo e da violência podem ter significado e interpretações muito diferentes para cada grupo étnico.

Porém, Guimarães e Grubits (2007), ressaltam que o alcoolismo não deve ser visto de uma forma isolada, devendo ser compreendido dentro do seu contexto sociocultural, recordando também que as bebidas alcoólicas sempre foram utilizadas como arma de dominação em relação às populações indígenas, e que algumas delas, por fatores próprios apresentaram uma resistência diminuída frente ao contato com a sociedade não indígena nestes séculos.

1.1.3. Os Indígenas Guarani

Os Guarani falam a língua Guarani, que pertence ao tronco Tupi e à família lingüística Tupi-Guarani. No Brasil, os Guarani são divididos em três subgrupos: Mbya, os quais estão principalmente no litoral e interior dos estados do sul e sudeste, Chiripa ou Ñandeva, que se encontram no interior e litoral sul e sudeste e Kayowá localizados principalmente no Mato Grosso do Sul (LITAIFF; DARELLA, 2000).

A cultura Guarani é marcadamente masculina, conforme Schaden (1974). Pode-se perceber tal característica verificando que, tanto a liderança religiosa quanto os demais cargos de liderança das aldeias estão invariavelmente nas mãos dos homens da tribo. O autor chama atenção ainda para o fato de que é difícil delimitar com exatidão quais aspectos fazem parte tradicionalmente da cultura Guarani e quais aspectos foram perdidos e incorporados a partir das reduções jesuíticas, do convívio com os caboclos e da colonização ibérica, que desintegraram as primitivas configurações comunitárias e conduziram os subgrupos Guarani a um elevado grau de homogeneização cultural. O autor disserta ainda atualmente cada um dos subgrupos acentuam e exageram as diferenças existentes, chegando algumas vezes a ridicularizarem uns aos outros.

Em relação à cultura, Meliá (1990) relata que os Guaranis nunca se abstraem da questão da terra, mas que a terra não seria um dado fixo, pois após trabalhá-la, dela se desprendem em ciclos que não envolvem apenas aspectos econômicos, mas também religiosos e sócio-culturais. Assim, as terras hoje adaptadas aos Guarani impõem-lhes condições e determinam variações em seu modo concreto de viver.

Segundo Grubits e Darrault-Harris (2003), a terra “*tekohá*” para o Guarani, não é um simples meio de produção econômica. Este é o lugar onde se dão as condições e possibilidades do modo de ser Guarani. A terra é, antes de tudo, um espaço sociopolítico. O *tekohá* significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa, essenciais para o Guarani, representando a flexibilidade para absorver novos valores, desde que estes não agridam seus elementos básicos. É nele também

que se efetivam as atividades socioeconômicas e políticas, e onde circulam crenças, valores e normas.

Pereira (1995) *apud* Grubits e Darrault-Harris (2003), afirma que para além do “*tekohá*”, há um lugar da imortalidade, a chamada Terra Sem Mal, “*yvy marã ey*”, espaço onde a condição humana é abandonada, para que no homem, possa realizar-se a condição de um deus. Outra questão, que provavelmente determina o estilo de vida Guarani, é a necessidade de permanecer, pelo menos durante um período razoável de tempo, numa região pela sua vocação agrícola. Não podemos, no entanto, deixar de lado o fato dos mesmos se deslocarem, principalmente no passado. Um dos motivos mais freqüentes e citados em diferentes estudos é a busca da “Terra sem Mal”. Assim estes povos chegaram ao Brasil no século XIX, em comitiva religiosa, em busca das terras além mar, ou “*yvy marã ey*”. Meliá (1990) também afirma que o motivo principal, bem como a razão da migração Guarani é a busca da “terra sem mal”, elemento essencial na construção do modo de ser Guarani.

Schaden (1974) afirma que para o subgrupo dos Mbya o mito do Paraíso “*aguiydjê*” tem papel mais fundamental. O autor observou na década de setenta do século passado que estes são os únicos que ainda se dirigem para a região litorânea em busca do Paraíso. A perfeição física e espiritual descrita por este grupo é genuína, mas a combinação de tal mito com dizeres sobre a destruição do mundo pode vir da influência das aulas das missões jesuíticas. Para os Mbya o Paraíso é um horto ou pomar com árvores baixas e de frutos grandes, sem mosquitos, cobras ou feras. Há caça em abundância e tudo nasce por vontade de Deus. Lá há possibilidade de se viver de acordo com o padrão da aldeia – roupas, alimentação, etc. O autor ainda acresce que a idéia de que no Paraíso não é preciso trabalhar é atual e vêm da desintegração aculturativa.

Litaiff e Darella (2000) informam que os Guarani Mbya apresentam características bastante específicas, pois não teriam vivido as reduções, sofrendo assim menos contato com a civilização ocidental. Por este motivo, os Mbya são chamados pelos outros Guarani de “*ka'yngua*”, ou seja, “habitantes da selva”. Segundo os autores, conta um mito paraguaio que a origem dos Mbya se deu em “*yvy mbyte*”, o centro da terra, localizado em *Caaguazú*, no meio da floresta.

Em contrapartida às características culturais a que nos referimos, ressaltamos que Grubits e Darrault-Harris (2003), chamam atenção para a atual interferência na cultura Guarani das comunidades brasileiras, causadas pelo fácil acesso aos meios de comunicação e proximidade das cidades de suas aldeias, o que permite uma influência permanente no desenvolvimento da identidade das crianças da reserva e mesmo da população adulta.

DIANTE DESSE QUADRO, PERCEBEMOS QUE TANTO OS PROBLEMAS DE NATUREZA SÓCIO-CULTURAL E DEMOGRÁFICA QUANTO PSICOLÓGICA AFETAM ESSES POVOS. ISSO NOS ATENTA A ESTUDÁ-LOS MELHOR, MEDIANTE A PERSPECTIVA PSICOLÓGICA. ENTENDEMOS QUE SEU FUNCIONAMENTO, SUA DINÂMICA E OS MEANDROS DE SUAS RELAÇÕES FAMILIARES PODEM NOS TRAZER INDICATIVOS DE COMO LIDAR COM OS PROBLEMAS RELACIONAIS NA PRÁTICA CLÍNICA EM SAÚDE MENTAL E NA INSTALAÇÃO DE PROGRAMAS PREVENTIVOS. DE MODO QUE, FAZ-SE IMPORTANTE DISCORRER SOBRE ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA FAMILIAR.

1.2. Família: estrutura e dinâmica

Entendemos que a família, mesmo a ocidental já passou por várias mudanças em sua constituição – tanto na estrutura quanto na dinâmica de funcionamento. Entretanto, no nosso referencial psicanalítico estamos aqui partindo do pressuposto universal proposto por Sigmund Freud, o pressuposto edipiano. Nos valem da compreensão de que no desenvolvimento humano o indivíduo se ancora na triangulação pai-mãe-filho. Neste aspecto, Meyer (1987) disserta que em todas as sociedades encontramos alguma forma de família. Para este autor, família seria uma unidade sócio-econômica formada a partir de um par potencialmente capaz de reproduzir esta unidade. Nela, o padrão de atitudes sexuais e parentais, relaciona-se ao meio cultural ao mesmo tempo em que define os papéis de seus membros e a base de suas interações.

A família é considerada por Bleger (1984), como uma instituição. Waddell (1994) complementa esta idéia, conceituando família como um grupo de pessoas ligadas por laços de parentesco, mas disserta que, as referências à esta devem ser especificadas dentro de um contexto histórico e cultural. Sendo assim, faz-se importante para a compreensão do presente estudo, entender o conceito de família dentro do contexto histórico-social.

Para tal, apresentaremos brevemente algumas mudanças estruturais pelas quais a instituição familiar passou nos últimos séculos e como esta se encontra atualmente. A seguir, apresentaremos aspectos da dinâmica psíquica da instituição familiar.

Ariès (1981) nos explica que a partir dos séculos XV e XVI nasce um novo sentimento em relação à família. Numa visão mais ampla, no que diz respeito à constituição da família moderna ocidental, Pôster (1979) nos informa que esta nasceu por volta do ano 1750 e quatro modelos de família são importantes para que a compreendamos - a família

burguesa de meados do século XIX; a família aristocrática dos séculos XVI e XVII; a família camponesa dos séculos XVI e XVII e a família da classe trabalhadora do início da revolução industrial. Porém, o autor chama atenção para o fato de se basear em seus conhecimentos a respeito desses quatro modelos na população européia e que, portanto, seu conhecimento é o fator limitante para que fale sobre modelos provenientes da história de outros países ou de outras etnias. Todavia, trazemos as contribuições deste autor, pois entendemos que tais modelos de família influenciaram o processo de colonização do nosso país, bem como a constituição da família brasileira contemporânea, que discutiremos mais adiante.

Sendo assim, no que diz respeito à família burguesa ou nuclear, Pôster (1979) nos informa que esta se assemelha, em sua estrutura, à família contemporânea em aspectos como o planejamento familiar e a baixa mortalidade. Buscava-se protelar a estender a vida sexual, sendo que as mulheres eram vistas como seres que deveriam ser assexuados e angelicais, enquanto que para os homens o sexo estava separado dos sentimentos ternos e valorizava-se a conquista de mulheres de classes inferiores. O casamento era visto como uma forma de preservação e acumulação de capital. Havia uma clara separação; casamento e amor de um lado e sexualidade do outro. O marido era provedor e a autoridade que comandava a família. A esposa era sua dependente e preocupava-se exclusivamente com o lar, sendo que seu principal interesse era sobre os filhos, sendo que neste período, um novo grau de intimidade passou a caracterizar as relações entre pais e filhos desta classe. A família era um microcosmo privado, e assim o poder dos pais sobre os filhos cresceu consideravelmente, pois estes eram confinados ao convívio com os familiares e outras figuras da comunidade não mais exerciam grande influência sobre eles. As normas para as relações em família deixam de ser ditadas pelas tradições da comunidade.

Pôster (1979) nos explica que a família aristocrática incluía uma mistura de parentes, dependentes e criados. Constituía-se do agrupamento de até 200 pessoas. No palácio não havia privacidade, sendo que este era lugar público e político. Simbolizava-se o poder do senhor pela grandiosidade material. Neste período as mulheres eram consideradas tão sexuais quanto os homens e o sexo não era assunto privado. Os aristocratas tinham muitos filhos e, assim como havia alta fertilidade, havia alta mortalidade. As linhagens deveriam ser mantidas e para tal os casamentos eram políticos e visavam manter as propriedades da família. Os filhos eram comumente enviados a outras casas nobres para serem criados e não havia grande preocupação dos pais pelos filhos pequenos. As famílias aristocráticas não tentavam concentrar as emoções infantis à família exclusivamente.

A família camponesa possuía, conforme Pôster (1979), mais características da aristocrática do que da família burguesa. Os camponeses em geral se casavam em torno dos trinta anos e tinham cerca de quatro ou cinco filhos vivos. Cerca de três gerações viviam na família, porém havia numerosos parentes morando nas proximidades. Os laços de dependência com a aldeia eram muito fortes e as interações cotidianas envolviam toda a aldeia. A família não estava isolada da sociedade num mundo privado, pois a aldeia era a família do camponês. A autoridade social não estava investida no pai, mas na própria aldeia. A privacidade também não tinha grande valor. As mulheres trabalhavam arduamente na casa, cuidando de animais e hortas e as crianças não eram o centro das atenções e nem criadas com devoção. Havia uma circulação de crianças entre casas de outros camponeses para aprendizagem e estas também aprendiam a depender da comunidade e não dos pais.

Prado (1983) traz algumas contribuições para a compreensão da família existente do século XVIII e XIX. Segundo a autora, nesse período pré-industrial a sociedade era repressiva e autoritária e o tipo familiar dominante era o extenso ou tradicional. Nas classes sociais mais altas encontrava-se esse grupo vivendo em grandes residências e nas classes mais baixas os grupos ocupavam casas contíguas reunindo-se com frequência. O papel da família extensa era preponderante do ponto de vista da educação, reprodução, religião e política. As uniões matrimoniais eram decididas pelas famílias e as mulheres deveriam ser fiéis e subordinadas aos homens. O prestígio social do indivíduo dependia de sua origem e posição no interior da família.

Já durante o início do período de industrialização, segundo Pôster (1979) a família da classe trabalhadora seguia o padrão de alta fertilidade e alta mortalidade e a expectativa de vida era baixa para os trabalhadores fabris. As condições sanitárias eram muito ruins e o padrão sexual era o pré-burguês, sendo que ocorria a exploração sexual das operárias e a prostituição. Continuava a diminuição do controle comunitário, mas os indivíduos procuravam se juntar para realizarem ações que ajudassem a melhorar suas condições de vida. Os jovens afirmavam cedo a independência frente aos pais. As crianças geralmente trabalhavam e os filhos eram criados de maneira informal, por mães exaustas e geralmente pelas ruas. Nas últimas décadas do século XIX ocorreu um tipo de “aristocracia” da classe operária com conquistas de cargos, salários melhores e redução de carga horária de trabalho.

Airès (1981) informa que na família moderna, gradativamente, a valorização da sociabilidade foi sendo destruída e em seu lugar a família foi se tornando uma sociedade fechada, na qual seus membros gostavam de permanecer, a qual era evocada com prazer. O autor ainda acrescenta que toda a evolução dos nossos sentimentos contemporâneos não pode

ser compreendida se desprezarmos esse crescimento do sentimento de família e ainda conclui que não foi o individualismo que triunfou, e sim, a família.

No que concerne à família contemporânea brasileira, Prado (1983) informa que a imagem de família burguesa foi pouco expressiva, sendo mais um modelo idealizado e trazido pelos imigrantes europeus do que um modelo brasileiro. Inicialmente em nosso país tivemos incorporadas as normas jurídicas portuguesas e suas tradições acerca da vida familiar, acrescida da influência indígena que insistiam em manter suas próprias tradições, mesmo com as incursões missionárias, bem como da influência africana, pois, apesar dos africanos terem sido impedidos de manter suas tradições devido aos interesses econômicos e das separações dos membros de uma mesma família, tal influência deve ser considerada. Somam-se ainda as influências que decorreram das imigrações européias – holandesas, japonesas, espanholas, italianas, etc. - bem como da abolição da escravatura e dos indígenas integrados à sociedade.

Prado (1983) reitera que há uma afirmação crescente do modelo de família nuclear, tanto no Brasil quanto em outros países, mesmo aqueles onde existe tradição por famílias extensas, notando-se esta transformação principalmente nos centros urbanos. A autora ainda chama atenção para o fato de que as mudanças nos modelos familiares se dão devido aos interesses sócio-econômicos de uma sociedade. Assim, segundo Waddell (1994) na sociedade contemporânea, poderíamos definir família como *“uma unidade socioeconômica organizada em torno de um par heterossexual”* (p 27).

Apesar dos modelos de família trazidos serem de grande importância para a compreensão da temática da família, não podemos deixar de considerar que estes modelos não são os únicos. Desta forma, segundo Lévi-Strauss (1980) a família não deve ser considerada de forma dogmática. Este autor nos explica que uma grande parte dos antropólogos entende que há algum tipo de família em todas as sociedades humanas, contudo, chama atenção para o simplismo desse posicionamento, pois se sabe que há sociedades nas quais podemos alegar a inexistência de laços familiares. Portanto, considerar que qualquer tipo de união entre um casal ou grupo, bem como qualquer divisão de funções entre homens e mulheres é uma prova de existência de família não teria em comum mais do que o “termo” utilizado para se referir à outro tipo de família, tal como pode ser visto noutros grupos étnico culturais.

Levi-Strauss (1980) afirma ser necessário construir um modelo para se definir o que é família e, segundo o autor, este não pode se constituir integrando as numerosas observações que podem ser realizadas em sociedades distintas, nem tampouco limitarmos ao que conhecemos ao que existe entre nós. Para tal, a palavra família serve para designar um grupo

social que siga as três características seguintes, a partir do qual devemos fazer um estudo detalhado destes diversos aspectos em cada grupo social:

“1) Tem a sua origem no casamento. 2) É formado pelo marido pela esposa e pelos filhos (as) nascidos do casamento, ainda que seja concebível que outros parentes encontrem o seu lugar junto do grupo nuclear. 3) Os membros da família estão unidos por a) laços legais, b) direitos e obrigações econômicas, religiosas e de outro tipo c) uma rede precisa de direitos e proibições sexuais, além duma quantidade variável e diversificada de sentimentos psicológicos tais como amor, afeto, respeito, temor, etc.” (p. 16)

Assim, entendemos que devido ao fato do presente trabalho ter se proposto a estudar aspectos relacionados à família do grupo étnico Guarani Mbya, entendemos que devemos nos remeter as informações socioculturais existentes a respeito desta etnia.

A este respeito, Prado (1983) informa que as famílias indígenas brasileiras variam em costumes de uma etnia para outra, bem como evoluem em suas formas através dos tempos. Tais famílias possuem regras próprias e estabelecem suas prioridades, princípios, funções e métodos de punições, em função do grupo étnico do qual fazem parte.

Sobre este aspecto, o estudo de Grubits, Darrault-Harris e Pedroso (2005) denotam que vêm ocorrendo um processo de transformação interna na organização social e cultural dos grupos indígenas, em suas relações, estruturas de poder etc. Há pontos que se assemelham e pontos que divergem extremamente entre si, relacionados a uma multiplicidade de fatores, provavelmente devido ao contato com a sociedade envolvente, os quais podemos apenas supor.

Dentre os importantes resultados apontados pelo estudo de Tardivo (2004) destacamos aqui o que diz respeito às relações familiares em São Gabriel da Cachoeira, município do alto Amazonas constituído fundamentalmente por descendentes de diversas etnias indígenas. Os relatos dos participantes, bem como os desenhos apresentados evidenciam que as condutas agressivas dos jovens relacionam-se também aos conflitos familiares. A autora aponta ainda que os pais desses jovens se sentem perdidos, ou seja, “*não dão o que não têm*” (p 98). As famílias, portanto, vivem situações de crise e intenso sofrimento.

I.2.1. A FAMÍLIA GUARANI

No que diz respeito à constituição tradicional, segundo Schaden (1974) a organização social dos Guarani baseava-se na “família-grande”, a qual era constituída pelo casal, filhas casadas, genros e a geração seguinte. O conagraçamento de famílias-grandes constituía a aldeia ou parte dela. O grupo de parentesco era a unidade de produção e consumo, bem como a aldeia era a unidade religiosa. Os chefes das famílias podiam ser rezadores ou chefes religiosos se sentissem vocação para tal e, em alguns casos, a família dividia-se em duas, cada uma com seu rezador “*ñanderú*”, não havendo rivalidades entre sacerdotes, o que mostra a

estreita relação entre a chefia do grupo familiar e a autoridade carismática. O cargo que o autor observou na década de setenta do século passado, denominado capitão ou cacique foi instituído devido à interação com a sociedade não indígena, sendo que geralmente este representava os interesses da aldeia frente à sociedade envolvente, sendo também o responsável pela ordem da aldeia.

Grubits, Darrault-Harris e Pedroso (2005) informam que na dinâmica social Guarani, a solidariedade do grupo parental é um dado relevante, mas as conexões sociais na aldeia são fracas e instáveis, levando a freqüentes modificações na organização da comunidade. Porém, as relações econômicas, ao contrário, ligam entre si todos os indivíduos de determinada aldeia.

Conforme Schaden (1974) nesta organização, a criança não aprende a focalizar suas emoções ou expectativas de recompensa e punições em determinadas pessoas, já que os outros adultos da comunidade também estão em condições de exercer tais funções. A criança Guarani é extremamente independente e participa da vida e dos problemas dos adultos assim que seu desenvolvimento físico o permite.

Em estudo realizado com o HTPF, com especial atenção aos desenhos das casas, Grubits (2003) observou a importância da família-grande para as crianças Guarani-Kaiowás, expressa em seus desenhos. A autora dividiu os resultados em três grupos, sendo que no primeiro as crianças fizeram desenhos de casas ligadas por caminhos, reunindo as habitações pelo parentesco, no mesmo local; noutro grupo foram desenhadas casas isoladas, porém mantendo as características da arquitetura Guarani-Kaiowá e, por fim, outras crianças representaram casas de acordo com os padrões de desenhos comuns da maioria das crianças dos centros urbanos.

Schaden (1974) afirma que havia uma noção de que não era possível interferir no processo de desenvolvimento da personalidade, pois a “alma” já nasceria “pronta”. Sendo assim, o autor disserta, no que concerne ao desenvolvimento psíquico e moral dos indivíduos, que historicamente, ou seja, em épocas anteriores a aculturação acelerada, o Guarani não acreditava na eficácia de métodos educativos, a não ser por via mágica ou em casos excepcionais, sendo quase impossível o processo educativo no sentido de repressão. Para os Ñandéva e Mbya as rezas e demais aspectos de sua cultura e religiosidade, não são propriamente ensinadas as crianças, já que se crê que elas são enviadas diretamente pelas divindades. A criança aprenderia as rezas e outros aspectos da cultura pela participação nas cerimônias desde a mais tenra idade, bem como pela imitação dos adultos. O autor ainda informa que as crianças Guarani costumam trabalhar, sendo que as meninas cuidam de irmãos menores, carregam água, etc., enquanto que os meninos trabalham na roça ou levam os produtos necessários da roça para a casa.

Ainda no que se refere à criança, Schaden (1974) acrescenta que, devido ao extremo respeito à vontade individual, desde a mais tenra infância, o Guarani não aprendera na infância a dominar seu temperamento e, quando se torna adulto, passa a queixar-se de tudo e

lhe é quase inconcebível a noção de arrependimento, tendendo sempre a atribuir ao outro as causas de seus sofrimentos.

Em estudos com desenhos da população infantil Guarani-Kaiowá do estado do Mato Grosso do Sul, Grubits e Darrault-Harris (2003) perceberam que a mulher dessa etnia vêm revelando uma tendência para assumir o papel de guardiã da cultura, permanecendo na reserva, representando a cosmologia Guarani e buscando a identificação com sua etnia, enquanto a maioria dos homens saem da reserva para procurar trabalho e meios de sobrevivência, construindo uma identidade de homem da cidade, conforme os trabalhos de expressão artística das crianças.

Desta forma, compreendemos que devido ao fato de que em algumas regiões do Brasil, atualmente os homens indígenas necessitem sair da reserva para trabalharem na cidade, certamente vem gerando transformações nas relações de gênero.

No que concerne às separações de casais, Schaden (1974) informa que o alto índice de separações provocam a perda da referência dos filhos, principalmente homens pela figura paterna. A mãe é vista como a mesma a vida toda, mas o pai pode mudar. Após casamento, o homem Guarani desliga-se facilmente da família de origem e tem o sogro como referência; já a mulher, mantém grande ligação com mãe, mesmo depois de casada. O índice de desorganização social dos Guarani observados pelo autor já na década de setenta do século passado, com exceção do grupo Mbya, está diretamente relacionado à instabilidade das uniões conjugais. Tal fato tem repercussões em toda a comunidade, uma vez que a estrutura social Guarani se apóia nas relações da família. Em muitos grupos a família-grande já não pode subsistir pois é precária a existência da própria família elementar.

Especificidades da Família Guarani Mbya

Segundo Litaiff e Darella (2000) as aldeias Mbya são geralmente formadas por pequenas residências divididas em núcleos, em cujo centro localiza-se a residência do cacique e a casa de reza comunitária “*opy*”.

No que se refere aos rituais de passagem, Schaden (1974) informa que os Mbya praticam um ritual de perfuração do lábio inferior dos garotos quando estes atingem a idade pré-pubertária. Antes de ter o lábio perfurado, os meninos passam por orientações do pai ou alguém disso encarregado, que lhe ensinará técnicas de artesanato e orientações ligadas ao trabalho, ao respeito pelo outro, a comportar-se bem, não beber “pinga” e respeitar a mulher quando se casar. Assim, o menino estaria já pronto para o casamento. No grupo Guarani Mbya este ritual é praticado, porém não tem uma importância central como nos grupos de Ñandevá e Kayová.

Schaden (1974) também explica que o ritual de passagem dos meninos é um acontecimento de profunda significância religiosa, mas a menarca não. Esta se reduz há certo número de restrições para evitar que a jovem se exponha aos perigos sobrenaturais. A menarca é um acontecimento individual e suas precauções se assemelham as da couvade, porém são mais rígidas, pois a jovem também pode ser vítima do *odjépotá* (encantamento

sexual) e dos espíritos da pedra, das árvores e da água. O autor inclui ainda que durante a menarca a jovem deve ficar reclusa, longe do chão, e se alimentar de comidas leves.

No que se refere ao casamento, Schaden (1974) disserta que entre esta população o casamento costuma se dar por volta dos 14 anos da moça e um pouco mais tarde para os rapazes. Entre os Guaraní Mbya, a iniciativa para a vida amorosa é do rapaz, sendo que muitas vezes o rapaz leva a moça para a casa de seus pais e lá vivem juntos por algum tempo. Se houver filhos e entendimento entre o casal, o rapaz vai pedir licença para o casamento ao pai da noiva e esta faz o mesmo com a mãe do noivo. Vale citar que estes povos consideram incestuosas as relações entre primos e entre tios e sobrinhas, as quais são vistas em outras etnias.

As informações trazidas por Litaiff e Darella (2000) sobre a residência do casal diferem das contribuições trazidas por Schaden (1974), pois, segundo tais autores, entre os Mbya o genro habita a casa de seu sogro até o nascimento do primeiro filho e a estabilização do casal, quando então está livre para decidir onde morar. Assim como Schaden (1974) estes autores afirmam que há preferência das mulheres em viverem próximas às suas mães.

Ainda a respeito do casamento, Litaiff e Darella (2000) afirmam que os Mbya procuram manter a endogamia, pois o casamento ideal é entre indivíduos do mesmo subgrupo, da mesma aldeia ou de outras aldeias Mbya, sendo esta uma de suas principais características. Complementando esta idéia, os autores afirmam que conforme informações que obtiveram de quase todos os indivíduos desta etnia, é obrigatória a moradia na aldeia e, se um membro do grupo casar com um indivíduo que não seja Mbya, este deve deixar a comunidade.

Conforme Schaden (1974) quando há notícia de gravidez, mãe e pai Mbya passam a tomar cuidados especiais. O pai deixa de amarrar coisas e fazer laços para a caça, pois se isso fizesse poderia machucar o feto, assim como deixa de comer determinadas carnes, as quais a mãe também não deve comer. Todas as restrições dizem respeito ao bem estar físico do bebê. Após o parto, o pai fica de resguardo, a fim de neutralizar a vulnerabilidade física e psíquica de toda a família devido ao nascimento de um bebê e em especial para garantir o bem estar do recém-nascido. Durante esse período, que se estende até a queda do cordão umbilical o homem não deve trabalhar, caçar ou andar pelo mato. Também os pais devem ficar de vigília, dormindo o menos possível. Ocorre também a abstinência sexual dos pais durante este período.

Sobre as restrições referentes ao resguardo paterno, faz-se interessante citar que na cultura Mbya o pai não deve andar pelo mato quando está de resguardo para não correr o risco de ser vítima do “*odjépotá*” (encantamento sexual). Neste encantamento, o pai que não resiste à tentação de sair, quando se depara com o primeiro animal pelo caminho, verá este como semelhante a uma pessoa e será por este atraído. O animal então “se misturaria” com o índio, vivendo com ele pelo resto da vida. Segundo Schaden (1974), os animais citados pelos índios

que fazem parte do “*odjépotá*” são cobras, sapos e outros que autor descreve como possuidores de algum simbolismo sexual. O autor também chama atenção para o fato de que a couvade não deve ser reduzida a um conjunto de ritos, mas sim deve ser confrontada com outras situações da vida e práticas análogas a ela. O Guarani chama a couvade de resguardo e emprega o mesmo termo para a parturiente. O autor aponta que existe, portanto, um elemento comum nas relações maternas e paternas.

Vizzotto, Tardivo, Bonfim e Arias (2004) realizaram um estudo teórico que buscou traçar aproximações entre o exercício paterno ocidental e indígena Guarani. As autoras concluíram que a função paterna parece ser a mesma nestas duas culturas, ou seja, a função social, superegógica. O que mudaria seriam algumas particularidades do exercício paterno, ou seja, há diferenças no modo de “ser pai”. Porém, as autoras chamam atenção para a necessidade de estudos mais aprofundados na área psicológica ou relacional nessas populações.

Vale ressaltar que, devido à aculturação que estes povos vêm sofrendo, muitas das tradições aqui citadas estão sendo modificadas. Em 1974, Egon Schaden já observou, por exemplo, que em muitas tribos próximas as grandes cidades, os noivos casam-se conforme os ritos da aldeia e depois vão para o cartório da cidade e se casam, com padrinhos brancos, “*para não caçoarem dos índios*” (sic). Outros costumes, como a perfuração do lábio do menino e resguardo do pai após o nascimento de um filho, vêm diminuindo gradativamente.

1.2.2. Considerações sobre a Dinâmica Familiar e o Vínculo

Compreendemos que devemos considerar os aspectos do contexto histórico, social, cultural e étnico que influenciam as relações familiares, porém, é imprescindível num estudo psicológico e psicanalítico em particular, considerar a dinâmica intrapsíquica do grupo familiar, bem como as relações vinculares entre seus membros, como já salientamos anteriormente. Assim, apresentaremos algumas considerações a este respeito, no que concerne a dinâmica familiar.

Como já visto, Bleger (1984) considera a família como uma instituição. Meyer (1987) complementa esta idéia, dizendo que a família é um ponto de encontro dos funcionamentos individual, grupal e institucional.

Pincus e Dare (1981) chamam atenção para o fato de que para compreendermos a família devemos entender todas as etapas de desenvolvimento pelas quais os indivíduos passam – desenvolvimento do bebê; infância; adolescência; casamento e meia idade; perda e morte. Neste aspecto, sabemos que a qualidade dos vínculos, em especial as primeiras

relações vinculares, é preponderante para o desenvolvimento adequado do indivíduo. Portanto, segundo Oliveira e Collet (1999) tal importância recai, principalmente, no vínculo afetivo criança-família.

Muitos são os estudos a respeito do vínculo mãe-bebê (MONDARDO; VALENTINA, 1998; THOMAZ; LIMA; TAVARES; OLIVEIRA, 2005; JUNQUEIRA, 2003; LOPES; ALFAYA; MACHADO; PICCININI, 2005), dentre outros. Pesquisas sobre o vínculo paterno filial ainda existem em menor quantidade, destacam-se Vizzotto (1988) a respeito de associações entre ausência paterna e psicodinâmica ao aproveitamento escolar da criança, Vizzotto (1994) que investigou aspectos psicodinâmicos da paternidade em doze casos de homens cujas esposas encontravam-se grávidas do primeiro filho em meses variados de gestação, Dantas (2003) sobre a construção e manutenção do vínculo entre pais e filhos após a separação do casal, dentre outras. No que concerne às relações existentes no grupo familiar, destacamos os estudos de Blini de Lima (1991/1997).

A este respeito, lembramos também as contribuições de Richter (1990) sobre a importância do complexo de Édipo no desenvolvimento humano e na compreensão familiar. Segundo este autor, devido ao complexo de Édipo ter sido o principal assunto de discussão de S. Freud, conclui-se que a psicanálise sempre se preocupou com a origem e estrutura dos conflitos familiares. Porém, o autor chama atenção para o fato de que a abordagem de Freud foi individual e não sociopsicológica, mas que todos os conhecimentos que temos hoje a respeito da medicina somática, dos processos dinâmicos do funcionamento psíquico do indivíduo e dos processos grupais, são devidos a Freud. O autor complementa esta idéia dizendo que necessitamos de uma compreensão consistente acerca das relações existentes dentro da família, porém, considera que as interações sociais devem ser estudadas em suas diversas motivações e sem nenhum tipo de simplificação da abordagem psicanalítica.

Segundo Meyer (1987), o ponto central para se entender a dinâmica familiar é compreender que os conflitos intrapsíquicos são deslocados para o relacionamento entre os membros da família. Tais deslocamentos se operam pela identificação projetiva, ou seja, parte do mundo interno do indivíduo é destacada e via projeção passa a se localizar num determinado objeto. Em resultado, o indivíduo fica desprovido dessa parte e experiencia o objeto como se este possuísse esta tal parte destacada.

Meyer (1987) considera que a dinâmica relacional do casal tem certa propensão a tornar-se a dinâmica familiar. Vale ressaltar que o casal é um “veículo de transporte” das expectativas e necessidades ancestrais, ou seja, das famílias de origem do homem e da mulher. Seguindo este raciocínio, o autor disserta sobre a gravidez do casal, na qual o bebê já é “moldado” pelas fantasias inconscientes de seus pais mesmo antes do nascimento. Após seu nascimento surge então uma nova dinâmica, vinculada à situação triangular e reedições das situações edípicas dos pais, nas quais há coerções recíprocas para que o bebê seja cúmplice

na satisfação das expectativas dos pais e de suas famílias de origem. Assim, a natureza da interação da família nuclear será determinada pelas qualidades das relações objetivas que foram introjetadas ao longo do desenvolvimento individual de cada membro do casal.

A respeito de tais reedições, lembramos que segundo Freud (1914) as situações traumáticas que não foram elaboradas, serão repetidas durante a vida através da atuação. Pode-se dizer que o indivíduo expressa conteúdos reprimidos pela atuação ou atua-os, reproduzindo tais conflitos não como uma lembrança consciente, mas como uma ação inconsciente. Repete sem saber o que está repetindo. Quanto maior for à resistência, mais extensivamente a atuação substituirá o “recordar” tal conflito.

A dinâmica familiar, conforme Waddell (1994) assume o formato de conflitos de grupo, colocados no indivíduo, e este, por razão de sua própria patologia, consente com o papel que lhe é designado para a atuação neste grupo. Ou seja, muitas vezes, o que parece ser um problema grupal ou um conflito interpessoal pode também ser a consequência de um conflito intrapessoal que se torna, pela identificação projetiva, numa preocupação grupal. Pincus e Dare (1981) também dissertam a este respeito, informando que uma crise em um dos membros da família pode fazer com que toda a família passe por uma época crítica.

Faz-se importante citar que o vínculo é sempre um vínculo social, mesmo quando estabelecido com uma só pessoa, já que, através da relação com tal pessoa, inúmeros outros vínculos são trazidos e repetidos (PICHON-RIVIÈRE, 1991). A psicanálise contemporânea, segundo Richter (1990) não considera mais o indivíduo apenas como possuidor de um aparelho psíquico que talvez necessite de diagnóstico e tratamento. A condição psicológica é relacionada à estrutura do grupo ao qual ela pertence, com destaque à família.

No que diz respeito à criança, Blini de Lima (1997) afirma que independente da constituição da família, esta é o núcleo primordial que recebe a criança e é o lugar onde ele realiza a experiência de existir, sendo representante dos primeiros contatos da criança com o mundo. Ainda, a autora afirma que das interações entre família real e seus sentimentos, dados os mecanismos de introjeção e projeção, a criança constrói uma família dentro de si, que faz parte de seus objetos internos. Assim, essa representação de família molda e interfere em sua relação com o mundo externo.

Da mesma forma, Meyer (1987) afirma que as relações familiares podem ser comparadas a vínculos, a atitudes em relação aos objetos e, dentro da família seus membros atribuem e comunicam uns aos outros uma série de características particulares. Assim, a criança internaliza um objeto chamado pai, outro chamado mãe e outro chamado relacionamento conjugal. Complementando esta idéia, Knobel (1987) nos explica que a relação do casal parental interfere favorável ou desfavoravelmente, no desenvolvimento psíquico do bebê desde a gestação. O bebê que não sente um casal amoroso de pais que o aceite, pode nascer com predisposições a problemas psicológicos ou somáticos. O autor nos informa também que a adequada elaboração da fase genital prévia, depende não só dos exercícios de satisfazer a curiosidade no exibicionismo, da atividade masturbatória lúdica e da própria atividade lúdica, mas fundamentalmente, depende da

identificação projetiva com o casal parental em coito satisfatório.

Como já dito, a presente pesquisa trata da percepção de crianças indígenas sobre as relações familiares e, portanto, dos vínculos existentes entre os indivíduos de um grupo familiar. Por este fato, entendemos que é importante elucidar o conceito de vínculo aqui adotado. Segundo Pichon-Rivière (1991), o vínculo é uma relação particular com um objeto que inclui uma conduta mais ou menos fixa em relação a tal objeto. Portanto, a relação entre os objetos, internos e externos, é a estrutura interna do vínculo. A qualidade do vínculo está diretamente relacionada ao fato desses objetos serem não-simbióticos ou diferenciados.

Bleger (1989) informa que há uma sobreposição entre os conceitos de relação objetal, vínculo e relação interpessoal. A fim de esclarecer particularidades destes constructos, explica que o vínculo é o tipo de união ou de relação com toda a estrutura formada pelo sujeito e seu ego, o objeto ou parte deste e a qualidade da relação entre ambos. A relação objetal estaria relacionada às características com as quais se introjetou o objeto externo e a relação interpessoal é a conduta, a qual coloca a ênfase sobre o grupo, relaciona-se, portanto, ao vínculo com outros indivíduos.

Conforme Richter (1990) um indivíduo psicologicamente doente muitas vezes não obtém melhora, enquanto sua família estiver seriamente perturbada. Isto ocorre porque, como já visto, a família tem um funcionamento de grupo e, muitas vezes, o distúrbio psíquico deste indivíduo pode estar enraizado no papel que lhe é concebido neste grupo. Este pode, por exemplo, ser o bode expiatório, no qual é descarregada a tensão coletiva, pois do contrário tal tensão seria insuportável.

Pichon-Rivière (1991) acresce ainda que podemos considerar o indivíduo que adoece como um representante de uma estrutura tanto individual quanto familiar. Conhecer esta

estrutura faz com que os dois aspectos, individual e familiar, possam ser manejados. O autor ainda chama atenção para o fato de que se considerarmos os diferentes tipos de reações que o indivíduo estabelece com sua família e também as condutas diversas que ele manifesta em relação a cada membro deste grupo vamos obter uma descrição clínica mais aprofundada, um quadro visto de dentro.

Meyer (1987) descreve que o observável na interação familiar, é o que é assumido como um produto coletivo, resultante de externalizações diferentes. O autor explica que entende por “coletivo” o fato que, de forma inconsciente, todos os membros do grupo familiar contribuem para a elaboração de um sistema de fantasias, que leva estes membros a desenvolverem diferentes mecanismos defensivos, complementares entre si o qual mantenha tal fantasia.

Blini de Lima (1997) acresce ainda que na família ocorrem processos de diferenciação e de aquisição da identidade, através dos mecanismos de separação e individuação. Knobel (1981) entende que a identidade está em formação desde o começo da vida e que cada etapa evolutiva possui identidade. Assim, conforme Blini de Lima (1997), se a família não puder conter as mudanças do indivíduo, esse funcionará apenas para manter o arranjo habitual da família, tornando-se um depositário e funcionando como estabilizador do grupo.

Assim, Richter (1990) informa que a ruptura de uma família é indicada não pela presença de conflitos sérios, mas pela incapacidade de seus membros de lidar com estas tensões, e resolvê-las sem rejeição ou punição mútua, sem levar nenhum de seus membros a um estado de formação de sintomas.

I.3. A EXPRESSÃO GRÁFICA, AS TÉCNICAS PROJETIVAS E SUA UTILIZAÇÃO EM PESQUISAS COM DIFERENTES ETNIAS

Conforme já esclarecemos, a presente pesquisa fundamenta-se no estudo da percepção de crianças Guaraní Mbya acerca de suas relações familiares. Para tal, utilizaremos principalmente o “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias”, preconizado por Trinca (1997). Porém, atentos ao fato de que estaremos analisando, além do conteúdo das estórias, a produção gráfica de crianças provenientes de uma realidade etnocultural específica, decidimos fazer algumas considerações a respeito da evolução do grafismo infantil, bem como apresentarmos algumas pesquisas realizadas com sujeitos provenientes de etnias e culturas diferentes da nossa, a fim buscarmos subsídios teóricos para avaliarmos as produções das crianças estudadas.

A respeito dos desenhos infantis, Stern (1962) explica que a expressão infantil não se limita a representação, sendo que existe o que a criança representa e porque o representa. Há um sentido por baixo da aparência. A criança expressa em sua obra o que não pode dizer em palavras, ou seja, o desenho é uma oportunidade de expressar preocupações que minavam seu equilíbrio psíquico e, expressando, a criança delas se libera. Stern (1969) ainda nos explica que isso ocorre pois, como a criança tem incompleta a sua expressão verbal, não pode dizer tudo por este meio e, parte de si mesma, escapa de sua consciência. Aí ela se utiliza da expressão simbólica.

Em relação aos desenhos iniciais de crianças pequenas Bender (1938-1972) afirma que os primeiros desenhos são garatujas que expressam um puro jogo motor. Se realizam pelo prazer da expressão motora, sendo que as garatujas em si são um produto secundário, carente de sentido. Complementando este fato, Stern (1961b) disserta que em fases primitivas do desenho, o traçado e a forma são bastante imprecisos e permitem a criança várias interpretações e improvisações sugeridas pelas circunstâncias, por exemplo, o que era a mãe pode se tornar uma casa, etc. No decorrer de sua evolução a criança passa a criar com maior premeditação.

A respeito dessa evolução, Luquet (1927-1978) formulou sua teoria sobre as fases de evolução do grafismo. Com base em seu conceito de Realismo, que consiste na tradução gráfica das características visuais do objeto representado, que não se dá apenas pela perícia do desenhista, mas também por sua intenção, o autor descreve quatro fases de evolução, sendo elas: Realismo Fortuito; Realismo Falho; Realismo Intelectual e Realismo Visual.

Alves (1986) informa que a teoria de Luquet, bem como de outros autores que dissertam sobre a evolução do grafismo são alvo de críticas, pois consideram o desenho da criança do ponto de vista do adulto, ou seja, o objetivo da evolução seria chegar ao Realismo Visual. Sobre este aspecto lembramos Bender (1938-1972) que ressalta que a criança não

experiencia a percepção tal qual o adulto, apesar de possuir capacidade para ler e escrever. Ainda, segundo Stern (1961b) o desenho infantil não é um torpe desenho de adulto, sendo uma escritura particular da criança que evolui junto com suas potencialidades sensoriais e seus conhecimentos. Expressão gráfica é um meio de comunicação. Stern (1962) também chama atenção para o fato de que o sentimento expresso na arte infantil não pode ser captado pelo adulto, a menos que este se coloque em nível da arte infantil. Isso só acontece quando o adulto deixa de impor como norma a sua própria visão.

Segundo Stern (1961b) seja qual for a fase do desenvolvimento, a criança se expressa sempre por um proceder pessoal. O desenho traz um pensamento, é o final de um processo mental. Stern (1962) informa que a partir de certa idade a criança passa a representar imagens do mundo que a rodeia, à sua maneira particular de representar as coisas. A sua intenção pode opor-se a imperícia técnica. Na medida em que se desenvolvem os meios plásticos da criança, cada vez mais os sentimentos a alimentam. O conteúdo formal está no nível do emotivo, pois a criança pinta por necessidade de expressar-se, em todos os estágios de evolução, expressando preocupações inconscientes.

Diante destas considerações lembramos que os desenhos podem ser utilizados no diagnóstico psicológico com diferentes enfoques, seja do ponto de vista da avaliação cognitiva ou no que diz respeito a avaliação da personalidade. Inúmeros são os instrumentos disponíveis e as pesquisas realizadas no âmbito da Psicologia e não nos é possível fazer referência a todos, porém, gostaríamos de destacar alguns trabalhos.

No que concerne a questão cognitiva, Alves (1986) afirma que a utilização do desenho no diagnóstico é amplamente difundida, pois a partir da constatação de que o desenho se desenvolve na medida em que a criança se desenvolve, o desenho passou a ser utilizado como forma de avaliação do desenvolvimento mental. A autora estudou as potencialidades do Desenho da Casa na avaliação de inteligência, através das escalas de Heloísa Marinho e de Ribault, comparando-as ao Teste da figura Humana de Goodenough e concluiu que tanto a escala de Heloísa Marinho, quanto a de Ribault podem ser usados na avaliação da maturidade emocional de crianças da faixa etária de quatro a sete anos de idade.

Testes que se utilizem de cópias de desenhos impressos em cartões também são encontrados. Dentre os existentes, gostaríamos de destacar o instrumento de Bender (1938-1972) que utiliza a cópia de figuras geométricas para a avaliação da organização perceptiva-motora dos indivíduos.

Porém, a própria Alves (1986) nos informa que o uso dos desenhos é mais difundido no que concerne ao estudo da personalidade do indivíduo. Inúmeros instrumentos são

encontrados, dentre eles, destacamos o Teste da Figura Humana da Koppitz (1976), o Teste da Casa, Árvore e Pessoa de Buck (2003) e o Teste do Desenho da Família de Corman (1964). Ressaltamos ainda os Procedimentos de Desenhos-Estórias e de Desenhos de Família com Estórias preconizados por Trinca (1976/1997), os quais unem as técnicas gráficas e de apercepção temática, conforme discutiremos de forma detalhada no decorrer do presente trabalho.

Conforme dito, tais testes de personalidade citados são de natureza projetiva. Sobre este aspecto, segundo Anastasi (1977) o que diferencia os instrumentos projetivos dos demais é a apresentação de uma tarefa relativamente não estruturada, o que torna menos provável as reações defensivas do sujeito. As técnicas projetivas se caracterizam por uma forma global de avaliação da personalidade e se mostram eficientes em revelar aspectos inconscientes, latentes e ocultos da personalidade.

Gostaríamos agora de destacar algumas pesquisas nas quais foram utilizadas técnicas projetivas a fim de estudar sujeitos provenientes de realidades étnicas e culturais diferenciadas, principalmente as indígenas.

Bender (1938-1972) estudou a produção de cinquenta crianças negras nativas da Guiana Francesa na África, na faixa etária de cinco a treze anos, sendo que a maioria nunca havia pegado em lápis ou papel, frente a um instrumento de cópia de formas geométricas utilizado em testes de aptidão do exército. Os resultados nos mostram que a evolução da gestalt corresponde mais a um processo de maturação motora do que a um processo educativo imitativo.

Estudos a respeito da estrutura psicopulsional de indivíduos indígenas são ainda escassos. Dentre os existentes, Romankiewicz e Bucher (1982) usaram o teste projetivo de Szondi em 65 indígenas adultos, Xavantes e Boróros, em Mato Grosso e, tiveram como resultados diferenças significativas entre os sexos, no vetor dos afetos. As mulheres manifestaram mais hostilidade, bem como fortes tensões libidinais. Os autores também compararam os resultados aos de uma população brasileira e outra européia e dentre as diferenças destacam-se a maior tensão libidinal, instabilidade do contato e fortes tendências projetivas. Estas características parecem marcar a participação aos valores da coletividade, o que dificulta a individualização. Reações de culpabilidade e de consciência moral interiorizada são quase ausentes.

Em contrapartida, Vaz (1997) apresenta um importante estudo entre diferenças culturais e avaliação psicológica por meio do Rorschach que versa sobre a temática da

hostilidade. O autor afirma que a avaliação psicológica pode sofrer influências de uma série de fatores, dentre os quais os fatores culturais. Seu estudo buscou estudar a hostilidade como traço de personalidade entre os Tiküna. O Rorschach foi aplicado em indígenas Tiküna e não-Tiküna da mesma região do Brasil, com auxílio de um intérprete previamente treinado. Os resultados mostraram um elevado índice de ansiedade situacional, ou seja, não constante dos Tiküna frente aos não-Tiküna estudados. No que diz respeito à hostilidade, concluiu-se que não há sinais de hostilidade como traço de personalidade dos Tiküna e os resultados apontam que os dois grupos testados são semelhantes nesse aspecto. É interessante também citar que, no que concerne ao conteúdo das respostas apresentadas, houve uma frequência entre estes indígenas de temas como matar caça e comer animais caçados ou pescados superior aos não indígenas da mesma região. Tais características são vistas como diferenciais e provenientes da própria cultura.

A respeito do intenso sofrimento psíquico pelo qual muitos indivíduos indígenas vêm passando, Tardivo (2004) relata a sua experiência com jovens indígenas aculturados do município de São Gabriel da Cachoeira na região norte do país. A autora utilizou Desenhos-Estórias com Tema e consultas terapêuticas e percebemos nos resultados que toda a produção destes jovens está impregnada de dor, além de manifestações de condutas repletas de destrutividade voltadas para si e para os outros.

Grubits (2003) realizou um estudo com crianças Boróro, Kadiwéu e Guarani-Kaiowás, utilizando o HTPF, com atenção às casas desenhadas. Os resultados dos desenhos das crianças Boróro mostram que no desenho da casa as crianças representaram a organização social do referido grupo étnico, ou seja, choupanas dispostas em círculo com uma grande choupana no centro. Dentre as crianças Kadiwéu, as meninas desenharam casas decoradas com as cores e formas existentes nas cerâmicas produzidas pelas mulheres deste grupo, já os meninos desenharam casas e animais não coloridos, sendo que a autora lembra que os homens não são ceramistas neste grupo étnico. Nos resultados dos Guarani-Kaiowá, vê-se que um grupo de crianças fez desenhos de casas ligadas por caminhos, reunindo as habitações pelo parentesco, no mesmo local; outro grupo desenhou casas isoladas, mantendo as características da arquitetura Guarani-Kaiowá e, por fim, outras representaram casas de acordo com os padrões de desenhos comuns da maioria das crianças dos centros urbanos.

Em outro estudo com desenhos da população infantil Guarani-Kaiowá do estado do Mato Grosso do Sul, Grubits e Darrault-Harris (2003) observaram na expressão artística das crianças que a mulher Guarani vem revelando uma tendência para assumir o papel de guardiã da cultura, permanecendo na reserva e buscando a identificação com sua etnia, enquanto a maioria dos homens saem da reserva para procurar trabalho e meios de sobrevivência e constroem uma identidade de homem da cidade.

Bonfim, Tardivo, Vizzotto e Arias (2006) buscaram discutir a utilização das técnicas projetivas em adolescentes de uma comunidade indígena Guarani Mbya de São Paulo. As autoras chamaram atenção para as dificuldades na avaliação e intervenção psicológica de

indivíduos provenientes de minorias étnicas, já que o instrumental psicológico disponível é validado a partir do referencial da cultura ocidental. Neste estudo, os critérios de análise do “Procedimento de Desenhos-Estórias com Temas” foram utilizados para se avaliar a produção gráfica de uma adolescente Guarani Mbya produzida no contexto de Oficinas Terapêuticas de Foto e Vídeo realizado nessa aldeia. A análise dos resultados mostrou que na seqüência de três desenhos apresentados surgiram aspectos intrapsíquicos e conflitos latentes relacionados aos perigos do contato com a cultura não indígena, bem como com a bebida alcoólica e proibições que se não respeitadas podem ser punidas com a morte. De maneira geral, as autoras apontaram para a possível adequação da utilização de técnicas projetivas em indivíduos provenientes de minorias étnicas, já que estes tratam de questões psíquicas universais.

Outro estudo que destacamos é o de Bonfim, Vagostello, Arias, Widman e Tardivo (2007) que objetivou comparar os Desenhos da Pessoa na Chuva de crianças não indígenas da periferia de São Paulo aos de crianças indígenas Guarani Mbya, todas em idade escolar. Os desenhos foram avaliados segundo um enfoque gestáltico, sendo que em ambas as populações há presença de chuva e proteções, tais como guarda chuvas, porém parece que nos desenhos das crianças indígenas a chuva exerce menos pressão sobre os indivíduos. As autoras chamam atenção para a influência da cultura não indígena nas produções e afirmam ainda que tais resultados devam ser analisados levando-se em consideração as diferenças culturais existentes. As autoras consideram ainda as técnicas de expressão gráfica como importantes instrumentos de avaliação e intervenção psicológica em minorias étnicas, cujas diferenças culturais e de linguagem impedem a utilização do instrumental construído a partir de referências não indígenas.

Observamos assim, que estudos sobre aspectos antropológicos e de organização social dos povos indígenas, são realizados; entretanto, no que diz respeito às variáveis psicológicas do desenvolvimento humano e, mais especificamente sobre as relações psico-afetivas entre indígenas, tais estudos são ainda incipientes.

Deste modo, o estudo destes aspectos psicológicos pode abrir um leque de interesse maior tanto na compreensão de relações afetivas, quanto na observação de indicadores de saúde e doença mental entre estes povos. Com isso espera-se que se possa caminhar para o oferecimento de subsídios para intervenções mais adequadas.

Diante do exposto é que a presente pesquisa teve como **OBJETIVOS:**

1- Descrever aspectos da dinâmica familiar na percepção de crianças indígenas Guarani Mbya.

2- Descrever aspectos intrapsíquicos e da introjeção das figuras parentais em crianças indígenas Guarani Mbya.

II. MÉTODO

II.1. MÉTODO CLÍNICO E ETNOMETODOLOGIA

Acreditamos que é importante elucidarmos a escolha metodológica que fundamenta a presente pesquisa. Conforme já citamos, as pesquisas com populações indígenas, sob a ótica da psicologia e mais especificamente das relações psico-afetivas, são escassas. Contribui para este fato a falta de instrumental adequado e adaptado às diferentes minorias étnicas, pois é unânime que os instrumentos hoje disponíveis foram validados e adaptados na e para a sociedade não indígena ocidental e não se sabe se são adequadas para as diferentes etnias existentes no Brasil.

Acresce-se às dificuldades citadas o fato destacado por Okazaki e Sue (1998) que ressaltam que tais investigações, requerem considerações adicionais a respeito dos modelos teóricos adotados, dos instrumentos de avaliação e dos delineamentos de pesquisa. Os autores destacam o fato de nossos instrumentos e modelos metodológicos serem construídos a partir de populações predominantemente ocidentais, o que impossibilita sua aplicação direta em outras etnias. Sobre a investigação psicológica em populações consideradas minorias étnicas, os autores ressaltam que as mesmas requerem atenção a respeito dos modelos teóricos adotados, dos instrumentos de avaliação e dos delineamentos de pesquisa utilizados. Um cenário constituído de poucos estudos de adaptação, validação do instrumental psicológico e revisão teórica leva os autores a indicarem os estudos qualitativos e instrumentos projetivos para tais investigações, já que estes possibilitam uma visão mais abrangente sobre o fenômeno e permitem uma aproximação compreensiva dos significados, padrões, regras e comportamentos existentes nestas populações.

Assim, elegemos o método clínico como adequado, já que ele permite um aprofundamento no estudo do objeto e permite uma aproximação compreensiva dos significados de padrões, regras e comportamentos existentes nestas populações, tal como anunciou Turato (2003).

Ressalta-se que, mesmo ante as críticas sofridas pelo método clínico quanto a sua falta de objetividade, entendemos que este método é aceito pela comunidade científica, pois possibilita uma compreensão profunda do objeto estudado e, conforme explicou Bleger (1989), a importância desse tipo de investigação está justamente no fato de que tanto o objeto de estudo quanto o investigador modificam-se no processo investigativo, operando e agindo, tornando a experiência enriquecedora devido à reflexão e compreensão dos fenômenos. É

nessa rigorosa observação do fenômeno, que buscamos compreender, esclarecer e interpretar o material percebido, à luz do referencial teórico psicanalítico kleiniano.

Apesar da nossa clara opção pelo método clínico de abordagem psicanalítica, não desconsideramos as contribuições que os métodos sociológicos antropológicos têm historicamente trazido ao estudo das minorias étnicas. Dentre eles, destacamos a mais recente etnometodologia, preconizada por Harold Garfinkel em meados da década de sessenta do século passado, tal como explicam autores como Montenegro (1997) e Álvaro e Garrido (2006).

Assim, Álvaro e Garrido (2006) dissertam que a etnometodologia é uma corrente teórica sociológica fortemente atrelada a Psicologia Social. Significa uma reivindicação de análise microssociológica e tem como um dos seus objetivos principais a análise dos procedimentos mediante os quais as pessoas dão sentido e ordenam o mundo social e simbólico em que vivem. Os fatos sociais são o resultado das ações dos indivíduos. Os seres humanos não estão a mercê nem de fatos externos nem de motivações internas, mas constantemente criam seu mundo social na interação com outras pessoas. Desta maneira, os etnomedologistas se opõem à idéia funcionalista que considera que a ordem social faz com que as pessoas se adaptem às normas. As instituições sociais são estudadas como uma construção dos indivíduos realizada pelas suas interações cotidianas, ou seja, a ordem social é formada das regras sociais com as quais os membros de uma sociedade enfrentam as tarefas do cotidiano. Tais regras não são fixas, mas instáveis e devem ser constantemente refeitas no curso das interações cotidianas.

Montenegro (1997) afirma que a etnometodologia é um conjunto de utensílios conceptuais para a descrição e compreensão de um terreno. Objetiva evidenciar empiricamente a autonomia dos membros nas suas relações com seus contextos sociais, e a complexidade local ao seu mundo social que é irredutível a teorias universalistas. Privilegia-se a linguagem dos membros na sua vida cotidiana à teoria prévia.

A etnometodologia visa à equiparação entre o conhecimento dos cientistas sociais e o conhecimento do senso comum. Não se interessa pelos fundamentos epistemológicos do conhecimento, mas pelas práticas que o raciocínio sociológico e o conhecimento do senso comum compartilham. Propõe uma atitude de “indiferença etnometodológica”, ou seja, trata de abandonar as prévias categorias de análise e hipóteses sobre o mundo social e assim analisar os processos que fazem possíveis as atividades cotidianas dos integrantes de uma comunidade, dando especial importância para como as pessoas descrevem o que está

acontecendo no curso da interação, do que ao que realmente acontece (ÁLVARO; GARRIDO, 2006).

Diante dos modelos metodológicos apresentados, entendemos que devido a nossa opção em estudar essa comunidade a partir do método clínico “*curvando-nos sobre o fenômeno, observando o que ocorre, descrevendo, levantando hipóteses diagnósticas...*” (VIZZOTTO, 2003, p. 146-147), não excluimos por completo as contribuições trazidas pela etnometodologia, pois esta preconiza que entremos numa comunidade livres de pré-conceitos a seu respeito e sem buscarmos enquadrá-la numa descrição sociológica anterior, para que assim possamos compreender a realidade cotidiana de seus membros e a forma como estes interpretam e dão sentido às vivências em sua sociedade.

O leitor pode se questionar a respeito da coerência da utilização da abordagem teórica psicanalítica, a qual nos propomos utilizar, para compreender os dados obtidos frente ao método de observação acima citado. Entendemos que a psicanálise e, em especial os psicanalistas que estudam as relações vinculares e de objeto (KLEIN, 1969; PICHON-RIVIÈRE, 1991; BLEGER, 1984; BARANGER; BARANGER, 1969) a partir da fundamentação genuína que é de Melanie Klein, quando esta se dedica à observação de crianças (KLEIN, 1969), consideram a dialética influência que o indivíduo exerce no meio e a que este último exerce sobre o indivíduo. Da mesma forma, lembramos ainda que Richter (1990) nos explica que a psicanálise contemporânea não considera mais o indivíduo como apenas possuidor de um aparelho psíquico que talvez necessite de diagnóstico e tratamento. A condição psicológica deve ser relacionada à estrutura do grupo ao qual ela pertence com destaque à família.

II.2. PARTICIPANTES

Participaram do presente estudo quatro crianças, sendo três meninas e um menino, com idades entre sete e dez anos, provenientes da aldeia da etnia indígena Guarani Mbya denominada Krucutu, situada na região metropolitana da cidade de São Paulo. Vale ressaltar que esta faixa etária foi pré-estabelecida devido ao fato de que as crianças Guarani com idade inferior a sete anos não dominam o idioma Português, o que dificultaria a nossa interação com as mesmas, bem como poderia invalidar os resultados obtidos. Considerando que este estudo foi realizado apenas com as pessoas que se dispuseram a participar, entendemos que tratamos de “amostra por conveniência”, conforme Rea e Parker (2000). Entendemos ainda que o número reduzido de respondentes não comprometera o estudo, pois, a importância no presente delineamento de pesquisa recai sobre a compreensão qualitativa do conteúdo de cada

produção. Soma-se ainda o fato de que estudos desta natureza caminham em profundidade na compreensão do objeto (TURATO, 2003).

II.3. INSTRUMENTOS

1) Procedimento de Desenhos de Família com Estórias - DF-E: Instrumento que fundamentou esta investigação foi o criado por Walter Trinca (TRINCA, 1997) com base no “Procedimento de Desenhos-Estórias D-E” (TRINCA, 1976). Tal instrumento foi escolhido para a presente investigação por ser um instrumento de fácil obtenção de informações sobre as situações intrapsíquicas e intrafamiliares da pessoa no contexto familiar. Segundo Blini de Lima (1997) o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias tem como principal característica detectar angústias inconscientes que estão presentes nas relações de objeto da pessoa, com ênfase nos aspectos afetivos das relações familiares. Além disto, trata-se uma técnica não invasiva, que respeita a natureza psicológica do investigado. Este instrumento tem sido amplamente utilizado em estudos que abordam diferentes temáticas relacionadas à população infantil e adolescente (TRINCA; DUNKER; BELLOMO; RANGEL; CARVALHO, 1990; TRINCA, 1989; FELIPE, 1997; HUBIG, 1997; LANGE, 2005; FARIA, 2005; BALTAZAR, 2004; MARTÃO, 2002). Destacamos especificamente o estudo de normatização da avaliação do “Procedimento de Desenhos-Estórias” realizado por Tardivo (1985). Amiralian (1997) também cita diferentes autores que utilizaram o Procedimento de Desenhos-Estórias como prova auxiliar em trabalhos clínicos e que esse instrumento mostrou a riqueza de seus pressupostos básicos, a amplitude de suas possibilidades e a flexibilidade de seus conceitos. Estes pesquisadores o escolheram por ser de fácil aplicação, bem como por suscitar interesse e boa vontade dos sujeitos (crianças e adolescentes) tanto em executar os desenhos quanto no ato de inventar estórias. Na aplicação deste instrumento, solicitamos que os indivíduos realizassem uma série de quatro desenhos, numa ordem pré-estabelecida, cada qual com uma instrução definida, sendo que cada um dos desenhos fora estímulo para a apresentação de uma estória. As instruções, conforme Trinca (1997, p. 24) foram:

- a) *“Desenhe uma família qualquer*
- b) *Desenhe uma família que você gostaria de ter*
- c) *Desenhe uma família em que alguém não está bem*
- d) *Desenhe a sua família”*

Após a apresentação de cada estória foram solicitados esclarecimentos a respeito da mesma e também sobre os desenhos. Foi solicitada também a apresentação de um título para cada estória.

2) Oficinas Lúdicas: Instrumento facilitador do processo de coleta de dados. As Oficinas são assim chamadas por terem sido encontros grupais com as crianças, dadas em espaço específico na própria aldeia e que aconteceram semanalmente, por tempo aproximado de duas horas, durante o período de maio a dezembro de 2007, com intervalo no mês de julho. Essas Oficinas serviram como meio de estabelecimento de contato a fim de coletar os dados advindos do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias”. Todavia, além de favorecerem o processo de coleta de dados, as Oficinas propiciaram a observação de aspectos subjetivos presentes na vida e cotidiano dessas crianças. A observação psicológica é uma importante técnica (DANNA; MATTOS, 1999) que contribui para o levantamento de dados complementares, bem como de acompanhamento de casos, dentre outros aspectos. A respeito da observação naturalística lembramos que Hayman (1973) afirma que a observação naturalística-clínica deve-se impor limitações mínimas à natureza enquanto é observada, sendo que o ideal seria vigiar o comportamento tal como ocorre naturalmente. Porém, compartilhamos com Bleger (1987) no sentido da compreensão dos aspectos subjetivos da dinâmica das relações, sendo importante lembrarmos quando o autor nos explica que a objetividade da observação só pode ser alcançada quando se incorpora o observador como uma das variáveis do campo emocional. Estudamos então o fenômeno em relação à nossa presença. Por isso, sendo a observação um componente do método clínico e uma importante técnica psicológica, a justificativa da utilização dessas Oficinas como instrumento auxiliar se faz pertinente. Inicialmente, a proposta da Oficina era a de utilizar materiais gráficos, a fim de que os desenhos fossem mediadores do nosso contato com as crianças. Porém, no decorrer das Oficinas, as atividades Lúdicas foram se modificando conforme solicitação das próprias crianças, sendo que foram realizados teatros de fantoches, atividades de pintura, atividades de recorte e colagem, bem como com massinhas de modelar. As Oficinas foram adotadas por terem se mostrado eficientes em ocasiões anteriores, no que diz respeito à nossa aproximação nessas comunidades. Destacamos os trabalhos de Oficinas Terapêuticas de Foto e Vídeo realizados com adolescentes desta comunidade desde o ano de 2004 pela equipe APOIAR/IPUSP (TARDIVO; BONFIM; GIL; FUGINAGA; ZEWERS; ZEWERS, M.; MOURA; MUNARI, 2005; FUGINAGA; GIL; ZERWERS; ARIAS; TARDIVO; MOURA; MUNARI; BONFIM, 2006).

II.4. LOCAL/AMBIENTE

O estudo foi realizado em uma aldeia indígena Guarani Mbya, denominada “Krucutu”, localizada em Parelheiros – região metropolitana da cidade de São Paulo. Esta aldeia foi fundada na década de 50 do século passado e na época da realização da presente pesquisa contava com aproximadamente 250 habitantes. Por estar próxima de um centro urbano (capital paulista), a fauna e a flora se encontravam relativamente escassas. A região, apesar de constituir uma reserva indígena, não lhes permitia realizar algumas atividades tradicionais de subsistência de sua cultura, como a agricultura, a caça e pesca. O solo para plantio era pouco fértil e representava uma área insuficiente para suprir a demanda de toda a aldeia. A água utilizada pelos habitantes vinha direto da represa Billings, sem nenhum tratamento, sendo imprópria para pesca e banho. A alimentação era um grave problema para esta população, sendo sua subsistência proveniente principalmente de doações. Apesar desta difícil situação de sobrevivência, esta comunidade apresentava melhores condições de organização social do que outras comunidades indígenas da capital paulista. Havia muitas famílias constituídas apenas por indivíduos indígenas e alguns ritos religiosos, tais como canto e danças eram preservados, sendo que percebíamos um esforço por parte da comunidade em manter elementos da cultura Guarani. A aldeia contava com uma Unidade Básica de Saúde, um Centro de Educação e Cultura Indígena – CECI, pertencente à prefeitura, que prestava apoio educacional para crianças de até 6 anos de idade, com equipe formada por uma coordenadora pedagoga e não indígena e de agentes de educação indígenas, bem como com uma Escola Estadual, na qual havia ensino da primeira a quarta série do ensino fundamental, ministrados por professores indígenas e não indígenas. Vale citar que o ensino da quinta série em diante era realizado numa Escola Estadual de outra aldeia indígena da mesma região. Os contatos com as crianças para o rapport, a realização das Oficinas e as aplicações do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias” foram realizados no pátio e em salas reservadas da Escola Estadual da aldeia Krucutu. Estes foram locais viáveis, já que se pode neles preservar uma neutralidade necessária durante as aplicações individuais dos DF-E e por serem de fácil acesso tanto para nós quanto para as crianças.

II.5. PROCEDIMENTO

Num primeiro momento encaminhamos ao líder (cacique) da referida aldeia, um ofício (ANEXO I) solicitando autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, foram encaminhadas as documentações necessárias ao SISNEP (Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa) e ao Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura do Município de São Paulo, para autorização de realização desta pesquisa (ANEXO II), pois temos conhecimento que esta população é considerada “vulnerável”. Após esta etapa, contatamos os responsáveis pelas crianças, com o auxílio do cacique da aldeia. Na ocasião do contato com o responsável pela criança, foi explicada a natureza da investigação e dele também solicitamos “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ANEXO III). O contato com as crianças se deu por meio de Oficinas Lúdicas realizadas durante o ano de 2007 com as crianças no pátio da escola. Para a participação nessas Oficinas não foi fixada idade. Todos os interessados – crianças e adolescentes – puderam participar. As aplicações do instrumento foram realizadas de forma individual, no pátio e numa sala de aula reservada dentro da escola. Cabe ressaltar que a aplicação do DF-E só se deu depois de longo tempo de contato com essa comunidade, através de visitas realizadas pelos pesquisadores desde o ano de 2005. Na aplicação do instrumento DF-E solicitávamos que a criança realizasse quatro desenhos numa ordem definida, cada qual com uma instrução, sendo que cada um dos desenhos foi estímulo para que a criança contasse uma história sobre ele. Após a apresentação das histórias solicitamos esclarecimentos a respeito das mesmas e a apresentação de um título. Após a coleta de dados realizamos a análise qualitativa dos mesmos, resguardando a identidade do sujeito através de nomes fictícios. As análises dos resultados obtidos no “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias” possibilitaram melhor compreensão a respeito das crianças e da dinâmica familiar nas quais elas estão inseridas.

II.6. ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de uma investigação que tem como público alvo crianças pertencentes a uma população considerada “vulnerável”, a presente procurou atender aos requisitos descritos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, bem como à resolução do Conselho Federal de Psicologia - CFP 16/2000. Em linhas gerais, a resolução CNS 196/96 diz respeito às diretrizes e normas que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos. Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. Já a resolução CFP 16/2000 dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos, buscando orientar e complementar o entendimento do psicólogo pesquisador sobre a resolução CNS 196/96 e aplicação da mesma na área de conhecimento da Psicologia.

II.7. RISCOS E PREJUÍZOS

Como pesquisadores do campo da saúde e da saúde mental em particular, entendemos as investigações neste campo como sigilosas (aquelas que respeitam e preservam a identidade do participante) e com neutralidade (no sentido de não manipular ou interferir na conduta, nas crenças e valores dos indivíduos ou grupos). Embora já tenhamos nos referido ao método clínico e à observação psicológica como instrumental necessário para realização da presente investigação e, portanto, o fato de que o próprio método já pressupõe o contato e uma neutralidade diferente daquela preconizado pelas ciências exclusivamente factuais (que não consideram os aspectos subjetivos), entendemos que a neutralidade e a não intervenção aqui citadas referem-se a psicoterapia ou outra técnica que propõe modificação do indivíduo. Assim, tratando-se de investigação psicológica dessa natureza, em que buscamos compreender a percepção da criança acerca das relações familiares e de seu funcionamento, entendemos, que não houve riscos ou danos de nenhuma espécie aos sujeitos. Ressaltamos ainda que, a comunidade em que esta investigação foi realizada, diz respeito a um agrupamento indígena da região metropolitana, que tem contato permanente e contínuo com a cultura chamada “branca” ou “ocidental” em que vivemos. Também é válido lembrar que os sujeitos participantes dessa pesquisa vivem em contato direto com pessoas não indígenas, da mesma forma que estão habituadas a desenhos e histórias e outros contatos com brinquedos e materiais pedagógicos e lúdicos, já que freqüentam uma escola estadual, na qual atuam professores indígenas e também não indígenas. Nós, pesquisadores responsáveis pela presente, também possuímos contato contínuo com a comunidade através de outros trabalhos de pesquisa e intervenção antes realizados, fato que garantiu que qualquer dano eventual pudesse ser atendido por tais profissionais.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos a seguir os resultados provenientes deste estudo. Apresenta-se a descrição do processo de coleta de dados e sua dinâmica - as Oficinas Lúdicas realizadas na aldeia, buscando enaltecer o meio encontrado para se estabelecer o vínculo com as crianças, observar, e favorecer a realização do “Procedimento de Desenhos de Família com Estória”. Salientamos que foi realizada a análise do conteúdo extraído das respostas às aplicações do referido instrumento.

III.1. AS OFICINAS LÚDICAS COM AS CRIANÇAS: UM LONGO RAPPORT

As Oficinas possuíram um caráter de grupo aberto, embora tenhamos delimitado um enquadre, tal como denomina Bleger (1984), ou seja, estabelecemos dia da semana, horário inicial dos trabalhos, utilização do material em grupo (lápiz, papel, giz de cera, tesoura, cola, etc.), dentre outros. Valorizamos este enquadre dada sua importância para o estabelecimento do vínculo e sua função facilitadora do campo das relações emocionais, tal qual propõem Baranger e Baranger (1969) e salienta Bonfim (1998) na especificidade do trabalho com crianças, no qual a autora participa ativamente da trama criada pela paciente conforme a solicitação da mesma, por compreender que tais interações emergiam do campo emocional e o facilitavam concomitantemente.

As Oficinas foram aqui adotadas por terem se mostrado eficientes em ocasiões anteriores, no que diz respeito à nossa aproximação nessas comunidades. Nas referidas ocasiões trabalhamos com Oficinas Terapêuticas de Foto e Vídeo com adolescentes desta mesma comunidade, desde o ano de 2004, juntamente com equipe APOIAR/IPUSP (TARDIVO; BONFIM; GIL; FUGINAGA; ZEWERS; ZEWERS, M.; MOURA; MUNARI, 2005; FUGINAGA; GIL; ZERWERS; ARIAS; TARDIVO; MOURA; MUNARI; BONFIM, 2006). Salientamos ainda que mais dois pesquisadores participaram das Oficinas Lúdicas, sendo uma doutoranda e uma graduanda de iniciação científica, ambas da Universidade de São Paulo. Assim, é importante destacarmos que já possuíamos contato com essa comunidade, contato esse que nos fez compreender a importância de realizarmos o trabalho de Oficinas Lúdicas como pano de fundo para a interação com as crianças. Desta forma, o trabalho nas Oficinas possibilitou o estabelecimento de um vínculo positivo, tal como salienta Pichon-Rivière (1991) com as crianças, o que contribuiu para que cumpríssemos a proposta deste trabalho, ou seja, compreender as especificidades da dinâmica familiar deste grupo

étnico sob a ótica de suas crianças.

Devido ao fato de nosso trabalho já ser conhecido pela comunidade, a proposta das Oficinas Lúdicas foi bem recebida pelas lideranças da aldeia e direção da escola, principalmente pelo fato de não estarmos propondo um trabalho de simples coleta de dados, mas de interação com as crianças, o que foi compreendido como uma forma de cuidado com elas. Sempre nos mantivemos em interação com o cacique da aldeia e com o diretor da escola, haja vista que em vários encontros estes conversavam conosco sobre as crianças, sobre problemas pessoais e principalmente a respeito da comunidade.

Nosso vínculo e interação com as crianças a partir da realização das Oficinas Lúdicas podem ser mais bem compreendidos com a elucidação da dinâmica dos encontros e com a descrição de alguns fatos que ocorreram e nos chamaram atenção, conforme tópico a seguir.

III.1.1. A DINÂMICA DOS ENCONTROS

Conforme já dito, as Oficinas tiveram caráter de grupo aberto, no qual as crianças podiam entrar e sair quando desejassem. Geralmente o grupo era formado em média por vinte crianças. Não fixamos uma faixa etária para a participação nas atividades, portanto, muitas vezes participavam da Oficina desde crianças muito pequenas que estavam sendo cuidadas naquele momento por seus irmãos mais velhos, até os adolescentes. Por vezes também alguns pais dessas crianças aproximavam-se para observar os trabalhos e em certa ocasião a mãe da criança Parai chegou a desenhar com as demais (ANEXO V), fato que será mais bem descrito subsequentemente, no Caso 1, já que Parai foi uma das crianças na qual foi aplicado o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias.

O fato de sermos *jurua* (não indígenas) somado às dificuldades dos idiomas (Português/Guarani), evidenciaram-se nos contatos iniciais, sendo que entendemos que a realização das Oficinas foi fundamental para que fosse estabelecido um rapport adequado para a coleta de dados, favorecendo o estabelecimento de vínculos positivos com as crianças. A esse respeito ressaltamos que Ocampo (1999) afirma que devemos estabelecer um bom rapport com o paciente para que as possibilidades de bloqueios ou paralisações sejam mínimas, além do que, o rapport também auxilia no estabelecimento de um clima preparatório favorável à aplicação dos testes. Ressaltamos ainda que, durante os encontros possibilitados pelas Oficinas, convidamos algumas das crianças para realizarem o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. Foram convidadas as crianças que estavam na faixa etária estabelecida para a realização do presente estudo e que possuíam mais facilidade com a Língua Portuguesa. As crianças convidadas que aceitaram participar e tiveram autorização

dos seus responsáveis, foram encaminhadas à sala de aula, onde se procurou fazer aplicação do DF-E de forma individual.

A respeito do trabalho nas Oficinas Lúdicas em si, inicialmente a proposta era de que fossem utilizados materiais gráficos, a fim de que os desenhos fossem mediadores do nosso contato com as crianças. Assim, quando iniciávamos o encontro na Oficina propúnhamos a realização de desenhos e distribuíamos os materiais gráficos. Apresentamos alguns desses desenhos (ANEXO IV), em caráter de ilustração, já que nosso propósito não foi de analisá-los, mas sim de utilizá-los como uma forma de aproximação e comunicação com aquelas crianças. Desta forma, na medida em que as crianças desenhavam criavam-se formas de contato conosco e entre o grupo. No decorrer dos encontros, as próprias crianças foram sugerindo outras atividades, tais como o teatro de fantoches e atividades de pintura e massinhas de modelar. Também foram realizados trabalhos de recorte e colagem em grupo, técnica que Stern (1961) vê como uma das mais importantes e complementares à pintura, pois pode ser executada em grupo e o autor considera que a obra é um conjunto de criações individuais já que há uma influência mútua entre as crianças presentes, que observam e participam do trabalho. Vale ressaltar que sempre acatávamos tais sugestões, tomando o cuidado para que de nenhum modo impuséssemos brincadeiras ou atividades que ferissem a cultura Guarani.

Assim, no decorrer das Oficinas as crianças passaram a se sentir à vontade para solicitar atividades, na medida em que o contato conosco era ampliado. As crianças da aldeia se mostravam, em geral, carinhosas, respeitadas, interessadas e curiosas. Ressaltamos o respeito e disciplina apresentada pelas crianças Guarani Mbya dessa comunidade, pois estes nos tratavam com muita cordialidade, tendo sido raríssimas as vezes que alguma criança ou adolescente nos tratou com qualquer tipo de rispidez. Entre o grupo, quando acontecia algum desentendimento, a discussão se dava invariavelmente no idioma Guarani e em geral o próprio grupo dava conta de resolver e não parecia haver ressentimentos entre eles. À medida que nosso contato foi ampliado no decorrer dos encontros, muitas das crianças passaram a nos traduzir o motivo de discussões ou em algumas ocasiões solicitar nossa intervenção para que algum atrito fosse resolvido. Percebíamos assim que nosso vínculo com estas crianças estava sendo estabelecido de uma forma positiva, conforme a compreensão de Pichon-Rivière (1991) e que nosso objetivo na realização das Oficinas estava sendo atendido.

Tal vínculo também pode ser visto na descrição de alguns fatos, que trataremos agora de apresentar. Num dos encontros, em meados do mês de setembro ocorreu a visita de uma escola de crianças jurua (não indígenas) à aldeia. Nesta ocasião a Oficina estava relativamente

vazia, pois fazia muito frio na aldeia e também parte das crianças estava reunida para apresentarem danças e cânticos Guarani aos visitantes. Assim, no momento em que os visitantes passaram por nós, em frente a escola, as crianças que estavam na Oficina se mostraram claramente assustadas e incomodadas com a forma que os não indígenas se portavam e as observavam. Passamos então a discutir a respeito de tais visitas e os sentimentos que estas causavam. As crianças expressaram que gostavam das visitas, porém era estranho, pois geralmente quem visita a casa de alguém conhece o dono da casa e não era o que acontecia. Em seguida questionaram o que nós achávamos de tais visitas. Respondemos então que seria mais importante pensarmos no que tais visitas representavam para eles, pois nós também éramos não indígenas que de alguma forma estávamos visitando-as. As crianças se mostraram surpresas e alguns disseram que nós não éramos *jurua* (não indígenas) ou que nós poderíamos ser *jurua*, mas que era diferente. Mais uma vez constatamos que os encontros propiciados pelo trabalho de Oficinas Lúdicas possibilitaram o estabelecimento de um vínculo, tal qual disserta Pichon-Rivière (1991) das crianças conosco, fato que favoreceu o campo emocional, descrito por Bleger (1984). Ressaltamos ainda que o fato de não emitirmos nossa opinião a respeito de tais visitas, quando as crianças solicitaram vêm mostrar que em nosso trabalho seguimos os passos de Bleger (1987) já que o autor nos informa que numa entrevista o campo das relações interpessoais deve ser predominantemente estabelecido e configurado pelo entrevistado. Estendemos, portanto, tal compreensão do entrevistado aos participantes das Oficinas.

Numa das Oficinas seguintes, uma das crianças que estava presente na ocasião da visita relatada veio nos questionar se éramos Xavante, pois ela havia visto alguns índios Xavante na TV que pareciam muito conosco. Em outra ocasião, uma das meninas presentes decidiu nos dar nomes Guarani, já que essas crianças possuem um nome em Guarani e um nome *jurua* (não indígena).

Com tais relatos queremos demonstrar o quanto a nossa aproximação com estas crianças, procurando respeitar suas particularidades étnicas e valorizar aspectos de sua cultura, permitiu que as diferenças existentes entre nós pesquisadores não indígenas e estas crianças fossem amenizadas. Também permitiu a criação, mesmo diante da dificuldade trazida pelas diferenças de idioma, de um canal de comunicação com as crianças de modo que essas procurassem nos designar uma etnia mais próxima da sua (Xavante), a fim de demonstrar que entendiam que havia diferenças entre nós, mas que mesmo assim podíamos estar com elas. Ressaltamos aqui não só o estabelecimento de um vínculo, tal como descreve Pichon-Rivière (1991), mas também o quanto tal vínculo favoreceu o campo das relações emocionais, como

postulam Baranger e Baranger (1969) o qual permeou toda a realização da presente pesquisa.

A esse respeito, da comunicação entre pesquisador e pesquisado, lembramos o importante estudo de Vaz (1997) sobre diferenças culturais e avaliação psicológica da hostilidade, no qual o Rorschach foi aplicado em indígenas Tiküna com auxílio de um intérprete previamente treinado quanto aos momentos em que deveria intervir e como deveria transmitir as instruções e pedidos de esclarecimentos sobre as verbalizações do sujeito. O autor aponta como positiva tal inclusão, pois os sujeitos se sentiram menos inseguros e apreensivos com a presença de um terceiro durante a aplicação.

Durante nossos encontros as crianças também se preocupavam muito se iríamos voltar à aldeia. Nossas observações nesta comunidade nos mostraram que tanto o adulto quanto a criança Guarani Mbya, dá pouca importância para dias da semana ou horários, portanto, mesmo que sempre lembrássemos as crianças de que o dia de Oficinas era a quarta-feira, estas sempre nos perguntavam se demoraríamos a voltar ou se demoraria a chegar o dia do próximo encontro. Entendemos que esta confusão temporal é comum em crianças mais novas, porém vemos que isto era acentuado pela realidade cultural, já que muitas vezes os adolescentes e também os adultos se mostravam confusos em se lembrar em que dia da semana estávamos ou em ficarem atentos, por exemplo, ao horário de algum compromisso.

Em outras ocasiões, principalmente nos meses finais de Oficinas, quando já havia ampla interação com as crianças, estas algumas vezes disputavam a nossa atenção e se mostravam enciumadas quando mantínhamos um contato maior com alguma criança. Por vezes faziam desenhos com nossa fisionomia, nos escreviam cartinhas e, nessas cartinhas faziam outros desenhos e procuravam nos explicar o que significavam, mesmo com as dificuldades trazidas pela diferença de idiomas.

Quando nos aproximávamos do final das Oficinas Lúdicas decidimos realizar uma festa de encerramento e sobre isso fomos conversar com o cacique e com o diretor da escola. A festa foi autorizada pelo cacique e bem recebida pelo diretor, o qual sugeriu que as crianças escrevessem convites para a festa em sala de aula junto à professora e depois os decorassem nas Oficinas. Acatamos a sugestão e na semana seguinte a professora das crianças nos entregou os convites para que trabalhássemos com eles na Oficina. As crianças gostaram muito da atividade e empolgaram-se com a idéia de que poderiam levar o convite para casa e passaram a discutir sobre quem elas convidariam. Algumas crianças, por outro lado, achavam estranho levar uma atividade da Oficina para casa, já que geralmente o que era produzido ficava conosco, e insistiam para que o convite ficasse conosco. Nessa ocasião as crianças também fizeram convites para nós, o que demonstrou o quanto elas queriam que nós

permanecêssemos com elas e participássemos de suas comemorações. Na festa em si, as crianças estavam muito empolgadas, tanto com as brincadeiras, quanto com o lanche. Ainda, durante esta festa algumas das crianças se mostraram demasiadamente ciumentas frente ao nosso contato com as demais crianças do grupo, bem como em alguns momentos se mostraram um pouco agressivas conosco. Compreendemos que estas reações são provenientes do fechamento do trabalho durante as Oficinas, fato que discutimos com as crianças durante os últimos encontros, pois conforme procuramos descrever durante todo este tópico, estabeleceu-se um vínculo positivo com estas crianças, o qual permitia que elas encontrassem ali nas Oficinas um espaço para criar, discutirem sobre suas criações e estarem em interação tanto com o grupo quanto conosco, os pesquisadores.

III.1.2. OS ENTRAVES NA INTERAÇÃO COM AS CRIANÇAS

Conforme já citamos, uma das dificuldades iniciais da nossa interação com as crianças se deu devido ao fato de que as crianças têm como língua materna o Guarani, apesar de muitas falarem Português. É preciso esclarecer que não houve grandes dificuldades de comunicação com as crianças em situações cotidianas, mas, durante a aplicação do instrumento DF-E, quando solicitávamos que as crianças contassem uma estória, esta dificuldade aparecia, pois para elas era difícil criar em Português, bem como falar sobre sentimentos, desejos, etc.

Muitas vezes as crianças, principalmente as mais novas, que possuem maior dificuldade com nosso idioma, pediam para falar conosco sozinhas ou no nosso ouvido, pois pareciam sentir-se envergonhadas por cometerem erros de Língua Portuguesa. Pudemos perceber que esta dificuldade muitas vezes deixava as crianças retraídas, impedindo que expressassem livremente o que sentiam. Assim, a realização das Oficinas foi preponderante para que esta dificuldade fosse amenizada, pois foi possível perceber claramente que muitas crianças que não conversavam conosco no início, no decorrer dos encontros puderam se mostrar mais confiantes para falar o Português ou encontrar outra forma de comunicação que não fosse a verbal e assim relacionarem-se conosco. Desta forma, acreditamos que as referidas Oficinas favoreceram o campo das relações emocionais (BONFIM, 1998).

Fixamos delimitações de enquadre, tais como o dia da semana em que a Oficina seria realizada, horário aproximado de início e fim dos trabalhos, utilização do material pelo grupo. Neste sentido, seguimos aqui os passos de Bleger (1984) que valoriza o enquadre nos trabalhos institucionais e grupais, mesmo que em *settings* diferenciados dos consultórios. Desta forma, o autor traz uma série de itens que devem ser contemplados no enquadre, que tratam, em síntese, da própria atitude clínica do psicólogo na qual deve haver um grau de

dissociação instrumental e necessidade de esclarecimento acerca da sua função na instituição; da informação dos resultados; do sigilo profissional; do compromisso com seus objetivos técnicos e não com os objetivos da instituição; de não fomentar dependência psicológica e do manejo das resistências manifestas e latentes, dentre outros.

Pudemos perceber que no início dos encontros as crianças ficavam reticentes sobre o nosso trabalho e questionavam se iríamos voltar. Algumas vezes perguntaram por que estávamos fazendo aquele trabalho. Vale ressaltar que, conforme já dito, mais dois técnicos participaram das Oficinas, sendo uma doutoranda em Psicologia Clínica e uma graduanda em Psicologia que coletava dados para seu trabalho de iniciação científica, ambas da Universidade de São Paulo.

Durante a realização das Oficinas, ocorreu a saída de um desses membros (graduanda de iniciação científica do grupo) da equipe, sem que esta fechasse o trabalho ou explicasse para as crianças porque não iria mais participar das Oficinas. Pudemos perceber as alterações no enquadre que tal ausência causou. Nos encontros posteriores com as crianças, foram raras as ocasiões em que alguma criança não questionasse por que a pessoa não havia mais comparecido às Oficinas e se ela não voltaria à aldeia “nunca mais” (sic). Este fato, aliado a demais observações realizadas nessa comunidade, nos mostraram que essas crianças têm muito receio de serem abandonadas. Lembramos que a população indígena é considerada como vulnerável segundo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e que o adequado manejo dessas situações é um dos requisitos básicos para a condução de pesquisas com este tipo de população e; lembramos inclusive o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ANEXO III), além do compromisso ético do psicólogo clínico com quem atende ou investiga.

Acresce-se ainda que em conversas com as lideranças da aldeia, diversas vezes estes citavam esse receio em relação aos pesquisadores, os quais são vistos como pessoas que vão até lá, coletam seus dados e nunca mais aparecem. Neste sentido, entendemos que numa pesquisa de campo deste tipo, necessariamente ocorre o estabelecimento de vínculos com os participantes, neste caso as crianças, que depositam confiança e expectativas na figura do pesquisador, as quais devem ser manejadas. Sobre este aspecto, lembramos Bleger (1984), o qual afirma que o psicólogo não deve cobrar-se neutralidade e sim estabelecer um enquadramento que garanta a realização de um trabalho eficiente. Assim, apesar das dificuldades encontradas em situações com a saída de uma das pesquisadoras, o fato de esclarecermos, sempre que necessário, as delimitações do enquadre, nossa rigorosa frequência à aldeia, bem como os objetivos do nosso trabalho, contribuiu muito para o andamento da

pesquisa, para os resultados obtidos e para o bem estar dos participantes.

No que diz respeito à aplicação do instrumento, ressaltamos que a aplicação de toda série (quatro desenhos) não se deu num mesmo dia em todos os casos. O empenho das crianças na realização dos desenhos pareceu ter relação com o ritmo de vida da aldeia. As crianças nas Oficinas demonstraram bastante naturalidade no empreendimento das atividades grupais. Entendemos que este fato seja dado como decorrência do cotidiano na aldeia, em que se observa uma convivência comunitária. Diferentes das crianças urbanas que iniciam o processo de socialização na pré-escola ou no ensino fundamental, essas crianças vivem em comunidade já desde seus primeiros passos; e isso se dá tanto pelo ambiente físico-geográfico (aldeamento) como também pelo *modus vivendi* desses indígenas Guarani Mbya. Dados similares foram observados por Schaden (1974). Segundo esse autor, a criança Guarani é extremamente independente e participa da vida e dos problemas dos adultos assim que seu desenvolvimento físico o permite. No que diz respeito especificamente à aplicação do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias”, as crianças demonstravam independência ao andarem pela escola, entrar e sair da sala de aula ou simplesmente quando interrompiam as atividades por não desejarem mais fazê-las. Estes fatos tiveram que ser considerados na aplicação do instrumento; mesmo buscando respeitar as normas de aplicação, essas foram adaptadas aos hábitos dessas crianças.

Com essa descrição procuramos demonstrar que esse ambiente configurou um campo emocional no qual pudemos desenvolver o trabalho. Para compreendermos a noção de campo, retomamos Bleger (1989) quando explica que o campo é a situação total considerada em um dado momento, ou seja, um recorte hipotético e transversal da situação. Esclarecemos ainda que a compreensão de campo emocional a que nos referimos condiz com o estudo de Bonfim (1998) no qual a autora nos mostra, também com base na definição de José Bleger, que o campo emocional é um local onde se dão as relações entre terapeuta e paciente em dado momento e situação analítica. Assim, o trabalho de Bonfim (1998) apesar de tratar do estudo de caso da psicoterapia de uma criança, condiz com a nossa compreensão sobre as particularidades do campo emocional que procuramos compreender e favorecer na realização das Oficinas Lúdicas. A autora disserta que se deparou com inúmeras situações específicas, tais como sentir que se afastava da técnica clássica de psicoterapia infantil desenhando para sua paciente e não interpretando alguns fatos, assim como procurou compreender seus próprios sentimentos contratransferenciais em relação à paciente e à figura da supervisora, implicados na análise, com vistas a compreender o que se passava no campo emocional, ou seja, na relação entre terapeuta e paciente em situações específicas do processo

psicoterapêutico. Da mesma forma que Bonfim (1998) optou por participar ativamente da trama conforme o convite da paciente, bem como não interpretar determinados fatos nas sessões iniciais, visando favorecer o campo e compreender as emoções que dele emergiam, nós também utilizamos as Oficinas Lúdicas não com a finalidade interpretativa ou interventiva *per se*, mas sim como forma de melhor compreendermos as crianças que conosco estavam, bem como favorecer o campo emocional que se formava e se modificava a todo instante, haja vista seu caráter dinâmico. Porém, consideramos que conteúdos intrapsíquicos, conflituosos ou não, emergiram nas relações estabelecidas durante as Oficinas Lúdicas, bem como nas respostas aos trabalhos realizados.

Esta observação nos remete a Baranger e Baranger (1969) quando os autores afirmam que o campo bipessoal relaciona-se a uma situação inconsciente do momento, que é formada por identificações projetivas cruzadas (paciente-terapeuta), criando fantasias inconscientes do par psicoterapêutico. Desta forma, pudemos perceber que apenas com a valorização do campo emocional nos foi possível reconhecer os sentimentos e emoções projetadas em nós por essas crianças, bem como nossas limitações desejos e angústias emergentes da relação estabelecida com o grupo de crianças e, depositadas nesse trabalho.

III.2 - ANÁLISE DOS “PROCEDIMENTO DE DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS” E DAS “OFICINAS LÚDICAS”

Realizamos a análise de conteúdo dos desenhos e estórias apresentados como resultados às aplicações do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), considerando as categorias introduzidas por Trinca (1976) a respeito do Procedimento de Desenho-Estórias, as quais foram reorganizadas por Tardivo (1997). Baseamos-nos também nas contribuições de Blini de Lima (1997) que tratam especificamente do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias.

Apresentaremos a seguir quatro casos, constituídos dos dados oriundos dos dados de identificação, observações realizadas durante as Oficinas e da aplicação do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias”, das crianças¹ Parai, Potiguá, Peri e Jaxucá.

¹ Ressaltamos que os nomes aqui utilizados são fictícios, a fim de resguardar a identidade dos participantes.

CASO 1 – PARAI

Identificação

Parai contava sete anos e três meses na data de aplicação do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias”. Frequentava a escola na própria aldeia e não apresentava queixas escolares. Era filha mais velha do terceiro casamento de um dos líderes da aldeia.

Sua residência era em local mais afastado, dentro da mata. Morava com sua mãe, seu pai, duas irmãs mais novas e um irmão de treze anos, filho do segundo casamento do pai. O pai possuía outros filhos casados, de casamentos anteriores, que residiam em outras aldeias. Seus avós maternos também residem na aldeia, porém não no formato de família-grande tradicional dos Guarani (SCHADEN, 1974), ou seja, em núcleos familiares nos quais encontra-se as casas do casal de avós, suas filhas casadas, os genros e a geração seguinte, e sim em residências dispersas pela aldeia.

Parai Durante as Oficinas

Parai sempre se mostrou receptiva e animada com os trabalhos propostos. Tinha mais facilidade com o idioma Português e sempre se empenhava em aprender mais, além de tentar nos ensinar algumas palavras no idioma Guarani e auxiliar na tradução do que outras crianças falavam, já que muitos não dominavam a Língua Portuguesa.

Numa das primeiras Oficinas Parai veio nos mostrar o seu caderno de escola. Percebemos que na página em que ela abriu o caderno havia o cabeçalho do dia e no local destinado ao seu nome constava outro nome *juruá* (não indígena) que não o seu. Questionamos então sobre este outro nome e ela riu, dizando que havia escrito porque o achava bonito. Depois de certo tempo ela se aproximou novamente com o caderno e uma borracha na mão, perguntando onde estava escrito o outro nome *juruá* que tínhamos observado. Apontamos e ela então o apagou e escreveu o seu próprio nome. Neste episódio percebemos dois aspectos importantes: o primeiro refere-se ao quanto o nome *juruá* (não indígena) não é valorizado, já que a identidade de Parai é Guarani. Elucidamos que aqui compartilhamos da compreensão de identidade trazida por Knobel (1981) que nos explica a identidade como resultado de projeções, introjeções e identificações desde o começo da vida e há identidade em todas as etapas evolutivas, inclusive na infância.

Um segundo aspecto importante é o fato de que mesmo sendo relatado pela professora que esta criança não tinha dificuldades escolares, ela não conseguira ler seu caderno e encontrar o nome *juruá* (não indígena) que ela havia escrito, parecendo que ela o havia simplesmente copiado de algum lugar. Sabemos que a alfabetização bilingue, pela qual Parai também passou é alvo de constantes discussões pedagógicas, nas quais não vamos nos ater. Todavia, citamos o importante trabalho de Ladeira (2002) que nos explica que é grande a corrente de educadores, linguístas e demais interessados que insistem que a alfabetização deve ocorrer primeiramente na língua materna e não na Língua Portuguesa, pois a criança indígena não domina a Língua Portuguesa e a alfabetização, que é uma transposição dos códigos antes aprendidos, torna-se impossível por ser feita com base numa língua que o indivíduo não domina. A autora ainda informa que devido ao indivíduo ter dificuldades na alfabetização em Português, também terá dificuldades em subseqüentes tentativas de aprender a ler e escrever em sua própria língua.

No que diz respeito a aplicação do instrumento DF-E, após tal aplicação Parai se mostrou muito próxima e carinhosa, chegando a pedir para que nós também lhe contássemos

estórias sobre nossa família e nos convidando para conhecer sua casa, convite que nós aceitamos. Esta aproximação da criança mostrou que o enquadre e o propósito das Oficinas de fato mostraram-se importantes para o andamento do trabalho. Neste sentido, o campo emocional revela-se como necessário e fundamental num trabalho clínico. Novamente lembramos Bonfim (1998) pois a autora aponta fatos similares no seu trabalho com crianças quando atende a solicitações de sua paciente e por compreender que esta atitude favorece o campo emocional e o convite da criança para que o terapeuta (no nosso caso o pesquisador) entre no mundo interno da criança e relacione-se com ele.

Parai muitas vezes pediu para que lhe presenteássemos, principalmente com roupas, pedidos que não atendemos, pois os compreendemos mais como um desejo de ter algo nosso com ela. Em certa ocasião, colocou um vestido muito bonito e florido para ir à Oficina. Neste dia ficou muito envergonhada por estar arrumada e nos chamou fora das dependências da escola para conversar. Depois de algum tempo entrou e participou das atividades. Foi neste dia que nos convidou para conhecer sua casa. Já nesta ocasião, aceitamos o convite da criança, que desejava aproximar-se e mostrar-nos sua família e sua vida.

Os pais de Parai estiveram presentes em muitos momentos da Oficina. Em determinada ocasião sua mãe se aproximou e também pediu para desenhar (ANEXO V), participando então, por alguns minutos, das atividades junto às crianças. O desenho da mãe de Parai traz objetos típicos da cultura indígena, tais como colar, chocalho, arco e flecha, dentre outros. A participação da mãe de Parai nos demonstrou mais uma vez o quanto essa mãe se mantém próxima e participa das atividades da filha. Inclusive, em ocasião posterior, após os as férias letivas, esta mãe veio conversar conosco sobre a interrupção das Oficinas e nos disse que frequentemente sua filha perguntava se não voltaríamos mais à aldeia.

É comum na aldeia que as crianças andem livremente, sem maiores fiscalizações por parte dos adultos. Parai e seu irmão, porém, muitas vezes deixam de ir a passeios em determinados locais, tais como a cachoeira ou nadar na represa junto às outras crianças, dizendo que “a mãe não deixa” (sic). Algumas vezes também esta mãe fora até a escola, quando as Oficinas estavam sendo realizadas, chamando a filha para ir embora, principalmente quando o irmão mais velho não estava presente. Sabemos que a cultura Guarani Mbya é tradicionalmente marcada pelo masculino (SCHADEN 1974) e que há semelhanças quanto a função paterna entre os indígenas Guarani Mbya e a população não indígena ocidental (VIZZOTTO, et. al., 2004) por isso, entendemos que neste caso, especificamente, em muitos momentos a mãe parece ser responsável pela “interdição”, ou seja, é a figura que estabelece regras e limites.

O pai de Parai, por ser um dos líderes da aldeia, tinha muito contato conosco, pois conversávamos não só sobre o trabalho com as crianças, mas sobre diversos acontecimentos da aldeia. Na ocasião em que solicitamos o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, ele aparentava certa tristeza e conversamos longamente sobre o nosso trabalho. Também nos pediu muitas explicações sobre como fatores emocionais poderiam influenciar na saúde física das pessoas e se “*problemas emocionais*” (sic) dos pais poderiam ser passados para os filhos de forma genética. Nos pareceu que ele estava preocupado, não só com o que nós poderíamos “descobrir” nos desenhos e estórias de sua filha, mas também com a fantasia de que sua tristeza pudesse contaminar os filhos. Aqui cabe trazer os contribuições de Isaacs (1969) que considera tal fantasia de contaminação como primitiva e afirma que as fantasias são o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes, representando o conteúdo particular dos impulsos ou sentimentos que dominam a mente no momento. O adulto também não nos pode relatar diretamente suas fantasias inconscientes, mas podemos observar as emoções e atitudes que o próprio paciente não se dá conta; assim podemos inferir que tais resistências ou fantasias estão atuando. Diante da observação do pai de Parai, neste momento, inferimos

como dito que o pai, preocupado, fantasiava contaminar os filhos com sua tristeza e insegurança.

Na sessão seguinte ao consentimento do pai para que Parai participasse do presente trabalho, a menina estava muito feliz e nos disse que seu pai tinha contado para ela que nós a havíamos escolhido para participar porque ela desenhava muito bem e era muito inteligente. Depois deste dia Parai se mostrou muito empenhada nas atividades propostas nas Oficinas. Nos dias em que aplicávamos o instrumento DF-E em outras crianças, mostrava-se enciumada. Principalmente no dia em que Jaxucá (Caso 4) realizou a tarefa; nesta ocasião Parai tentou entrar na sala de aplicação várias vezes e nos disse que estava sentindo vontade de chorar. Na verdade, com ciúme, queria a nossa atenção.

Parai mostrava-se uma menina muito cuidadosa, delicada e meiga nos trabalhos propostos. Em certa ocasião fizemos um trabalho de colagem no qual as crianças recortaram muitas figuras e as colaram num grande papel, em grupo. Percebemos que todas as crianças colavam artigos de consumo (celulares, aparelhos de dvd, brinquedos) e comidas que desejavam. Parai, além de recortar tais figuras, dava uma atenção especial às figuras com vasos de flores, artigos de decoração, animais domésticos e jóias – figuras sempre coloridas, femininas e belas. Neste mesmo dia ela chegou chorando no início da Oficina pois um menino de sua sala de aula havia pegado o seu estojo e não queria devolver. No final da Oficina o menino veio participar dos trabalhos e ela pediu para que nós pegássemos o estojo dele. Não o fizemos e conversamos com ela sobre o medo que sentia, sobre o porque de não pedir seu estojo de volta. Percebemos então o quanto a menina se sentia frágil.

No mesmo dia, Parai também nos perguntou se conhecíamos o desenho do Pica-Pau. Disse que seu pai “*detestava*” (sic) o desenho. Questionamos então se seu pai detestava especificamente o desenho do Pica-Pau e ela disse que ele não gosta mesmo é da televisão. Complementou dizendo que o pai é muito bravo.

Dados Gerais da Aplicação do DF-E

No caso de Parai a aplicação do instrumento se deu no próprio pátio onde ocorreram as Oficinas, porém em local afastado, a fim de garantir mais privacidade e conforto para a criança. A série foi realizada em duas aplicações, sendo que a segunda e a terceira unidade de produção foram realizadas no dia da Oficina seguinte. No segundo dia de aplicação, retomamos o primeiro desenho e lemos a estória que ela havia contado.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

Desenhe uma família qualquer



Observações da Aplicação: Trata-se da representação das pessoas que moram em sua casa. Parai desenhou primeiro os irmãos, o pai (com o corpo incompleto) e em seguida a mãe. Apagou o desenho do pai e o desenhou novamente. Desenhou a casa de reza e disse “*esta é como uma igreja*”, ao mesmo tempo em que desenhava uma igreja do outro lado da folha.

Estória:

Título: não tem

“*T. (irmão) está muito bravo (apaga a boca e desenha novamente, com expressão diferente) porque a S. (irmã) não para de chorar. Ah, na minha família também tem galinha (desenha) e gato (desenha). Falta um cachorro (desenha). Só, eu não sei contar estórias*”.

Não quer me contar o que mais está acontecendo?

Não, eu não sei.

Análise da Unidade de Produção 1

Observamos que em alguns momentos a criança completou e desenhou novos personagens no decorrer da estória apresentada. Segundo Trinca (1976) no Procedimento de Desenho-Estória (entendemos que conseqüentemente no Procedimento de Desenhos de Família com Estórias) o examinando vai ajustando os desenhos à expressão oral (estória) e à expressão oral aos desenhos, de modo que a mensagem resulte num todo coerente. Assim, do ponto de vista da evolução gráfica, o fato da criança mudar o formato da boca do irmão quando conta que este estava bravo pode ser uma forma dela ajustar o desenho a cena que representou.

No que diz respeito à proporção e distinção das figuras representadas, percebemos que há pouca distinção entre figuras femininas e masculinas. As pessoas estão suspensas e nota-se uma necessidade de encher a folha. Ressaltamos que essa “folha cheia” e desorganizada, denotando uma necessidade evacuativa nos lembra o *splitting* – compreendido, como um recurso defensivo que expressa a divisão, a cisão, segundo Piccolo (1999) é uma necessidade projetiva intensa, compulsiva. Já Laureta Bender observa essas características como comuns em crianças em idade mais precoce, por volta dos 4 ou 5 anos (BENDER, 1938-1972). Em contrapartida, Van Kolck (1984) nos explica que nos testes projetivos gráficos a folha de papel representa o ambiente, ou seja, o espaço onde o indivíduo se manifesta, enquanto que o desenho representa o próprio indivíduo. Desta forma, compreendemos que Parai se manifesta no ambiente de uma forma expansiva, desenhando conforme a estória se desenvolve e sem preocupações com um esquema mais formal. Assim, vemos como coerente a idéia de que os traços estejam mais relacionados a uma necessidade expansiva do que a um dado patológico.

Autores como Grubits (2003) consideram que no conteúdo gráfico, pictórico, da criança, existe uma grande reprodução daquilo que se vê e, portanto, a produção da criança está diretamente relacionada ao ambiente no qual o seu grupo social está inserido, neste caso a aldeia, na qual há a mata, animais, etc. A autora relata que num estudo realizado com crianças Guarani Kaiowá, utilizando o HTPF, percebeu que a identificação e a legibilidade da produção são geralmente tributárias de uma semelhança visual com o objeto. A imagem desenhada seria uma transcrição, sobre a folha de papel, das qualidades sensíveis do objeto; ela reduz o real para melhor o evocar; é uma elaboração original, um agregado de significados, cuja natureza e estrutura são largamente determinadas pelos processos de ordem perceptiva, cognitiva e sociocultural; processos que, além disso, subentendem e trabalham a personalidade da criança.

Porém, mais próximo àquilo que trazemos nesses resultados, é o exposto por autores como Stern (1969) que também consideram essa questão contingencial, tal qual Grubits (2003), mas acresce que há também de se considerar outros aspectos da percepção e da subjetividade presente na criança em desenvolvimento. Mais especificamente, concordamos com Wallon, Cambier e Engelhart (1990) que trazem a idéia de que cada sociedade, cada grupo, exprime-se graficamente de maneira diferenciada e específica, porém, sem excluir a existência de signos e de regras universais. Com isso, queremos dizer que aceitamos os aspectos contingenciais, mas compreendemos a necessidade de expansão como uma

necessidade de produzir e criar, assim como a presença de certa ansiedade decorrente dessa “pressa” pela expansão.

Seguindo esse raciocínio, vemos outro importante ponto de análise. Parai representou as figuras com olhos vazados (sem olhar). Tal aspecto, que numa análise clássica, de crianças não indígenas, poderia ser visto tradicionalmente como traços esquizoparanóides em crianças dessa faixa etária (PICCOLO, 1999). Todavia, entendemos que no presente caso, estes itens estão mais relacionados a traços infantilizados, representado mais uma imaturidade afetiva de Parai do propriamente um dado patológico. É interessante verificar que aspectos muito similares foram encontrados por Tardivo (1997) em sua pesquisa com crianças não indígenas de 5 a 7 anos. As meninas dessa faixa etária apresentaram mais impulsos hostis e mais ansiedades paranóides do que depressivas. Este aspecto é apontado pela autora como sendo característica não esperada para a idade e esta chama ainda atenção para a possibilidade deste fato ter relação com a forma que as meninas vêm sendo educadas na nossa sociedade e às mudanças que vêm ocorrendo acerca do papel da mulher e os conflitos decorrentes de tais mudanças.

É interessante citarmos que, no que diz respeito a mudanças no papel da mulher, este dado também foi observado por Grubits; Darrault-Harris (2003) em mulheres Guarani Kaiowás do Mato Grosso do Sul. Os autores explicam que em decorrências das mudanças sociais a mulher indígena passou a ser uma representante de sua cultura, enquanto que os homens saem da aldeia para trabalhar e desenvolvem uma identidade de homens da cidade. Desta forma, entendemos que os impulsos hostis a que nos referimos no caso de Parai podem estar relacionados aos conflitos sociais a que sua comunidade também vêm passando.

Nesta unidade de produção pudemos observar ainda indicativos edipianos, numa preocupação especial com a figura paterna. O pai é representado como grande e soberano no desenho, mas não tem ação na “estória”, parecendo mais uma figura frágil ou ausente. Em princípio, poderíamos excluir a possibilidade de explicações edipianas entre indígenas; mas compartilhamos de estudo anterior de Vizzotto, Tardivo, Bonfim e Arias (2004) em que observamos o fato de que a função paterna parece ser a mesma nas culturas não indígena ocidental e indígena Guarani Mbya, ou seja, a função superegógica. Algumas distinções estariam em particularidades do exercício paterno (modo de ser pai), principalmente no fato de que este exercício é aberto para a comunidade, tal qual também foi observado por Schaden (1974). Sendo assim, lembramos Stern (1962) que afirma que a expressão infantil não se limita a representação. Existe o que a criança representa e por que o representa. O desenho é visto como uma oportunidade de expressar preocupações que minam seu equilíbrio psíquico. Desta forma, vemos que há uma tentativa de Parai em ver o pai como forte e grande (desenho), mas esta acaba por percebê-lo como frágil.

Ainda sobre a questão edipiana, lembramos as contribuições de Richter (1990) sobre a importância do complexo de Édipo no desenvolvimento humano e na compreensão familiar. Este autor ainda chama atenção para a necessidade de ampliação da compreensão acerca das relações existentes dentro da família, considerando que as interações sociais devem ser estudadas em suas diversas motivações, porém, sem realizarmos nenhum tipo de simplificação da abordagem psicanalítica. Desta forma, entendemos que as considerações acerca da representação dos conflitos edipianos nas produções de Parai fazem-se possíveis,

pois adeptos que somos da compreensão psicanalítica, não podemos deixar de investigar tais hipóteses.

Em síntese, há indicativos, na representação da criança, de uma necessidade de crescimento. Embora seja infantilizada há, ainda que em fantasia, desejos de que o pai seja forte e grande. Também existe a possibilidade de se entender que o desejo de expansão mostrado em toda composição do desenho (gestalt) é o desejo de que toda família cresça. Isso nos parece ser mais um traço de saúde do que de patologia.

No que diz respeito à percepção de Parai sobre a relação entre família nuclear, família-grande e comunidade, vemos que neste desenho ela representa sua família nuclear – pai, mãe e três irmãos e que a casa de reza tem importância especial no desenho e simboliza a importância da família-grande e da comunidade para a criança. Este fato corrobora com dados antropológicos descritos por Schaden (1974) a respeito da organização social dos Guaranis que se baseia na “família-grande”. Porém, este autor também disserta que neste tipo de organização, a criança não aprende a focalizar suas emoções ou expectativas de recompensa e punições em determinadas pessoas, já que os outros adultos da comunidade também estão em condições de exercer tais funções. Percebemos a partir dos desenhos e observações realizadas que atualmente a comunidade tem sim esta função, mas que esta se dá em paralelo às funções paternas e maternas muito similares às encontradas na cultura não indígena ocidental.

Parai também nos apresenta os animais desenhados e ressalta que estes fazem parte de sua família. Em observações realizadas nessa aldeia entendemos que as crianças são especialmente ligadas aos animais, sendo que estas muitas vezes até dividem seus alimentos com cachorros, gatos e galinhas. Entendemos que o ambiente no qual esta criança está inserida propicia este contato próximo com os animais domésticos e o fato da criança considerá-los como integrantes da família. Da mesma forma, Kolck (1981) encontrou um número significativo de animais (39,8%) em desenhos de uma amostra de crianças naturais de cidades do interior paulista. A autora relaciona estes dados a uma cultura ligada a uma vida mais natural e simples.

As aproximações e diferenças entre a comunidade indígena e o centro urbano também são representadas pela criança quando, na estória, esta nos mostra a casa de reza e explica que é como uma igreja. Sabemos que, culturalmente, o Guarani dá grande importância a terra (*tekohá*) no qual a comunidade vive (SCHADEN, 1974; GRUBITS; DARRAULT-HARRIS, 2003; MELIÁ, 1990). Assim, como dito, o fato da criança ter representado uma igreja não indígena para nos explicar o que seria a casa de reza, nos mostra também sua percepção da distinção e proximidades entre tal comunidade indígena e o centro urbano. Sob este aspecto

também percebemos a tentativa de Parai se aproximar de nós, traçando um paralelo entre elementos do seu cotidiano e do nosso.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2

Desenhe uma família que você gostaria de ter



Estória:

Título: não tem

“Meu irmão morreu porque ele comeu comida de cobra. Ele tinha um ano. E aí eu chorei. Minha mãe não queria que eu chorasse. Então, meu pai estava com uma cordinha e me apanhou, para que eu não chorasse mais”.

E você conheceu seu irmão?

Sim, lembro dele. Mas eu era bem pequena.

E como acaba essa estória?

Tudo bem. Eu não chorei mais.

Análise da Unidade de Produção 2

Neste desenho, assim como no primeiro, há pouca distinção entre figuras femininas e masculinas e percebemos que é confusa a relação de tamanhos das pessoas. Parai que é representada no centro e parece maior que os próprios pais. Tal representação pode relacionar-se à própria temática da estória, na qual parece que a criança vê os pais como frágeis e sem recursos para acolhê-la. Tal dado poderá ser mais bem compreendido ao longo da presente análise.

Pudemos perceber que Parai não conseguiu desenhar uma família idealizada, trazendo situações de conflito e sofrimentos – perda do irmão, que parece ser uma figura significativa para ela. Blini de Lima (1997) informa que uma das categorias que podem ser analisadas a partir dos resultados do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias é *“A projeção, por parte do sujeito, de conflitos, dificuldades, limitações e expectativas no mundo externo, mais especificamente em um ou mais membros da família”* (p. 234). A este respeito, percebemos que Parai projeta nessa produção situações de conflito ligados ao meio (membros da família), tais como a morte do irmão e o sofrimento dos demais membros da família e também expressa a expectativa de que o pai pudesse protegê-la.

Assim, no que diz respeito a instrução fornecida nesta unidade de produção *“Desenhe uma família que você gostaria de ter”*, chamam atenção as figuras parentais presentes, sendo a mãe, o pai, um irmão falecido e ela própria. Percebemos que a tríade edípica é aqui representada e nela a figura do pai parece frágil, apoiando-se no que parece ser uma “bengala”, mas que a criança diz que é uma *“cordinha”* (sic), com a qual “o pai a apanha”. Nos parece que a criança tenta nos comunicar que tal cordinha é um instrumento que o pai utilizou para bater nela. Assim, parece que o pai a agride tanto com a corda, como também com sua fragilidade. Sobre este indicativo de fragilidade paterna, Salas (1984) explica que no declínio do complexo de Édipo, período que Parai podia estar ainda atravessando, oscilam os impulsos amorosos, ou seja, de identificação com o objeto e os impulsos agressivos direcionados ao objeto. Sendo assim, entendemos que podem estar oscilando em Parai os impulsos amorosos (desejos) pelo pai e sua percepção de que ele é frágil e ausente, não conseguindo protegê-la dos perigos existentes.

Apesar de coerente a idéia de que Parai oscile entre impulsos agressivos e amorosos em direção ao pai, devido ao período de declínio do complexo de Édipo, lembramos que Aberastury (1984) explica que o pai ausente ou sentido como ausente ou fraco, traz como consequência a formação de um superego que se configura como extremamente severo ou praticamente inexistente. Entendemos portanto, que nos dois casos os conflitos são eminentes e causadores de insegurança e vemos como coerente a idéia de que a criança se sente insegura por sentir a figura paterna como fraca e punitiva ao mesmo tempo. Reforçamos ainda que a atitude do pai parece ambígua também no relato do pai a ter *“apanhado”* (sic). Como dito, esta expressão indica tanto que o pai pode ter batido na menina, como também sugere uma idéia de continência e proteção que parece ser esperada pela criança.

Tal fragilidade da figura paterna nos sussita também a idéia de que este pode não ter conseguido interferir na relação mãe-filha. Seguindo este raciocínio, vemos que Parai parece perceber a mãe como uma figura mais forte, que não quer que ela sofra e permanece ao seu lado no desenho, mesmo sendo do mesmo tamanho que ela própria e aparentando não saber como agir. A relação com a figura materna também é discutida por Tardivo (1997) porém com resultados que denotam diferenças importantes que nos chamaram atenção. A autora aponta que há diferenças em relação às figuras significativas para meninos e meninas. A

figura materna é apontada pela autora como comumente positiva para os meninos, enquanto que para as meninas ela é geralmente negativa. Nesta faixa etária, acrescenta, que sempre há maior predomínio de conflitos na relação com a figura materna. Todavia, as projeções de Parai não seguem esse padrão. O conflito parece ser mais acentuado na relação com a figura paterna. Isso pode indicar que na tarefa projetiva a criança se identifica com uma mãe mais poderosa (que tem o pai), porém, seu objeto de desejo (pai) oscila, sendo hora frágil, hora punitivo.

Em síntese, no que diz respeito às figuras parentais, percebemos que a fragilidade do pai, somada a figura da mãe que não quer que ela chore, mas que não sabe o que fazer, bem como a presença do irmão falecido, denotam a representação de Parai de figuras negativas, que indicam conflitos ligados a fase de elaboração da posição depressiva, na qual segundo Tardivo (1997) vigoram vivências de abandono, fragilidade, sentimentos de perda, culpa e desproteção. Ou seja, há presença dessa desproteção esperada para a idade, mas há indícios de conflitos.

Ainda a respeito da fragilidade do pai e da mãe percebida por Parai, lembramos as contribuições de Meyer (1987). O autor considera que a dinâmica relacional do casal tem certa propensão a tornar-se a dinâmica familiar. O casal seria um “veículo de transporte” das expectativas e necessidades ancestrais, ou seja, das famílias de origem do homem e da mulher. Assim, a natureza da interação da família nuclear será determinada pelas qualidades das relações objetivas que foram introjetadas ao longo do desenvolvimento individual de cada membro do casal. Desta forma, entendemos que as situações de conflitos individuais do pai e da mãe refletem-se na filha Parai, fato que não exclui também a sua base individual, pois, segundo Pichon-Rivière (1991) na família, o indivíduo que adoece é representante de uma estrutura tanto individual quanto familiar e conhecer esta estrutura faz com que os dois aspectos, individual e familiar, possam ser manejados. Esclarecemos que ao trazermos tais contribuições de Pichon-Rivière (1991) não queremos afirmar que há traços patológicos em Parai, mas sim que o interjogo entre estrutura individual e estrutura familiar que é responsável pelos conflitos representados nessa unidade de produção.

No que concerne aos sentimentos de desproteção (TRINCA, 1976; TARDIVO, 1997), estes podem ser verificados na estória que Parai traz sobre o irmão “*Meu irmão morreu porque ele comeu comida de cobra*” (sic). A comida de cobra a que a criança se refere é veneno. Apesar de compreendermos que a criança comunica os perigos que o ambiente pode oferecer, vemos aqui também a indicação de conflito edípico (ABERASTURY, 1984). Ou seja, a criança demonstra que tem medo de comer o veneno, o qual deseja algumas vezes e ser punida (morte).

Em relação ao desenho da casa presente nesta unidade de produção, percebemos que ela segue o padrão das casas da aldeia, dado que corrobora com os encontrados no estudo que Grubits (2003) realizou com crianças Boróro, Guarani-Kaiowás e Kadiwéu, com atenção às casas desenhadas; nos resultados dos Guarani-Kaiowás, a autora aponta que um grupo de crianças fez desenhos de casas ligadas por caminhos, reunindo as habitações pelo parentesco, no mesmo local; outro grupo desenhou casas isoladas, mantendo as características da arquitetura Guarani-Kaiowá; por fim, outras representaram casas de acordo com os padrões de desenhos comuns da maioria das crianças dos centros urbanos. A autora concluiu que a maioria das crianças fizeram os desenhos de casas de acordo com a tradição e organização social Guarani. Assim, entendemos que estas representaram, além das casas, o próprio *tekohá*, que, tal como afirmam Schaden (1974), Grubits e Darrault-Harris (2003) e Meliá (1990), não é considerado apenas como um espaço físico, mas sim como o lugar que possibilita a ocorrência das interações sociais, políticas e culturais.

Porém, além dessa similaridade com as casas da aldeia e das representadas pela maioria dessas crianças nas Oficinas realizadas, percebemos que esta possui traços tortos e desorganizados, parecendo frágil. A fragilidade da casa pode estar representando tanto a própria fragilidade da família direta, a qual já discutimos acima, como também pode ser um indicador da desorganização social vivida pelos Guarani atualmente, pois, conforme Schaden (1974) há relação direta entre família, família-grande e aldeia, ou seja, uma não existe sem a outra. Desta forma, compreendemos que na comunidade estudada os conflitos sociais atingem as famílias, assim como os conflitos familiares atingem toda a sociedade Guarani.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3

Desenhe uma família em que alguém não está bem



Observações da Aplicação: Foi necessário dar mais informações sobre a instrução: Desenhe uma família em que alguém não está bem, está doente ou foi embora. Desenha primeiro a si, em seguida o pai e então desenha a mãe no meio. Coloca os irmãos ao redor e faz um desenho de figura humana grande que diz ser o pai.

Estória:

Título: não tem

Você havia dito que esse era seu pai. E quem é ele?

É o T. (irmão de 12 anos).

“Esse é o V. Ele é meu irmão. Ele morava perto da minha casa, mas foi embora pro Rio Branco. A esposa levou ele embora”.

E o que você achou quando a esposa levou ele embora?

Eu achei feliz, porque ele mandava muito em mim.

Só.

Então ele mandava em você?

É. Mas é só.

Análise da Unidade de Produção 3

Vemos que nesta unidade o desenho das figuras segue o padrão das unidades de produção anteriores, ou seja, as figuras são infantilizadas, com pouca distinção entre os sexos.

No que diz respeito às figuras parentais representadas por Parai, vemos que a criança desenha sete figuras, sendo os seis elementos de sua família nuclear apresentados na primeira unidade de produção e o sétimo elemento é um irmão mais velho que se mudou para outra aldeia. Especificamente ao que concerne a este irmão que “*foi embora*” (sic), Parai mostra que ficou feliz com sua partida, parecendo sentir-se liberta. Podemos hipotetizar que este irmão era para ela uma figura de maior autoridade do que o pai “*Eu achei feliz, porque ele mandava muito em mim*” (sic).

A respeito da figura paterna, chama atenção o fato de que na primeira versão do desenho dessa unidade de produção, Parai representou seu pai como uma figura pequena, do seu tamanho e depois de desenhar os outros membros, o desenhou novamente numa figura bem maior do que as outras pessoas. Quando lhe perguntamos sobre quem era a figura do primeiro desenho, respondeu que aquele era o seu irmão. Quanto a esta troca de figuras do pai, lembramos que Stern (1961), afirma que em fases primitivas da evolução do grafismo, o traçado e a forma são bastante imprecisos e permitem a criança várias interpretações e improvisações sugeridas pelas circunstâncias. O que era mãe pode se tornar uma casa, etc. Porém, aos poucos a criança cria com maior premeditação e é esperado que na idade de Parai tal fase já tenha passado. Tais situações então podem estar representando conteúdos psíquicos conflituosos. Chamamos atenção para o fato de que novamente percebemos uma confusão quanto à figura do pai, que aparece inicialmente como pequeno e frágil, mas que o desejo da criança é de que ele fosse grande e poderoso e, desta forma, tal como afirma Salas (1984) as oscilações entre impulsos amorosos e agressivos direcionados ao pai são comuns no declínio do complexo de Édipo, período que Parai está ainda atravessando.

Quanto as figuras femininas presentes, a mãe é representada no desenho, mas não tem ação na estória. Porém, há uma mulher com papel importante na estória, que é a esposa de seu irmão. Parai ressalta que essa levou seu irmão embora, parecendo que a mulher assim decidiu. Vale citar que em observações realizadas nessa comunidade, vemos o atual e importante papel que a mulher vem desempenhando nestas comunidades. As mulheres muitas vezes são figuras de autoridade dentro da família e ficam com os filhos nas frequentes separações dos companheiros. Schaden (1974) já observou este fato nos anos setenta do século passado e informa que apesar da cultura Guarani ser marcadamente masculina, desorganizações sociais e o alto índice de separações existentes provocavam a perda da referência dos filhos, principalmente dos homens, pela figura paterna. O autor afirma que a mãe é a mesma a vida toda, mas o pai pode mudar. Outros autores também observaram este fato, como Grubits e Darrault-Harris (2003) que, no estudo de crianças Guarani Kaiowá do estado do Mato Grosso do Sul, perceberam que a mulher Guarani Kaiowá revela uma tendência para assumir o papel de guardiã da cultura, permanecendo na reserva, representando a cosmologia Guarani e buscando a identificação com sua etnia, enquanto que a maioria dos homens saíam da reserva para procurar trabalho e meios de sobrevivência, construindo identidade de homens da cidade.

Além do importante papel social que as mulheres vêm desempenhando em comunidades tais como a de Parai, relacionamos este dado também a categoria de análise do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias proposta por Blini de Lima (1997) “*Como são vividas as funções paternas e maternas*” (p. 233). Assim, no que diz respeito a forma como Parai vive a função materna, compreendemos que a menina demonstra nesta unidade de produção, assim como nas anteriores, que vivencia esta relação de forma mais positiva do que a relação com o pai. Parece que na família a mãe é vista pela menina como figura mais forte e responsável pelas decisões.

Quanto ao papel da comunidade e do meio no qual a criança está inserida, percebemos que Parai representa nesta unidade elementos da natureza. Vemos a presença de um pássaro, uma borboleta, frutas, árvores e flores. Ela também colore a árvore, o cacho de uvas e a borboleta. Percebemos assim que a presença desses justifica-se não só pela importância que os indivíduos indígenas dão a terra, mas que tais elementos são incorporados e fazem efetivamente parte da família. Importantes autores, tais como Schaden (1974), Meliá (1990) e Grubits e Darrault-Harris (2003) dissertam sobre a importância do *tekohá* (terra) para o Guarani, sendo que este é o lugar onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser Guarani. A terra é, antes de tudo, um espaço sócio-político-cultural. A terra também significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa. Percebemos então que a terra, a comunidade, a família-grande e a família nuclear estão estreitamente ligadas e que esta criança assim as percebe.

SÍNTESE GERAL DO CASO

No caso da menina Parai, podemos sintetizar os resultados em três aspectos fundamentais. Destacamos os conflitos em relação à figura significativa paterna; a relação com a figura significativa materna e demais figuras femininas e indícios de conflito entre contexto indígena e contexto não indígena. A seguir trataremos de tais aspectos de forma específica.

O que parece figurar como aspecto mais preponderante em toda produção de Parai é a relação com a figura paterna que surge como frágil, ausente e punitiva. Para tal conclusão, nos remetemos não só aos resultados encontrados no Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, mas também durante observações realizadas da criança em seu cotidiano, bem como durante os trabalhos das Oficinas Lúdicas. A criança parece “tentar” demonstrar, durante tais contatos, um pai líder e poderoso, denotando que por idealização existe uma investida num pai forte (pai forte idealizado), porém não real.

A este respeito, lembramos que o próprio pai de Parai mostra suas preocupações quanto à sua postura frente aos filhos numa ocasião em que conversamos a fim de solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que Parai pudesse participar da presente. O pai mostrou preocupações principalmente sobre como os fatores emocionais podem influenciar na saúde física das pessoas e se esses “problemas emocionais” dos pais podem ser passados para os filhos de forma genética. Nos pareceu que além de estar preocupado com o que poderíamos “descobrir” na aplicação do instrumento, o pai nos comunicava a fantasia de que sua tristeza pudesse contaminar os filhos. As contribuições de Isaacs (1969) nos mostram que a fantasia de contaminação é primitiva e afirma que as fantasias são o conteúdo primário dos processos mentais inconscientes, representando o conteúdo particular dos impulsos ou sentimentos que dominam a mente no momento. Diante da observação do pai de Parai neste momento, inferimos, como dito, que o pai fantasiava contaminar os filhos com sua tristeza e insegurança e preocupava-se com isso.

Sabemos que, conforme Salas (1984) crianças na faixa etária de Parai ainda estão elaborando o declínio do complexo de Édipo e que neste período há uma oscilação entre impulsos amorosos e agressivos direcionados ao pai. Com as colocações deste autor vemos que a análise realizada de Parai, que idealiza e deseja o pai “forte”, mas em contrapartida o sente como frágil, pode estar relacionada a este período de declínio, normal no desenvolvimento genital. Porém, vemos como acentuadas estas características de fragilidade paterna, tanto na produção da menina, quanto nas observações realizadas acerca do pai. Portanto, compreendemos que apesar da investida de Parai na figura paterna, este não consegue protegê-la como ela gostaria.

No que diz respeito à figura materna, pudemos perceber que Parai representa a mãe de forma mais positiva que o pai. Parece que ela é, para a criança, uma figura mais forte e de maior autoridade. Este fato pode ser visto, de uma forma geral, tanto nos resultados trazidos ao Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, quanto nas observações realizadas durante as Oficinas Lúdicas. Destacamos aqui um fato observado como forma de ilustrar tais observações. Na aldeia em que Parai reside é comum que as crianças andem livremente, sem maiores fiscalizações por parte dos adultos. Parai, porém, muitas vezes não vai a determinados locais, tais como a cachoeira ou a represa junto com as outras crianças, dizendo que “*a mãe não deixa*” (sic). Acresce-se ainda que seu irmão mais velho, mesmo sendo enteado da mãe de Parai também age da mesma forma, respeitando a autoridade da madrasta. Da mesma forma, lembramos a esposa do irmão representada por Parai na unidade de produção 3 que “levou o irmão embora”, denotando que ela assim o decidiu. Sabemos que a cultura Guarani Mbya é tradicionalmente marcadamente masculina (SCHADEN 1974), porém lembramos os estudos de Grubits e Darrault-Harris (2003) com desenhos de crianças

Guarani-Kaiowá do estado do Mato Grosso do Sul que revelaram que as mulheres dessa comunidade revelam uma tendência para assumir o papel de guardiã da cultura, permanecendo na reserva e buscando a identificação com sua etnia, enquanto a maioria dos homens sai da reserva para procurar trabalho e meios de sobrevivência e constroem uma identidade de homem da cidade. Assim, entendemos que, da mesma forma que em outras sociedades contemporâneas, a função da mulher vêm se modificando nessa comunidade.

Além desta questão social e, lembrando o estudo de Vizzotto, et. al. (2004) o qual demonstra que a função paterna entre os indígenas Guarani Mbya e a população não indígena ocidental parece ser a mesma, ou seja, a função superegóica, de instituir normas e regras sociais, entendemos que no caso de Parai, especificamente, a mãe parece ser responsável pela “interdição”, ou seja, ela é a figura que estabelece regras e limites. Apesar desta constatação, lembramos que nos resultados da unidade de produção 2, a mãe é representada como a figura mais forte, que não quer que a menina sofra e permanece ao seu lado no desenho, mas parece que em alguns momentos essa mãe não sabe como agir. Podemos então levantar a hipótese de que esta mãe assume esse papel de interdição e instituição de normas, devido a fragilidade do pai de Parai, também percebida por ela. Destacamos ainda que tanto os conflitos relacionados ao pai, quanto a mãe estão interligados devido a tríade edípica, que segundo Richter (1990) é fundamental na compreensão familiar. Lembramos ainda que Meyer (1987) considera que a dinâmica relacional do casal tem propensão a tornar-se a dinâmica familiar. O autor ressalta ainda que o casal é um “veículo de transporte” das expectativas e necessidades ancestrais, ou seja, das famílias de origem do homem e da mulher. Assim, lembramos que Pichon-Rivière (1991) afirma que na família, o indivíduo que adoce é representante de uma estrutura tanto individual quanto familiar e conhecer esta estrutura faz com que os dois aspectos, individual e familiar, possam ser manejados. desta forma, compreendemos que há uma constante interação entre estrutura familiar e estrutura individual e compreendemos que no âmbito da estrutura individual, a formação da identidade do sujeito é de extrema importância para sua saúde mental.

Nesta série, o aparecimento do contexto em que vive a criança denota uma adequação ou percepção de sua realidade, mas aponta o contraste, as discrepâncias e as diferenças entre o contexto indígena e o não indígena, simbolizadas pela inclusão da igreja na unidade de produção 1. Tal fato pode implicar num conflito de identidade, já que segundo Knobel (1981) nos informa que há identidade em todas as etapas de desenvolvimento do indivíduo e que um dos aspectos da identidade está relacionado ao vínculo de integração social, que trata das constantes projeções e introjeções entre *self* e objetos do meio externo. Sobre este aspecto lembramos que Grubits e Darrault-Harris (2003) explicam que a interferência na cultura Guarani das comunidades brasileiras, causadas pelo fácil acesso aos meios de comunicação e proximidade das cidades de suas aldeias, influem constantemente no desenvolvimento da identidade das crianças da reserva e mesmo da população adulta.

Percebemos também que a importância da comunidade para a criança e para sua família foram representada nesta série. Reproduções das casas no padrão Guarani Mbya, presença da casa de reza, bem como dos animais e elementos da natureza fundamentam tal importância. As aproximações e diferenças entre a comunidade indígena e o centro urbano também são representadas pela criança, quando esta nos mostra a casa de reza e explica que esta é como uma igreja. Sabemos que, culturalmente, o Guarani dá grande importância a terra (*tekohá*) no qual a comunidade vive (SCHADEN, 1974; GRUBITS; DARRAULT-HARRIS, 2003; MELIÁ, 1990). Assim, como dito, o fato da criança ter representado uma igreja não indígena para nos explicar o que seria a casa de reza, nos mostra também sua percepção da distinção e proximidades entre tal comunidade indígena e o centro urbano. Sob este aspecto

também percebemos a tentativa de Parai se aproximar de nós, traçando um paralelo entre elementos do seu cotidiano e do nosso.

CASO 2 – POTIGUÁ

Identificação

Potiguá contava dez anos e nove meses na data de aplicação do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias”. Era natural de uma aldeia na região sul do Brasil e residia na aldeia em que realizamos o presente estudo há aproximadamente cinco anos. Frequentava a escola na própria aldeia e cursava o ensino fundamental, sendo que não tinha queixas escolares.

Seus pais eram separados e a mãe estava no segundo casamento. Não temos informações precisas sobre seu pai, porém sabemos que este não mantém contato com a criança

Potiguá era neta de um líder espiritual da aldeia e residia com a família-grande composta por avós, tios e primos, sendo que em sua casa morava com a mãe, o padrasto, um irmão mais velho e cinco irmãos mais novos. Também tinha um tio que costumava viajar entre as aldeias, mas quando estava nessa aldeia costuma ficar em sua casa. Sua casa era rodeada pelas casas dos seus familiares e percebemos que esta organização é similar a descrita por Schaden (1974) como tradicional da família-grande.

Potiguá Durante as Oficinas

Potiguá se mostrou receptiva e animada com os trabalhos propostos. Apresentava facilidade com o idioma Português, sempre demonstrando interesse em nos ensinar algumas palavras em Guarani, auxiliar na organização e na tradução do que outras crianças falavam.

Essa criança sempre estava cuidando dos irmãos e crianças menores. Fazia questão de ajudar-nos com a arrumação do espaço físico das Oficinas e nos disse que queria ser professora. Algumas vezes chamava a atenção de outras crianças quando estas faziam alguma sujeira ou desrespeitavam de alguma forma o espaço das Oficinas. Mostrava-se mais reservada e tímida que as outras crianças. Nunca nos pediu nenhum objeto da cidade, nem nos perguntou nada a respeito - pedidos e questões que são de praxe no contato com as crianças dessa comunidade. Sempre observava de forma atenta o que estávamos fazendo e o que outras crianças também faziam.

Na ocasião em que procurávamos conhecer os pais de Potiguá para solicitarmos o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, ela estava na Oficina e nós conversávamos com o cacique da aldeia, a fim de conseguir informações sobre sua família. Este, por sua vez, foi conversar com Potiguá para perguntar de quem ela era filha e onde morava e então ele me deu a informação. Percebemos que a criança ficou curiosa com a pergunta do cacique, mas nada disse e logo foi embora, sem que nós percebessemos.

A fim de esclarecermos sobre a solicitação do cacique, pedimos então para que sua irmã, que também participava da Oficina, fosse chamar Potiguá em sua casa. Ela veio e então falamos a respeito das perguntas do cacique sobre seus pais. Num primeiro momento ela ficou calada e disse que não tinha ficado curiosa, não tinha se importado. Na medida em que fomos conversando, pareceu se sentir mais a vontade e disse que queria saber porque o cacique havia feito aquelas perguntas e esclarecemos sobre a pesquisa e o motivo pelo qual gostaríamos de conversar com seus responsáveis. Após todos os esclarecimentos, fomos até a casa da criança para conversar com sua mãe. Ressaltamos que estas observações foram aqui trazidas para demonstrar o quanto as crianças dessa aldeia sentem-se inseguras ao nosso respeito (não

indígenas), bem como o fato de que devemos compreender e valorizar o que ocorre no campo emocional e os itens do enquadre (BARANGER; BARANGER, 1969; BLEGER, 1984; BONFIM, 1998) para que assim as crianças possam se sentir mais confiantes, o que favorece o estabelecimento de um vínculo positivo.

No que diz respeito a sua participação nas Oficinas, nos primeiros meses Potiguá mostrou-se muito próxima de nós. Depois da aplicação do DF-E, continuou próxima e carinhosa e algumas vezes enciumada quando nós mantínhamos contatos mais intensos com outras crianças. Nestas ocasiões ria, virava o rosto e fazia de conta que não nos ouvia.

Percebemos que algumas vezes Potiguá deixava de participar dos trabalhos para realizar outras tarefas e conversar com adolescentes ou mesmo conosco, demonstrando uma identificação positiva com figuras femininas mais velhas. Ao longo dos meses, após a aplicação do instrumento DF-E, este comportamento tornou-se mais intenso e Potiguá distanciou-se gradativamente dos trabalhos e das crianças que participavam das Oficinas, passando a se relacionar com os pré-adolescentes e adolescentes da aldeia.

Pudemos então compreender a fase de transição entre infância e adolescência pela qual Potiguá passava nos meses finais das Oficinas. Ela se aproximava de nós, procurava algum contato e repentinamente se distanciava. Parecia que algumas vezes desejava brincar e fazer desenhos como as outras crianças, mas logo se distanciava e procurava os amigos mais velhos. Torna-se importante a partir dessas observações o que já salientou Aberastury (1983) sobre a oscilação entre independência e dependência existentes já no período pré-adolescente. Segundo a autora, no início a criança move-se entre o impulso do desprendimento e a defesa que impõe temor à perda do conhecido. Este é um período de contradições, confuso, ambivalente e doloroso, caracterizado por atritos com o meio familiar e ambiente circundante.

Apesar deste distanciamento gradativo, Potiguá sempre manteve um bom relacionamento conosco e continuou interessada nas atividades que estávamos fazendo nas Oficinas, mesmo de forma mais distante. Como dito, Potiguá parecia demonstrar identificação positiva com figuras feminina mais velhas. Lembramos que conforme Ferrer (1983), no período que medeia a latência e a adolescência inicial, são marcantes as fantasias edípicas em nível genital e a imagem da mãe destruída por fantasias agressivas e persecutórias que podem impedir-lhe a identificação com a mulher e favorecer o aumento dessas fantasias edipianas. Portanto, vemos a identificação de Potiguá conosco como um aspecto positivo na elaboração deste período.

Dados Gerais da Aplicação do DF-E

A aplicação se deu em uma sala de aula reservada para este fim. A série foi realizada em duas aplicações, sendo que Potiguá fez o primeiro e o segundo desenho da série em um dia e o terceiro e quarto no dia da Oficina seguinte. No segundo dia de aplicação, retomamos os desenhos já realizados e lemos as estórias que ela havia contado.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

Desenhe uma família qualquer



Estória:

Título: não tem

“Não sei contar estória”.

Tudo bem. Então me fala que família é essa, como ela é.

“É família juruá. Pai, mãe e duas filhas. Veio visitar eles. Eles são índios”.

E o que eles acham da visita?

“Eles gostam de visita. Essa é a casa dos índios. Desses índios aqui. Esses são os índios na aldeia”.

E o que acontece?

“Nada é só. Eles ficam felizes. Todos eles.”

Análise da Unidade de Produção 1

A temática do desenho é a visita de uma família *juruá* (não indígena) à aldeia. Potiguá desenha uma família não indígena com pai, mãe e duas filhas. Também estão presentes dois indígenas no rio e um deles está colhendo uma fruta na árvore. Nota-se que as figuras das pessoas não indígenas, apesar de algumas não possuírem pés e mãos, são melhores estruturadas e coloridas do que as figuras dos indígenas, já que estes são representados de forma acromática ou em figuras palito.

Complementando as observações descritas acima, percebemos, no que diz respeito à distinção do sexo entre as figuras, que nos desenhos dos não indígenas tal distinção fica clara, porém entre os desenhos dos indígenas tal distinção não existe. Entendemos que a criança parece sentir que tal distinção existe de forma mais clara entre os não indígenas; o que pode indicar conflitos entre ser indígena ou não indígena. Pudemos com isso lembrar as contribuições de Schaden (1974) e Grubits, Darrault-Harris e Pedroso (2005) que ressaltam a ocorrência de um processo de transformação interna na organização social dos Guarani, provavelmente relacionados ao constante contato com a sociedade não indígena. A este respeito, ainda lembramos que Blini de Lima (1997) nos informa que um dos fatores que podem ser analisados no Procedimento de Desenhos de Família com Estórias é “... a adaptação ao status quo, o modelo de relação proposto pela família e por padrões culturais” (BLINI DE LIMA, 1997, p. 234). Assim, podemos hipotetizar que Potiguá representa os não indígenas em figuras mais estruturadas e vestidas em trajés mais bem definidos devido a uma valorização ou idealização dos indivíduos provenientes da sociedade não indígena.

Acrescentamos ainda que as pessoas dessa família não indígena parecem dependuradas no papel, o que denota uma não sustentação. Chama atenção que apesar da criança representar o solo e, aliás, um solo composto por várias linhas que segundo Alves (1986) é uma característica comum em crianças a partir dos nove anos, as pessoas estão dependuradas e alguns personagens não têm pés e mãos. Conforme já dito, este fato denota a representação de uma falta de estrutura ou sustentação. Ainda em relação à ausência dos pés, Buck (2003) relaciona tal omissão ao desamparo, perda de autonomia e preocupações sexuais.

Diante do presente desenho e da temática da visita dos não indígenas à aldeia, entendemos que Potiguá mostra particularidades da convivência com os não indígenas e, como visto, indicativos de confusão desta relação. Porém, também devemos acentuar o fato de que nós somos não indígenas. Podemos pensar que na transferência nós somos *juruá* (não indígenas) e viemos visitá-la. A menina também faz questão de assinalar que os indígenas gostam de visitas, ou seja, que ela própria gosta das nossas visitas, o que demonstra um vínculo positivo conosco.

Outro ponto importante que merece análise é a transparência percebida nos desenhos do rio e da árvore. Sobre este aspecto, Luquet (1927-1978) disserta que a transparência é característica do Realismo Intelectual, pois nessa fase, para o desenho ser parecido com o

objeto desenhado ele deve conter, além dos elementos e detalhes reais do objeto, aqueles que não podemos ver pelo ângulo em que estamos olhando, bem como são incluídos todos os detalhes do objeto que existam na imaginação do desenhista. Tais dados relacionados a idade de Potiguá mostram que a transparência pode ser considerada como comum em sua faixa etária, em crianças não indígenas.

Ainda em relação as transparências, Stern (1962) demonstra que a criança representa aquilo que sabe das coisas, em sua particular maneira de conhecê-las, não se limitando a representar apenas as aparências exteriores. Entretanto, não só os conhecimentos intelectuais estão envolvidos, mas há um aspecto expressivo (STERN, 1969). Deve-se valorizar, portanto, o que foi representado pela transparência, que neste caso foram frutas da árvore, peixes e um indígena nadando.

Assim, tal representação de uma árvore frutífera e peixes no desenho, além de um indígena colhendo uma fruta, poderiam simbolizar uma preocupação por parte da criança relacionada com a temática da nutrição, amparo e necessidade de cuidados, sendo que as Tendências e Desejos, categoria de análise trazida por Trinca (1976) e Tardivo (1997) parecem estar relacionadas a necessidade de suprir faltas básicas, tais como desejo de proteção e abrigo, necessidade de compreensão, afeto, etc. Quando observamos tal categoria de análise sob a ótica do postulado por Klein (1975) lembramos que o primeiro objeto de amor e ódio do bebê, a mãe, é amada, inicialmente, quando satisfaz as vontades do bebê e podemos relacionar tal representação à necessidade de cuidados maternos. A esse respeito, podemos pensar, principalmente se estivéssemos tratando da análise de caso de uma criança não indígena, na qualidade do vínculo (PICHON-RIVIÈRE, 1991; BOWLBY, 1988) entre a criança e a mãe, bem como no apego (BOWLBY, 1988). Porém, há de se considerar os aspectos contingenciais ou de princípio de realidade observados nessa comunidade na qual há carência de cuidados de ordem social e política, tais como alimentação, vestimentas, espaço territorial demarcado que seja adequado, etc., aos quais não pretendemos nos ater, porém consideramos que estes possuem estreita ligação com a necessidade de cuidados demonstrada pela criança nessa unidade de produção.

No que diz respeito a casa representada, notamos que o desenho da parte lateral direita superior (telhado) sai da folha. Temos a impressão de que a lateral da folha é utilizada para sustentar a casa. Na análise de desenhos de crianças não indígenas o telhado é visto como um detalhe essencial no desenho da casa. Buck (2003) afirma que no desenho da casa, os limites periféricos da personalidade são representados pelos limites periféricos da parede e do telhado e que linhas fracas ou inadequadas poderiam indicar um fraco controle do ego. Sendo assim, a representação dos traços do telhado saindo da folha denotam que há uma necessidade de expansão para amenizar a angústia sentida por Potiguá, sendo que a criança busca um balanço entre essa angústia e o salutar. Desta forma, entendemos que a criança procura se expandir, mas nem sempre tem condições para tal.

Devemos citar que apesar dos conflitos representados nesta unidade de produção, relacionados tanto à temática da valorização das figuras não indígenas, quanto às questões ligadas a necessidade de proteção e amparo, percebemos que o desfecho da estória criada é positivo, ou seja, parece que a criança possui “Tendências Construtivas”, conforme Trinca (1976) e Tardivo (1997), conseguindo assim encontrar recursos internos para lidar com tais situações conflituosas.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2

Desenhe uma família que você gostaria de ter



Estória:

Título: não tem

“São índios. Varias famílias. Esses moram nessa casa, esses nessa, esses nessa...”

Me conta mais um pouquinho destas famílias.

Não sei contar estória. É só. Queria ir pular corda.

Então vamos continuar na próxima semana?

Tá.

Análise da Unidade de Produção 2

As figuras representadas são infantilizadas para a faixa etária dessa criança, já que são apresentadas exclusivamente em figuras palito, não havendo distinção entre os sexos e tamanho das pessoas. Todos são descritos como indígenas, parecendo iguais, o que indica uma identificação entre todos. Desta forma, compreendemos que Potiguá utiliza-se, frente à situações de crise, do mecanismo de regressão que segundo Piccolo (1999) é uma reatualização de vínculos objetivos correspondentes a momentos evolutivos já superados no desenvolvimento individual. Assim, quando o ego fraqueja diante de alguma situação atual que não pode resolver, apela para modalidades de relação mais primitivas. A autora ainda complementa que esse é um mecanismo normal que se expressa cotidianamente no dormir e no sonhar e, entendemos então, que da mesma forma ocorre na tarefa projetiva. Hipotetizamos no que concerne à estrutura das figuras humanas apresentadas neste desenho, que Potiguá utiliza-se desse mecanismo normal de regressão, porém, lembramos o cuidado que tentamos ter nesse estudo em não afirmar categoricamente tais dados, já que tratamos de crianças de uma cultura diferenciada, para as quais não há pesquisas suficientes que sustentem tais afirmações.

Nesta unidade de produção, assim como na anterior, a criança pareceu se sentir tímida e reservada na interação conosco, fato que pode ser observado na dificuldade para expressar-se na estória, sem que utilizássemos o inquérito. Na tarefa projetiva é comum que isso aconteça, sendo que diversos autores chamam atenção para a necessidade de um adequado rapport, para amenizar esses incômodos. Dentre eles, destacamos Ocampo (1999) afirma que devemos estabelecer um bom rapport com o paciente para que as possibilidades de bloqueios os paralisações sejam mínimas, além do que, o rapport também auxilia no estabelecimento de um clima preparatório favorável à aplicação dos testes.

Lembramos ainda que a utilização das Oficinas Lúdicas foi a forma que encontramos para nos aproximarmos dessas crianças, além de considerarmos sua função facilitadora para a expressão da criatividade, porém, percebemos que mesmo assim foi difícil para Potiguá criar as estórias. Por isso, entendemos que há aspectos psíquicos individuais que determinam esse processo. Partilhamos aqui do ponto de vista de Stern (1962) de que a criança expressa em sua obra o que não pode dizer em palavras. O desenho é uma oportunidade de expressar preocupações que estejam minando o equilíbrio psíquico. Assim sendo, o desenho é por si só uma forma de linguagem. Da mesma forma, ressaltamos que a respeito do Procedimento de Desenhos-Estórias, Trinca, A.M.T. (1997) nos informa que devido a liberdade concedida pelo papel em branco, a receptividade e continência mental do psicólogo e a possibilidade do indivíduo de se comunicar simbolicamente, o mundo interior descobre um canal de comunicação pouquíssimo frequentado pelos recursos habituais da mente e se abre um espaço interior imenso. Assim, compreendemos que a dificuldade expressa por Potiguá em contar estórias, a não ser mediante o inquérito, estava relacionada a possíveis situações conflituosas que emergiram frente à temática do instrumento.

Seguindo este raciocínio, entendemos que além da criança ter se sentido de certa forma paralisada frente à instrução fornecida nessa unidade de produção devido à temática em si, é imprescindível considerarmos os costumes das crianças dessa etnia, pois, concordamos com Richter (1990) quando o autor explica que não se deve considerar o indivíduo apenas como possuidor de um aparelho psíquico que talvez necessite de diagnóstico e tratamento. O autor acrescenta que a condição psicológica é relacionada à estrutura do grupo ao qual ela pertence com destaque à família. Desta forma, a nós também parece que as crianças indígenas

Guarani Mbya são mais independentes e possuem liberdade para decidirem se irão realizar uma tarefa ou brincar. Schaden (1974) confirma esta idéia, explicando que a criança Guarani é extremamente independente e participa da vida e dos problemas dos adultos assim que seu desenvolvimento físico o permite. Há um extremo respeito à vontade individual, desde a mais tenra infância. Este autor explica que há uma noção de que não é possível interferir no processo do desenvolvimento da personalidade de cada um, pois a “alma” já nasceria “pronta”. Valorizando esta particularidade cultural, preferimos interromper a aplicação e continuá-la no encontro seguinte, no momento em que a criança nos disse que gostaria de ir pular corda.

Como dito, faz-se importante a resposta da criança à instrução fornecida nessa unidade de produção “*Desenhe uma família que você gostaria de ter*”, pois aqui todas as figuras apresentadas são de indivíduos indígenas, ao contrário do que foi representado na unidade de produção anterior. Parece que a criança transmite o fato de que apesar dos conflitos existentes e sentidos por ela entre comunidade indígena e o centro urbano, sua família ideal é a indígena e, mais especificamente, a família-grande, já que a criança parece representar um núcleo familiar, com diversas casas e diversas famílias, ligadas pela proximidade e pela representação de caminhos. Isso parece demonstrar o que Schaden (1974) já descreveu a respeito da organização social Guarani basear-se na família-grande, sendo que o conagraamento de “famílias-grandes” constitui uma unidade mais ampla (aldeia ou parte dela). Percebemos portanto que há uma relação intrínseca entre família nuclear, família-grande e comunidade, a qual constitui a identidade Guarani que é representada pela participante.

A esse respeito, acrescentamos ainda que Blini de Lima (1997) afirma que independente da constituição da família, esta é o núcleo primordial que recebe a criança e é o lugar onde ele realiza a experiência de existir, sendo representante dos primeiros contatos da criança com o mundo. A autora afirma que das interações entre família real e seus sentimentos, dados os mecanismos de introjeção e projeção, a criança constrói uma família dentro de si, que faz parte de seus objetos internos. Assim, essa representação de família molda e interfere em sua relação com o mundo externo. Desta forma, embora possamos observar que na aldeia em questão a organização familiar tradicional (família-grande) já não se dá numa prática efetiva, pois poucos conservam essa tradição com os rigores com os quais Schaden (1974) a descreve, parece que a percepção da criança ainda é da família-grande. Podemos pressupor que esse ideal de família seja transmitido pelos adultos às crianças, sendo que este corrobora com a figura de família ideal de Potigua, com a qual ela mantém relações objetais. Lembramos que, conforme Bleger (1984) explica brevemente, há uma sobreposição entre os conceitos de relação objetal, vínculo e relação interpessoal. O vínculo é o tipo de união ou de relação com toda a estrutura formada pelo sujeito e seu ego, o objeto ou parte deste e a qualidade da relação entre ambos. A relação objetal diz respeito às características

com as quais se introjetou o objeto externo e a relação interpessoal é a conduta, a qual coloca a ênfase sobre o grupo e, refere-se, portanto, ao vínculo com outros indivíduos.

Os desenhos das casas realizados por Potigúá nesta unidade de produção também merecem ser observados. A criança apresenta casas similares as existentes na aldeia e as apresentadas pelas demais crianças nos desenhos realizados nas Oficinas Lúdicas (ANEXO IV). Como já foi dito, nota-se que há ligações por caminhos. Tal produção corrobora com as encontradas por Grubits (2003) em crianças Guarani-Kaiowás do Mato Grosso do Sul. A autora aponta que grande parte das crianças desenharam casas ligadas por caminhos, reunindo as habitações pelo parentesco, no mesmo local ou casas isoladas, mantendo as características da arquitetura Guarani-Kaiowá. Entendemos que novamente a produção das casas de Potigúá é uma representação da relação entre família, “família-grande” e comunidade. Além disso, vemos também que há um caminho para a mata, o que representa realmente o quanto estes elementos são importantes para a comunidade e, por conseguinte, para a família, fazendo parte realmente dela.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3

Desenhe uma família em que alguém não está bem



Estória:

Título: não tem

Esse é filho desse e esse desse, esse desse, esse desse (aponta os pais na estrada). Eles estão doendo e os pais deles estão indo buscar comida para eles ficarem bons (desenha mais filhos e pais, tendo a soma total de quatro filhos e quatro pais).

E onde eles vão buscar comida para os filhos?

Na floresta.

E o que vai acontecer?

Eles vão trazer comida e vai ficar bom os filhos. Essas são as mães (desenha mais duas, somando quatro) olhando para os filhos. É que na aldeia não tem comida nenhuma.

Vou desenhar um caminhão.

É, e que caminhão é esse?

É o caminhão que traz comida na aldeia.

E agora os pais vão pegar comida de onde então?

Não, os pais vão lá e o caminhão vai deixar também.

Então vai ter comida da floresta e comida do caminhão na aldeia?

Isso. Aí fica tudo bem.

Análise da Unidade de Produção 3

Nesta unidade de produção, assim como na anterior, percebemos que as figuras representadas são infantilizadas, havendo pouca distinção entre os sexos e tamanho das pessoas; porém salienta-se uma identificação entre eles (indígenas). Percebemos tal fato na representação das figuras dos pais andando pela estrada, que parecem estar deitados. Sobre este aspecto, no que concerne a teoria de Luquet (1927-1978) a respeito da evolução do grafismo, o autor traz exemplos de desenhos muito semelhantes de crianças com idades de aproximadamente sete anos e meio, que já se encontram na fase do Realismo Intelectual. Esta representação de pessoas que parecem deitadas pode se dar, segundo o autor, pois nesta fase a criança tem condições psíquicas e motoras para realizar o desenho, mas o realismo infantil não é o mesmo que o realismo adulto, ou seja, os detalhes e posições do desenho são de acordo não só ao objeto desenhado, mas sim ao conteúdo imaginativo do desenhista. Por este fato, as crianças não se preocupam com a perspectiva do desenho, nem com uma imagem fotográfica do mesmo, assim como os adultos, desde que o desenho por ela produzido expresse o que ela tinha por intenção. Da mesma forma, as idéias de Stern (1962, 1961b, 1969) mostram que a criança expressa no desenho aquilo que sente e que necessita comunicar.

Porém, a respeito das figuras consideradas infantilizadas, voltamos a hipotetizar nesta unidade de produção, que Potiguá, frente a situações de conflito, utiliza-se do mecanismo normal de regressão, conforme discutido na unidade de produção anterior. Vale ressaltar que apesar de estarmos cientes que tratamos nesta análise de uma criança proveniente de uma cultura diferente e que Piccolo (1999) fundamentou seus apontamentos teóricos nos estudos com crianças não indígenas ocidentais, não podemos deixar de citar a similaridade dos dados aqui encontrados com os da autora.

Acrescentamos ainda o fato de que além das particularidades étnicas, consideramos também a idade da participante. Partilhamos assim do ponto de vista de Stern (1962) quando afirma que a partir de certa idade a criança passa a representar imagens do mundo que a rodeia, à sua maneira particular de representar as coisas. Assim sua intenção pode opôr-se a imperícia técnica, pois a criança pinta por necessidade de expressar-se em todos os estágios de evolução. A idade de Potiguá indica que esta pode estar passando pelo período de transição entre latência e a pré-adolescência. Segundo Aberastury (1983), neste período, entendemos que a regressão (PICCOLO, 1999) é um mecanismo defensivo comumente utilizado, devido a oscilação entre impulsos infantis e impulsos mais elaborados.

Percebemos também que Potiguá completou e desenhou novos personagens no decorrer da estória apresentada. Esta atitude de Potiguá pode basear-se no que Trinca (1976) disserta a respeito do Procedimento de Desenhos-Estórias (consequentemente do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias). Segundo o autor, o examinando ajusta os desenhos à expressão oral (estória) e à expressão oral aos desenhos, de modo que a mensagem resulte em um todo coerente. Neste caso específico a criança desenhou mais pessoas, de modo que todas as casas tivessem um pai, uma mãe e um filho doente. Faz-se importante notar o momento em que foram desenhados estes novos personagens. Os novos pais foram desenhados no momento em que a menina relatava que eles iriam até a floresta para buscar comida. Já as novas mães foram desenhadas no instante em que a criança relatava que elas estavam “olhando seus filhos doentes”. Parece então que Potiguá complementa as famílias, de modo que todas as crianças estivessem protegidas por um pai que buscasse o alimento e uma mãe que velasse por elas, o que revela seus próprios desejos de ter um pai provedor e uma mãe cuidadora. Sobre este aspecto, lembramos a categoria de análise do Procedimento de Desenhos-Estórias proposta por Trinca (1976) e Tardivo (1997) denominada “Tendências e Desejos”, sendo que a criança parece expressar necessidades de suprir faltas básicas, tais como necessidade de proteção e abrigo, necessidade de manter coisas da infância,

de ser contida, dentre outras. Portanto, percebemos que nesta categoria constam, além das necessidades mais regressivas de proteção e abrigo, o item manter coisas da infância, que pode estar relacionado aos sintomas característicos da fase de início da adolescência, relacionados ao luto pela perda do corpo infantil e das figuras dos pais da infância, conforme descrito por Knobel e Aberastury (1981) e Abesatury (1983).

Desta forma, no que diz respeito à temática desta unidade de produção, na qual a instrução é “*Desenhe uma família em que alguém não está bem*”, percebemos que a criança fala de dois aspectos importantes; um ligado às dificuldades sociais pelas quais essa comunidade passa e outro que se refere ao seu aspecto individual e intra-psíquico, conforme veremos a seguir.

O primeiro aspecto, relacionado às dificuldades sociais da aldeia, diz respeito à falta de alimentos e de recursos da mata na qual essa comunidade está inserida. Este fato corrobora com idéias de autores importantes (SCHADEN, 1974; GRUBITS; DARRAULT-HARRIS, 2003; TARDIVO, 2004), os quais vêm chamando atenção para a desorganização social e modificações nos costumes e *modus vivendi* das comunidades indígenas brasileiras, especialmente as que se localizam próximas aos centros urbanos, fato que vêm causando intenso sofrimento psíquico a essas comunidades. Aqui Potigúá representa esta realidade quando, ao citar “*que na aldeia não tem comida nenhuma*” (sic), desenha um caminhão trazendo comida da cidade. O problema é então resolvido tanto pelos pais que trazem comida da floresta, quanto pelo caminhão que traz comida da cidade, demonstrando essa constante interação (ou dependência) com a cultura urbana não indígena. Lembramos também que Schaden (1974), Meliá (1990) e Grubits e Darrault-Harris (2003) falam sobre a importância da terra (*tekohá*) para o Guarani, sendo que este é o lugar onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser Guarani e, então podemos entender o conflito que Potigúá representa. Ela fala da não existência de alimentos na aldeia e do solo infértil da mata na qual sua comunidade está, e por consequência, da situação conflituosa em que se encontra a sua identidade Guarani.

O segundo aspecto, de igual importância, diz respeito às necessidades individuais e intra-psíquicas. A criança demonstra a necessidade de ter um pai e uma mãe que lhe proporcionem proteção e isso indica, por si, a similaridade com nossa cultura e organização familiar: pai, mãe e filhos. Portanto, o fenômeno universal edipiano preconizado por Sigmund Freud certamente é aqui observável. Entendemos, portanto, que neste desenho a criança traz questões de insegurança quanto à nutrição e aos cuidados. Por vezes parece que há cuidadores, mas a criança não se sente segura disso. Sobre esse aspecto, Bowlby (1988) traz importantes considerações sobre a importância dos cuidados maternos e a necessidade de que a criança tenha um vínculo satisfatório com a mãe durante os primeiros anos de vida, para que assim possa se sentir segura nos anos posteriores. Porém, como já afirmamos anteriormente, acrescemos a esta real necessidade de um vínculo satisfatório com a mãe, as dificuldades sociais pelas quais a comunidade em que está inserida passa, fato que denota também a necessidade de um vínculo com a figura paterna (pai enquanto representante social) que lhe proporcionasse maior segurança.

Assim sendo, verificamos que a representação de Potigúá trata do aspecto das situações vinculares de forma conflituosa. Pichon-Rivière (1991) afirma que o vínculo é a forma particular de cada indivíduo se relacionar com os outros, criando uma estrutura particular caso a caso. O estudo do vínculo nos permite uma análise tanto psicossocial, ou seja, partindo do indivíduo para fora; quanto sociodinâmica, o que nos permite ver o grupo como estrutura. Desta forma, entendemos que os vínculos que a menina representa nesta unidade de produção, podem ser analisados tanto do ponto de vista psicossocial, no que diz respeito aos conflitos existentes acerca das relações com as figuras parentais, representados

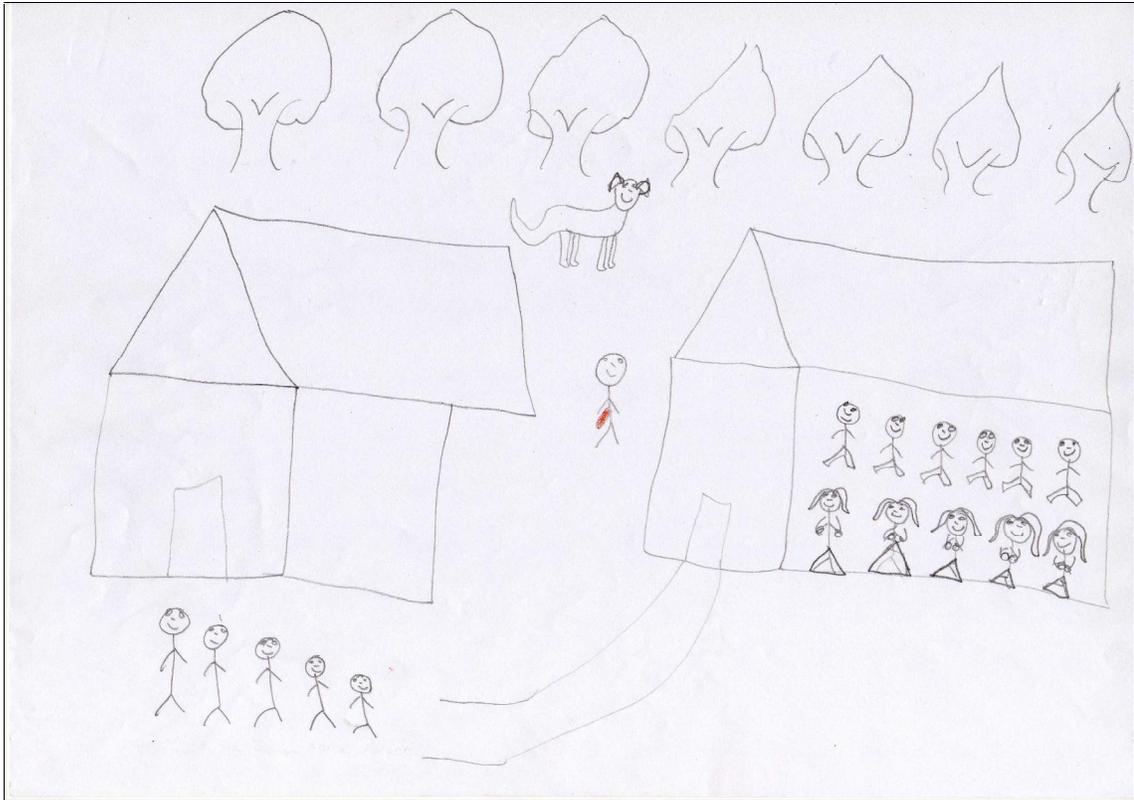
pela insegurança e necessidade de ser cuidada, quanto sociodinâmico, ou seja, a respeito dos vínculos mantidos com o seu grupo indígena.

Outro ponto importante para análise diz respeito à representação das casas ligadas por caminhos. Novamente percebemos que as casas desenhadas corroboram com os resultados do estudo que Grubits (2003), portanto, os desenhos dessas casas foram realizados de acordo com a tradição e organização social Guarani, representando o *tekohá*, que, é seu espaço físico-político-simbólico. A criança ainda acrescenta o caminho que liga as casas à mata, enaltecendo a importância desta para a comunidade, representando ainda o caminho que liga a aldeia ao centro urbano, fato que denota uma possível dependência do centro urbano e influência que este exerce hoje em sua comunidade.

Quanto ao desfecho da estória apresentada, percebemos que apesar da temática suscitar conflitos e insegurança, o desfecho da estória é positivo. Ressaltamos que Blini de Lima (1997) nos informa que um dos aspectos que podem ser observados na análise do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias é o uso da realidade na solução dos conflitos interpessoais ou intrafamiliares. Entendemos que neste caso tal aspecto se estende também a comunidade, já que há uma relação estreita entre comunidade e família, o que demonstra que a menina busca recursos internos para lidar com tal situação. Lembramos ainda que a dinâmica familiar, conforme Waddell (1994) assume o formato de conflitos de grupo, colocados no indivíduo e o fato deste indivíduo consentir ou não no papel que lhe é designado para a atuação neste grupo relaciona-se a preponderância de sua própria patologia. Ou seja, muitas vezes, o que parece ser um problema grupal ou um conflito interpessoal pode também ser a consequência de um conflito intrapessoal que se torna, pela identificação projetiva, numa preocupação grupal. Desta forma, entendemos que esta busca por recursos psíquicos para lidar com uma situação social possivelmente conflituosa denota um traço saudável de Potigúá, o qual pode auxiliá-la no trato com as ameaças e falta de recursos do ambiente.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4

Desenhe a sua família



Estória:

Título: não tem

Esses estão indo ver estes outros dançarem na casa de reza

E quem são estes (na casa de reza)

Não sei. São pessoas.

E sua família não está aí?

Não. Esses somos nós.

Nós?

Minha mãe, eu e meus irmãos. Estamos indo pra casa de reza.

Então vocês estão indo pra casa de reza. E como vocês estão?

Sim. Estamos bem. Lá pode dançar também se quiser.

E quem você desenhou?

Eu, minha mãe e meus irmãos.

E o pai não está aí?

Não tem pai.

Entendi. E nessa estória, o que acontece depois?

Não sei.

Ah. Tem um bicho aqui.

É um gato, um tigre. Ele está só vendo que pode comer alguém (da família).

E vai comer?

Vai. Não sei quem. Espera aí (desenha homem sangrando)

Esse aqui. Quase mata ele, mas ele vive.

Ah, ele vive. E quem é ele?

Não sei.

E a família?

Não fica com medo. Eles não estão vendo.

Fica tudo bem.

Análise da Unidade de Produção 4

Esta unidade de produção, no que diz respeito ao esquema corporal das figuras representadas, foge um pouco ao padrão apresentado nas unidades dois e três. Percebemos que a maioria das figuras - sua família e as figuras masculinas que estão dentro da casa de reza - são representadas em forma palito, o que já foi hipotetizado como utilização do mecanismo normal de regressão frente situações de conflito (PICCOLO, 1999). Porém, percebemos que os corpos das mulheres que estão dentro da casa de reza são cindidos, ou seja, possuem uma divisão entre tronco e membros inferiores e, além disso, possuem os seios bem acentuados. Quanto a esta cisão dos corpos na linha da cintura, Piccolo (1999) observa que tais traços estão ligados ao mecanismo da repressão, mais especificamente a uma luta contra tendências exibicionistas e de erotismo corporal. No presente caso, podemos relacionar estes indícios à fase conflituosa normal entre período de latência e pré-adolescência que pode estar se iniciando em Potigúá (ABERASTURY, 1983).

Seguindo este raciocínio, vemos que a acentuação dada aos seios das mulheres desenhadas por Potigúá refere-se também a uma temática já tratada pela criança em unidades de produção anteriores que é a questão da nutrição e necessidade de cuidados, fato este anteriormente discutido e sobre o qual entendemos tratar de uma representação tanto de necessidade de cuidados vindos das figuras parentais, principalmente a materna (BOWLBY, 1988) quanto à necessidade de cuidados pelo qual toda a sua comunidade passa. Reforça este fato a idéia de que a representação da casa de reza possui grande importância nesta unidade de produção, pois entendemos que a casa de reza, para as crianças dessa comunidade, é uma representação da segurança trazida por aquilo que é genuinamente Guarani, sendo que ela possui uma função protetora (materna) e condutora (paterna). A este respeito lembramos as idéias de Schaden (1974) que nos fazem compreender que existe nessa comunidade uma relação intrínseca entre família nuclear, família-grande e aldeia – representada aqui pela casa de reza.

A respeito da representação da figura paterna, percebemos que Potigúá traz nessa unidade de produção apenas a mãe e alguns irmãos, omitindo o padrasto ou qualquer outro homem adulto de sua família. Porém, percebemos que frente à situação de perigo eminente do ataque do tigre, a menina inclui uma figura masculina sendo atacada, fato que acaba por proteger sua família. Possivelmente este fato denota uma figura paterna negativa, ou seja, vivenciada como ausente, ameaçadora, objeto mau, conforme a categoria de análise “Figuras Significativas” proposta por Trinca (1976) e Tardivo (1997).

Além disso, nota-se que o desenho desta unidade de produção é todo acromático, com exceção do sangue que sai do homem atacado pelo tigre. Stern (1962) indica que as cores e o modo da criança colorir possuem significados relacionados às emoções e sentimentos e não necessariamente dizem respeito diretamente à coloração real dos objetos. Sendo assim, entendemos que o fato de Potiguá ter colorido apenas este sangue deve ser mais bem analisado. Numa análise tradicional ou clássica sobre crianças ocidentais, não indígenas, poder-se-ia observar esses aspectos pictóricos do sangue com características fálicas, sendo similar a um pênis e, a figura incluída na estória indicaria o desejo de suprir a ausência paterna e a vulnerabilidade que tal ausência pode trazer à família e a ela mesma. Novamente aqui nos reservamos a uma análise particular de nossa cultura, porém, ainda que possa parecer ousado, essa representação de Potiguá é muito similar a tais representações de crianças não indígenas.

Sobre este aspecto, devemos ainda levar em consideração o contato contínuo dessas crianças com o centro urbano e os estímulos de nossa sociedade - tanto pela via direta nas idas e vindas dessas crianças para o centro da cidade, quanto a constante exposição à propagandas e novelas apresentadas na televisão. Sobre este aspecto, Grubits e Darrault-Harris (2003) trazem fatos de grande importância no que diz respeito à atual interferência na cultura Guarani das comunidades brasileiras, causadas pelo fácil acesso aos meios de comunicação e proximidade das cidades de suas aldeias, o que permite uma influência permanente no desenvolvimento da identidade das crianças da reserva e mesmo da população adulta.

Ressaltamos que a criança conta a estória na medida em que é questionada e complementa o desenho no decorrer da estória. Aqui, como dito, ela desenha um homem que será atacado pelo tigre e acaba por proteger a sua família. Potiguá encontra uma saída para amenizar a fragilidade paterna por ela percebida e inclui um homem (ainda que ferido ou fragilizado por sua própria masculinidade) para defender sua família da persecutoriedade representada pelo meio externo a aldeia, ou seja, dos não indígenas (representados pelo tigre) que vão exterminar sua cultura – por isso, as pessoas da sua comunidade estão dentro da casa de reza, que compreendemos ser um lugar genuinamente Guarani, que as protege. Por outro lado, vemos esta persecutoriedade também relacionada ao seu mundo interno, que a impele para a adolescência e idade adulta, ou seja, a maturidade que por certo lhe dará condições de casar e se relacionar sexualmente (representada pelo homem com características fálicas) e isso lhe dá certo medo.

Quanto à representação da “*sua família*”, que é a instrução desta unidade de produção, vemos que são representadas as figuras parentais diretas – mãe e irmãos e também a “família-grande” e comunidade dentro da casa de reza em ritos de dança, demonstrando mais uma vez a relação intrínseca entre família nuclear, família-grande e comunidade. A este respeito, lembramos que Waddell (1994) conceitua a família como um grupo de pessoas ligadas por laços de parentesco, mas disserta que, as referências a esta devem ser especificadas dentro de um contexto histórico e cultural. Procuramos considerar tal contexto a partir das contribuições de Schaden (1974) o qual aponta para o fato de que a organização social dos Guaranis se

baseia na “família-grande”. Ressaltamos ainda que esta organização social está ligada segundo Schaden (1974), Meliá (1990) e Grubits e Darrault-Harris (2003) a terra *tekohá*, que para o Guarani é o lugar onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser Guarani. Aqui chamamos atenção especial para o fato da casa de reza simbolizar a comunidade e a terra (*tekohá*).

Além da importante representação da casa de reza, notamos que a casa representada a esquerda do desenho, assim como as representadas nas produções anteriores, segue o padrão encontrado na aldeia, fato que corrobora com os resultados da pesquisa já apresentada de Grubits (2003).

Nesta unidade de produção, observamos que, apesar dos conflitos apresentados, principalmente no que diz respeito à insegurança causada por conflitos com a figura paterna, o desfecho é positivo. Notamos mais uma vez que a criança encontra recursos construtivos para tal. Este dado também pode ser demonstrado na inclusão da figura masculina na estória, porém, observamos que o animal e o homem atacado possuem um sorriso amigável. Ao mesmo tempo, tais sorrisos parecem sarcásticos, denotando ambigüidade. Diante desta ambigüidade, a representação da casa de reza parece ser representada como um lugar que traz segurança e proteção dentro da cultura Guarani.

SÍNTESE GERAL DO CASO

Dentre os resultados analisados no caso da criança Potiguá, pudemos destacar alguns aspectos que consideramos preponderantes: a influência da relação entre cultura indígena e cultura não indígena em sua identidade; a relação com as figuras significativas materna e paterna e a oscilação entre impulsos regressivos e mais evoluídos ligados ao período de elaboração da fase de latência e início da pré-adolescência.

No que concerne à relação entre cultura indígena e cultura não indígena, percebemos primeiramente que Potiguá faz referência nas unidades de produção, com exceção da primeira, à “família-grande” e a comunidade. Principalmente nas unidades dois e três as casas são representadas ligadas por caminhos e há presença de indivíduos indígenas pertencentes a diferentes famílias nucleares. A este respeito lembramos que Schaden (1974) disserta que, a família-grande pertence tradicionalmente à forma de organização social Guarani, sendo que esta se constitui do casal, suas filhas casadas, genros e a geração seguinte morando em casas próximas, numa espécie de núcleos familiares. Ressaltamos que nossas observações nessa comunidade nos mostram que tal organização já não se dá como prática efetiva em todas as famílias, porém, a família de Potiguá aproxima-se de tal modelo. Aliado a este fato, justificamos também a representação da “família-grande” pelo fato desta provavelmente ser transmitida às crianças pelas gerações anteriores e, portanto, esta passa a fazer parte do ideal de família internalizado na criança. A este respeito, lembramos as contribuições de Blini de Lima (1997). A autora afirma que a representação de família molda e interfere na relação do indivíduo com o mundo externo. Das interações entre família real e seus sentimentos, dados os mecanismos de introjeção e projeção, a criança constrói uma família dentro de si, que faz parte de seus objetos internos. Desta forma, compreendemos que Potiguá tem esse modelo de família-grande internalizado.

Acrescentamos, porém, que as produções de Potiguá indicam uma situação de conflito entre este referencial de família indígena e o constante contato e influência do meio externo. Na primeira e na terceira unidades de produção este aspecto fica nítido. Assim, já na primeira unidade de produção há indícios de uma valorização da família *jurua* (não indígena), fato que

pode ser observado tanto na estrutura do desenho, pois a família não indígena aparece bem melhor estruturada do que as figuras dos indígenas numa posição de visitantes, quanto na própria discrepância frente às figuras indígenas representadas, as quais são pobres, indiferenciadas, acromáticas e em forma palito. Desta forma, percebemos que está presente um conflito de identidade, pois, assim como Knobel (1981) entendemos que há identidade em todas as fases do desenvolvimento humano, inclusive na infância. Ainda, conforme citamos anteriormente, este autor considera que há um aspecto social na identidade que é o vínculo de integração social, o qual trata das constantes projeções e introjeções entre self e objetos do meio externo. Assim, parecem que ficam para Potiguá algumas questões: Quem é forte e quem é fraco? Em quem se espelhar, nos indígenas ou nos *juruá*? Lembramos que a cultura não indígena está sempre presente; nas visitas dos não indígenas à aldeia, nas idas ao centro da cidade, na televisão, na alfabetização e em outras atividades da escola.

A respeito deste conflito de identidade, vemos que um elemento aparece como trazendo proteção e segurança à criança – a casa de reza. Tal fato pode ser observado na quarta unidade de produção. A casa de reza é representada como um lugar genuinamente Guarani, que mostra quem é de fato o Guarani. É representada como um lugar onde as pessoas estão felizes e, conforme seus dizeres, ela e sua família também podem ir até lá e até dançar se quiserem. Lá dentro sentem-se protegidos por sua cultura e sua religiosidade. Desta forma, entendemos que, neste caso, a casa de reza representa a segurança e a condução superegógica, que parece ser mais forte e orientadora do que a figura do próprio pai.

Passemos agora a discutir a relação de Potiguá com as figuras paterna e materna. No que concerne à figura paterna, percebemos que esta apareceu de forma mais destacada nas unidades de produção três e quatro. Na terceira unidade, os pais tentavam buscar comida para os filhos, pois estes estavam doentes devido à falta de alimentos, porém, parece que a criança não se sente segura frente a esta tentativa dos pais e acrescenta um caminhão vindo da cidade para trazer comida. Entendemos que esta representação denota um dado de realidade ligado a influência da sociedade não indígena, discutida anteriormente, mas também ressalta esta idéia de que a criança não se sente segura quanto à proteção paterna. Tal afirmação fica ainda mais plausível quando a relacionamos aos dados da unidade de produção quatro, já que nesta a criança inicialmente desenha sua família (ela, mãe e irmãos) indo para a casa de reza e correndo perigo, pois havia um tigre na espreita. Frente ao perigo, Potiguá inclui uma figura masculina que acaba por ser atacada, sendo que esta protege sua família, mesmo que de forma indireta. Notamos, porém, que a ferida que é representada nesse homem é destacada pela participante, sendo o único item colorido de toda a produção.

Desta forma, a ferida causada no homem devido ao ataque do tigre parece representar a fragilidade com a qual Potiguá vê os homens de sua família. Entendemos também que a omissão do padrasto e mesmo de qualquer outro homem adulto de sua família reforçam esta idéia. Assim, compreendemos que a menina representa a ausência paterna e, segundo Aberastury (1984) na ausência real do pai ou na sentida pela criança, as conseqüências são similares e conflituosas no que concerne a formação do superego. Lembramos ainda que Vizzotto, Tardivo, Bonfim e Arias (2004) afirmaram que a função paterna parece ser a mesma nas culturas não indígena ocidental e indígena Guarani Mbya, ou seja, a função social superegógica, de condução e instituição de normas. Assim, confrontando estes dados com a forma como essa criança representa a casa de reza pensamos que, nesta comunidade, Potiguá, assim como a criança estudada no primeiro caso, atribui a função de condução e proteção à casa de reza. É esta que oferece as normas sociais e mostra o modo de ser Guarani, funções da figura paterna, bem como oferece a proteção materna.

No que concerne a relação de Potiguá com a figura feminina, tanto em suas produções, quanto nas observamos dessa criança nas Oficinas Lúdicas e no cotidiano, sempre estão

presentes as temáticas do cuidado, amparo e nutrição. Esta menina é cuidadora dos irmãos e das crianças menores e sempre que possível nos auxiliava nas tarefas e com o idioma Guarani. Hipotetizamos que aqui ocorre uma formação reativa, ou seja, Potiguá não se sente cuidada e procura então cuidar dos demais. Segundo Piccolo (1999) esta defesa está ligada a sentimentos próprios da posição depressiva tais como preocupação com o sofrimento do objeto e desejos de preservá-lo. Tal mecanismo responde à necessidade de dissociar o vínculo amoroso do vínculo agressivo, reforçando o primeiro e controlando o segundo, supondo uma preocupação pelo dano causado ao objeto e o medo de não poder repará-lo.

Aparentemente há uma melhor relação de Potiguá com a figura feminina, fato que percebemos tanto no contato da menina conosco, quanto nas representações trazidas nas suas produções. Porém, parece que esta temática das necessidades de cuidado, nutrição e amparo sempre está presente e pode ser vista de forma clara na terceira unidade de produção. Lembramos que Bowlby (1988) traz importantes considerações sobre a importância dos cuidados maternos e a necessidade de que a criança tenha um vínculo satisfatório com a mãe durante os primeiros anos de vida, para que assim possa se sentir segura nos anos posteriores. Desta forma, procuramos ressaltar que apesar de valorizarmos as reais carências sociais pela qual a criança e sua comunidade passam (falta de território adequado, dependência de doações de alimentos e roupas, etc.), esta necessidade de cuidados também diz respeito a aspectos intrapsíquicos que determinam os vínculos que a criança estabelece com o contexto social e dos vínculos estabelecidos com a figura materna. De um modo geral, no que concerne ao vínculo, Pichon-Rivière (1991) afirma que o vínculo é a forma particular de cada indivíduo se relacionar com os outros, criando uma estrutura particular caso a caso e o estudo do vínculo nos permite uma análise tanto psicossocial, ou seja, partindo do indivíduo para fora; quanto sociodinâmica, o que nos permite ver o grupo como estrutura. No caso de Potiguá, entendemos que os vínculos psicossociais representados relacionam-se a figura materna e paterna e o vínculo sócio dinâmico à aldeia.

A respeito da relação de Potiguá com as figuras materna e paterna, lembramos que estas são decorrentes da situação edípica. A este respeito, Richter (1990) disserta sobre a importância do complexo de Édipo no desenvolvimento humano e na compreensão familiar. Assim, ressaltamos que a forma como Potiguá vive o conflito edípico influencia também na forma como ela age frente às situações de conflito trazidas pelo contexto microssocial (aldeia) e macrossocial (centro urbano).

Outro ponto importante das produções de Potiguá relaciona-se ao período de transição entre latência e pré-adolescência, pelo qual ela passa. Segundo Aberastury (1983), neste período, entendemos que a regressão (PICCOLO, 1999), mecanismo de defesa muitas vezes utilizado pela menina frente às situações conflituosas, é comumente utilizado, devido a oscilação entre impulsos infantis e impulsos mais elaborados. A carência por cuidados demonstrada por Potiguá também parece estar relacionada a esta fase. Lembramos que autores como Knobel e Aberastury (1981) e Abesatury (1983) informam que esta busca de cuidados e de manter coisas da infância relaciona-se aos sintomas característicos da fase de início da adolescência, relacionados ao luto pela perda do corpo infantil e das figuras dos pais da infância.

A respeito desta fase de transição entre latência e pré-adolescência a preocupação sexual também aparece principalmente na unidade de produção quatro, na qual a maioria dos corpos das figuras femininas são cindidos, ou seja, possuem uma divisão entre tronco e membros inferiores e, além disso, possuem os seios bem acentuados. Quanto a esta cisão dos corpos na linha da cintura, Piccolo (1999) observa que tais traços estão ligados ao mecanismo

da repressão, mais especificamente a uma luta contra tendências exibicionistas e de erotismo corporal. No presente caso, podemos relacionar estes indícios à fase conflituosa normal que a menina parece atravessar. Aliado a este fato, lembramos que observações realizadas a respeito do cotidiano desta comunidade nos revelaram que as meninas costumam-se casar muito jovens, algumas por volta dos 11 ou 12 anos. Potigúá então pode ter nos mostrado uma preocupação sexual frente à eminência de sua “vida de adulta”, casamento e relações sexuais.

Apesar dos conflitos citados na presente síntese, ressaltamos que Potigúá demonstra, durante toda a unidade de produção, recursos para lidar com as situações conflituosas que encontra. Tal fato também se relaciona à timidez apresentada pela menina no ato de contar histórias. Entendemos que há uma resistência inicial, decorrente da tarefa projetiva e sua temática, mas que a menina busca recursos internos e dá conta de realizá-la.

CASO 3 – PERI

Identificação

Peri contava sete anos e oito meses na data de aplicação do Procedimento de Desenhos de Família com Histórias. Era nascido e residia na aldeia em que realizamos a presente pesquisa. Frequentava a escola na própria aldeia, estava cursando o ensino fundamental e não possuía queixas escolares.

Seu pai tinha formação universitária, possuía grande contato com o centro urbano e já havia viajado para outros países. A mãe estava no terceiro casamento e aparentava ser uma indígena mais tradicional que o pai.

Peri residia com o pai, mãe, um irmão por parte de mãe mais velho e três irmãos mais novos. Possuía outros familiares morando nas proximidades de sua residência, tais como avós, irmã mais velha e sobrinhos, o que configura uma constituição similar a “família-grande” descrita por Schaden (1974).

Peri Durante as Oficinas

Peri mostrou-se muito alegre, relacionava-se bem conosco e com as demais crianças da aldeia no decorrer das oficinas. Também se comunicava bem na Língua Portuguesa. Algumas vezes esquecia como se dizia alguma palavra em Português, mas não mostrava dificuldades em perguntar ou expressar-se de outra forma. Percebíamos que muitas crianças ficavam tímidas frente à possibilidade de cometer erros na Língua Portuguesa, mas esta criança apresentou tais receios em raras ocasiões.

Durante os primeiros encontros das Oficinas esta criança conversava pouco conosco. Passou a estabelecer mais contato após certa ocasião em que o encontramos na estrada de acesso à aldeia, andando de bicicleta, acompanhado de uma menina de 12 anos que também participava das Oficinas e tinha muito contato conosco. A menina então nos disse que eles iriam para uma cachoeira e pediu para darmos uma carona para Peri, já que ela estava de bicicleta e ele a pé. Demos carona e a partir daí o garoto passou a conversar e parecia se sentir mais a vontade conosco. Entendemos tal qual disserta Bleger (1984) que o campo emocional é dinâmico, ou seja, se modifica e se reestrutura permanentemente, já que o campo é um corte transversal hipotético da situação total, ou seja, trata-se de momentos de um processo único, segundo Bonfim (1998). Compreendemos assim que o *setting* estabelecido nas Oficinas

terapêuticas permitiu que nos aproximássemos destas crianças de uma maneira que veio a favorecer o campo emocional e o surgimento da possibilidade não só da aplicação do instrumento “Procedimento de desenhos de família com estórias”, mas sim uma maior compreensão sobre as crianças e suas particularidades culturais de forma mais global.

Peri não participou das Oficinas semanalmente, pois inicialmente comparecia apenas quando seu irmão por parte da mãe, um adolescente de 14 anos que desenha muito bem, também comparecia. Numa das primeiras ocasiões em que esteve na Oficina, apenas pintou os desenhos que seu irmão realizava. Peri sempre mostrou muita admiração por este irmão. Nas Oficinas seguintes, passou a fazer mais desenhos e conversar conosco a respeito deles, sempre dizendo que achava que seus desenhos estavam feios.

Algumas vezes estava acompanhado de um amigo, que aqui chamaremos de Popiguá. No dia da aplicação do instrumento DF-E, Popiguá insistiu muito para que permitíssemos que ele entrasse na sala de aplicação junto com Peri. Não permitimos e então o menino ficou batendo na janela da sala, de forma muito insistente. Peri apenas repetia “*é meu amigo, é meu amigo*” (sic) e continuava desenhando tranquilamente. Em outras ocasiões, observamos também que algumas vezes Peri fazia algum desenho, escrevia seu nome e o deixava sobre a mesa. Popiguá então pegava o desenho, apagava o nome de Peri, escrevia o seu e nos entregava. Tais fatos foram aqui descritos para demonstrar a interferência existente por parte das outras crianças da aldeia, tanto na sala que utilizamos para aplicação do instrumento, quanto durante os trabalhos em grupo realizados nas Oficinas Lúdicas, por isso, é importante novamente ressaltarmos tanto a questão do vínculo na situação terapêutica (PICHON-RIVIÈRE, 1991) assim como compreender o campo emocional (BONFIM, 1998; BARANGER; BARANGER, 1969). Com isso queremos dizer que as condições ideais existentes nos consultórios ou clínicas-escolas são impossíveis de serem reproduzidas em ambientes diferenciados, tal como a aldeia. Porém, nosso trabalho buscou ir além da moldura do enquadre, mas no quadro em si, conforme Herrmann (1997). O autor ainda complementa esta idéia dizendo que por ser o campo o verdadeiro local de análise, a moldura estática que o cerca ganha valor na medida em que é um tipo de espelhamento do mesmo. Desta forma entendemos que a moldura ou enquadre deve estar a serviço do campo emocional e foi esta condição que buscamos na realização das Oficinas.

Dentre os fatos relacionados a impossibilidade do enquadre rigoroso na aldeia, incluímos a observação de que habitualmente essas crianças possuem livre acesso aos espaços internos (como a sala de aula) e externos (como a mata, represa, etc) da aldeia, além de estarem sempre em grupo. Acerca do trabalho em grupo realizado nas Oficinas, lembramos Stern (1962) ao relatar sobre os trabalhos de expressão artística que se desenvolvem dentro da coletividade; existindo uma influência mútua entre as crianças presentes, que observam e participam indiretamente dos trabalhos. Desta forma, o grupo se comporta como um indivíduo e tem uma personalidade formada pelas entradas de cada um de seus membros.

Peri apresentava preferência por assuntos e artigos da cidade. Frequentemente conversava conosco sobre cantores, desenhos animados japoneses, cds, aparelhos de mp3, dvd, celulares e etc. Em dias de atividades de colagem, atividades estas que Stern (1961) vê como uma das principais técnicas complementares aos trabalhos com pintura, este menino sempre preferia recortar figuras de tais artigos, além de nos explicar quais possuía, quais queria e que tipo de aparelho celular do pai.

Numa destas ocasiões viu em uma revista a figura do Papai Noel e nos perguntou se era verdade que o “*Papai Noel de verdade*” (sic) já havia morrido. Perguntamos então quem

havia lhe dito isso, e ele disse que tinha sido o seu pai, complementando “*meu pai disse então é verdade, meu pai sabe tudo*” (sic). A forma com que o menino fala sobre seu pai, bem como de sua identificação com o meio irmão mais velho, conforme relatamos acima, nos fazem compreender que Peri, tal como qualquer outra criança não indígena nessa idade, apresenta características do declínio do complexo de Édipo. Sobre essa identificação, lembramos Salas (1984) que nos explica que na dissolução do complexo de Édipo, a identificação toma o lugar da escolha do objeto e o objeto é convertido em modelo.

O pai de Peri diferenciava-se dos demais pais da comunidade devido ao seu contato contínuo com o centro urbano e a cultura não indígena. Estudou numa universidade, é escritor e já viajou para muitos países em função de seus livros. Nas freqüentes conversas que tínhamos na aldeia, este nos disse que possuía uma condição financeira diferenciada, já que sua casa tem um acabamento melhor, com pisos e móveis melhores e que por isso outros indígenas e, principalmente as mulheres, percebiam essa condição e buscavam contato com ele; fato que deixa sua esposa, mãe de Peri, muito enciumada.

Seu pai esteve algumas vezes presente no pátio da escola onde realizávamos as Oficinas. Aparecia para nos cumprimentar e, algumas vezes, teceu elogios aos talentos dos filhos para desenho e pintura. No dia em que solicitamos do pai o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que Peri pudesse participar da presente pesquisa, esse consentiu rapidamente, não fez perguntas e cortou nossa explicação, dizendo que tinha alguns problemas de trabalho para resolver. Porém, deixou claro que confiava no nosso trabalho e foi até sua casa chamar os filhos para participarem da Oficina.

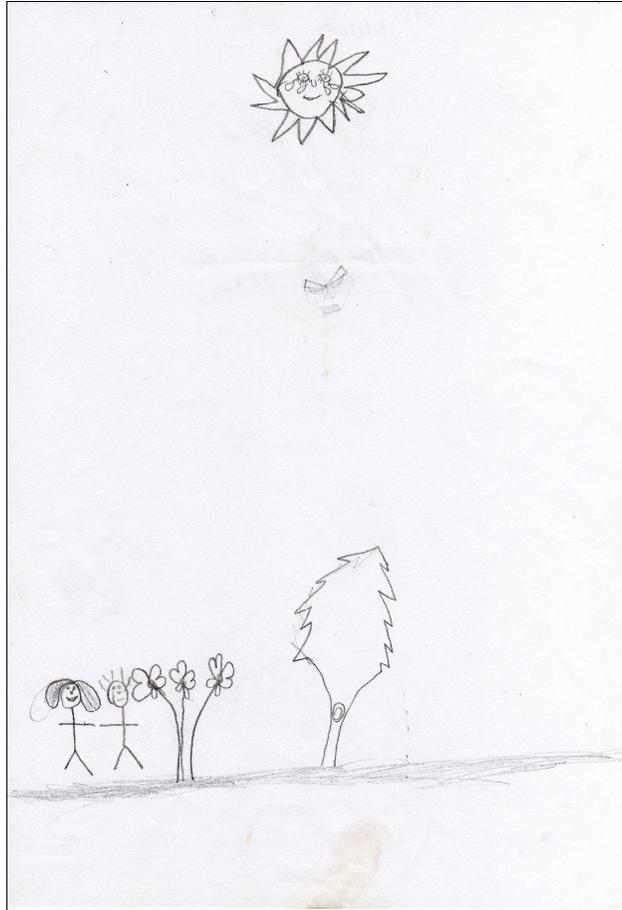
Outro fato que chamou atenção em relação à Peri diz respeito ao que ocorria em algumas ocasiões no momento em que chegávamos à aldeia. Nestes momentos era comum que as crianças viessem ao nosso encontro, nos abraçando e beijando. Peri nestes momentos sempre nos abraçava e perguntava “*você sabe meu nome?*” ou afirmava “*você não sabe como é meu nome*” (sic). Em algumas ocasiões também, quando o chamávamos por seu nome Guarani, ele dizia “*você sabe qual é o meu nome juruá?*” (sic) ou afirma “*mas você não sabe qual é meu nome juruá*” (sic). Com isso, retomamos as elucidações sobre o campo emocional, bem como sobre o campo bipessoal trazidas por Baranger e Baranger (1969). Segundo tais autores, o campo bipessoal é uma estruturação psicoterapêutica ou analítica a qual é mediada pelas identificações projetivas cruzadas criando uma fantasia inconsciente do par psicoterapêutico. As idéias desses autores fundamentam nossa compreensão de que a forma que Peri se relaciona conosco está relacionada ao campo emocional, ou seja, é influenciada pela qualidade do nosso contato nas Oficinas, bem como pela tarefa projetiva que ele realizou conosco. Entendemos que as frases de Peri acima citadas eram formas de nos comunicar sua insegurança quanto a nossa estada na aldeia e o medo de que não voltássemos ou não lembrássemos mais dele. Retomamos aqui as os esclarecimentos por nós realizados a respeito dos motivos que nos levaram a adotar o procedimento de Oficinas Lúdicas como mediadoras do nosso contato com essas crianças. Assim, o *setting* estabelecido nas Oficinas possibilitou que Peri pudesse confiar em nós, bem como se sentisse menos angustiado frente ao medo que o abandonássemos.

Dados Gerais da Aplicação do DF-E

A aplicação se deu em uma sala de aula reservada para este fim. O tempo de aplicação foi de aproximadamente uma hora.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

Desenhe uma família qualquer



Estória:

Título: Aldeia

Maria e Pedrinho subindo na árvore e pulou e quebrou a flor do sol.

Pedrinho queria subir na árvore para pegar o passarinho, mas ele voou e aí o sol chorou.

Por que o sol chorou?

Porque quebrou a flor dele. Ele (menino) pulou da árvore em cima da flor (inclui linha pontilhada). E aí ele (sol) chamou aquele que faz chover. Como chama?

Nuvem?

Isso, nuvem. E choveu e aí eles foram para casa.

E o que aconteceu com a flor?

Nasceu de novo.

E a Maria e Pedrinho, como ficaram?

Triste, porque molhou eles.

E acabou.

Análise da Unidade de Produção 1

No que diz respeito às figuras humanas representadas, estas são infantilizadas, têm formato palito e há pouca distinção entre os sexos dos personagens, sendo que o único indicador que diferencia tais personagens é o cabelo. Também notamos que as flores são maiores do que as crianças. Tais traços indicam características infantilizadas dos desenhos e entendemos que não trazem conotações patológicas.

Apesar de não haver a presença direta do pai nesta unidade de produção, percebemos que a representação da figura paterna de Peri pode estar presente no sol, o qual chora por que o menino (o próprio Peri) quebrou suas flores. Na estória o sol chama a nuvem para que esta resolva o problema, nutrindo as flores com sua chuva. Parece que Peri representa a figura paterna como mais frágil, a qual solicita que as decisões venham por parte da figura materna. A criança revela, portanto, necessidade de proteção. Lembramos que Blini de Lima (1997) disserta que um dos aspectos que devem ser avaliados a partir dos resultados do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias é o uso da realidade na resolução de situações de conflito interpessoais ou intrafamiliares. Neste aspecto, vemos que Peri utiliza-se de soluções fantasiadas na resolução destes conflitos e, como dito, entendemos que a partir das figuras de sol e nuvem, o menino comunica aspectos relacionados a sua relação com a figura paterna e materna. Acrescentamos ainda que entendemos que suas “Tendências e Desejos”, categoria de análise trazida por Trinca (1976) e Tardivo (1997) parecem estar relacionadas à necessidade de suprir faltas básicas, tais como desejo de proteção e abrigo, necessidade de compreensão, afeto, etc.

Apesar da necessidade de cuidados citada, percebemos que na estória o menino “Pedrinho” é o personagem ativo, que quer pegar o passarinho, que sobe na árvore e “quebra” as flores. Entendemos que aqui há uma referência ao complexo de Édipo, pois Peri, representado por “Pedrinho”, que subiu na árvore e fez malvadezas (desejo de relacionar-se com a mãe). Então, o pai solicita ajuda da mãe (nuvem) para interdité-lo por isso e ajudá-lo na compreensão de que ele não pode ter a mãe.

Também neste desenho há a menina “Mariazinha”, a qual é representada, mas não tem ação na estória. Desta forma, entendemos que Peri procura representar impulsos relacionados à necessidade de autonomia e maior independência, traços presentes nas crianças Guarani, segundo Schaden (1974).

Percebemos nesta primeira unidade de produção, na qual a instrução foi “*Desenhe uma família qualquer*”, que Peri desenhou apenas dois irmãos. Chama atenção o fato de não haver a representação direta de Figuras Significativas - categoria de análise trazida por Trinca (1976) e Tardivo (1997) - do pai e da mãe. Isso poderia nos fazer pensar que nessa unidade de produção, especificamente, as figuras significativas materna e paterna foram representadas

como negativas. Porém, devemos nos atentar que na faixa etária de Peri, segundo Salas (1984), ocorre o declínio de Édipo Rei, período no qual há na criança ambivalência e períodos regressivos. Parece mais a castração paterna – normal do desenvolvimento, bem como a inveja do pai que ama a mãe.

Chama atenção o fato de que na estória as crianças não mostram arrependimento por terem “quebrado” as flores, ficando tristes apenas por que molharam-se com a chuva. A respeito do arrependimento, Schaden (1974) descreve que devido ao extremo respeito à vontade individual, desde a mais tenra infância, o Guarani não aprende a dominar seu temperamento e, quando se torna adulto passa a queixar-se de tudo, sendo quase inconcebível a noção de arrependimento e tendendo sempre a atribuir ao outro as causas de seus sofrimentos. Complementando a idéia desse autor, também o estudo de Romankiewicz e Bucher (1982) com uso do teste projetivo de Szondi em indígenas Xavantes e Boróros do Mato Grosso, mostra que, em comparação com outras populações não-indígenas, os indígenas apresentaram reações de culpabilidade e de consciência moral quase ausentes. Esses são resultados importantes e que condizem com nossa análise, porém, há de se considerar as diferenças étnicas existentes entre as populações indígenas Guarani, Xavantes e Boróros.

No que diz respeito às particularidades culturais, notamos que apesar do título “*Aldeia*”, as crianças representadas possuem nomes não indígenas e não há nenhuma outra referência a enredos Guarani. Conforme já dito, observando essa criança em situações cotidianas e também durante as Oficinas, percebemos que esta apresenta grande interesse por objetos não indígenas, principalmente os eletroeletrônicos. A hipótese de uma ambigüidade entre a valorização da cultura indígena e o interesse pela cultura não indígena parece coerente. É interessante pensarmos no que autores como Schaden (1974), Tardivo (2004), Grubits e Darrault-Harris (2003) dizem a este respeito. Os autores chamam atenção para a interferência na cultura Guarani das comunidades brasileiras, diante da influência permanente da cultura não indígena no desenvolvimento da identidade das crianças, adolescentes e adultos. Em muitas comunidades é emergente a perda de elementos culturais e por conseqüência das raízes étnicas, fatos que denotam intenso sofrimento psíquico.

Entendemos que certa curiosidade e desejo de experimentar são inerentes às fases de desenvolvimento da infância e adolescência, por isso, a influência da cultura não indígena tem ação direta na construção da identidade do indivíduo indígena que faz parte de comunidades próximas de centros urbanos. Knobel (1981) entende que a identidade está em formação desde o começo da vida e que cada etapa evolutiva possui identidade. Ao explicar os diferentes aspectos da identidade do adolescente, informa que a patologia nunca é somente

individual, estando sempre vinculada ao ambiente, resultando de *“uma equação dialética, sendo um dos termos o próprio indivíduo em crise, e o outro polifacético e multideterminado pela cultura, e pela sociedade, com seus componentes políticos, econômicos, éticos e estéticos”* (KNOBEL, 1981, p. 83).

A situação de ambivalência entre cultura indígena e cultura não indígena, sem dúvida traz conflitos. Percebemos que Peri representa este conflito nessa unidade de produção em muitos traços, como podemos ver no desenho de um rosto apagado que parece observar a cena. Quando questionado, o participante diz que aquilo é um desenho que ia fazer antes, mas apagou. O rosto parece denotar a persecutoriedade sentida pelo menino. Tal persecutoriedade parece estar relacionada ao conflito de identidade antes citado. O menino não se sente indígena e nem não indígena e perseguido pela necessidade de preservação da cultura indígena versus os desejos e interesse pela cultura não indígena.

Ainda sobre este aspecto, outro fato que merece ser mencionado diz respeito às representações pontiagudas e triangulares nos raios, no sol e na copa da árvore que podem ser entendidos como impulsos agressivos, através dos quais o menino procura se defender ou suportar a persecutoriedade sentida em relação ao meio. A pesquisa de Tardivo (1985) que buscou normatizar os resultados de crianças não indígenas normais diante da aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias, mostra que na faixa etária de Peri, os impulsos dos meninos são vistos como mais amorosos que agressivos. Entendemos que apesar de tal pesquisa ter sido realizada com crianças de uma realidade cultural diferente, os resultados reforçam o fato de que Peri vive uma situação conflituosa, em relação a sua identidade. Complementado esta idéia, lembramos que a influência da cultura não indígena é trazida a Peri diretamente pelo pai, que conforme dito no relato das Oficinas tem grande contato com o centro urbano e relata trazer benefícios concretos deste, tais como artigos de consumo, materiais de construção e acabamento para a casa, etc. Assim, entendemos que ele também influencia emocional e culturalmente os filhos.

Outro ponto importante de análise que denota uma situação conflituosa em análises clássicas de crianças não indígenas é o nódulo ou cicatriz que se encontra no caule da árvore desenhada. A este respeito Van Kolck (1984) nos informa que tal representação diz respeito a sentimentos de inferioridade, dúvida e ansiedade, bem como pode indicar a ocorrência de um trauma psíquico. Da mesma forma, Buck (2003) informa que a cicatriz no tronco da árvore pode indicar traumas psíquicos. Ainda, percebemos que esta pende para o lado direito, lado no qual Peri coloca uma linha pontilhada quando relata que Pedrinho pulou e caiu sobre as flores. Porém, percebemos que a linha pontilhada está no lado contrário em relação às flores.

Novamente vemos traços de ambivalência e tal confusão entre acontecimento da estória e relato pode estar ligada à situação conflituosa já discutida. Piccolo (1999) afirma que perdas de equilíbrio de figuras humanas ou árvores podem ser indicadores da utilização do mecanismo de regressão nos testes gráficos. Segundo a autora essa utilização é considerada normal e ocorre quando o ego fraqueja diante de alguma situação atual que não pode resolver, apelando para modalidades de relação mais primitivas.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2

Desenhe uma família que você gostaria de ter



Observações da Aplicação: Começa o desenho pelas estrelas. Descreve o desenho conforme os faz, conforme diálogo abaixo:

Vou fazer um pai primeiro. Bigodinho e loiro... Não, não vai ser loiro.

Agora uma mãe... Mas está muito grande.

Não sei desenhar Pepi Moreno.

Quem é o Pepi Moreno?

Aquele cantor.

A mãe está de chinelo. Eu sei fazer um chinelo, sabia?

Menininho e um menino.

Estória

Título: não tem

Era à noite. Uma estrela cadente caiu no menino. Entrou no corpo. Não consigo fazer mais, espera.

Tudo bem.

Aí o pai ficou bravo porque o Goku (desenha personagem de desenho animado) apareceu. E essa não era mulher dele (pai) é mulher do Goku.

E aí tem um meteorito. O Goku está muito bravo porque a estrela pegou no Gohan. Era pra se esconder. O meteorito era para esconder da estrela. Ai ele olhou e voou para lá.

O pai era muito amigo dele.

De quem o pai era amigo?

Do Goku

E a mãe então era mulher do Goku?

Não, não era mais. Era mulher do pai.

E aí acabou.

Análise da Unidade de Produção 2

Nesta unidade de produção, Peri representa inicialmente pai, mãe, e dois filhos. O desenho é complementado no decorrer da estória. Percebemos que o irmão “*menininho*” (sic), como o participante o chama, é representado, mas não tem função durante a estória, assim como ocorre com a irmã representada na unidade de produção anterior.

No desenho inicial, ou seja, antes da criança iniciar a tarefa de contar uma estória, Peri desenha apenas os membros da família e não há presença dos personagens de desenho animado “Goku e Gohan”. Percebemos, portanto, que na medida em que o menino conta a estória e se aproxima da temática em questão “*Desenhe uma família que você gostaria de ter*”, ele procura se distanciar, incluindo novos personagens e uma estória mais distante do conflito. Percebemos que Peri se sente paralisado no momento da estória em que uma “estrela cadente entra no corpo do menino” e passa então a incluir personagens de desenho animado. Tal aspecto poderia ser visto numa análise de crianças não indígenas como dissociativo, lembrando Piccolo (1999) quando informa que na dissociação, o ego e um objeto único são divididos, em função das características idealizadas e persecutórias, estruturando-se dois vínculos simultâneos entre um ego agressivo e um objeto persecutório e um ego amoroso e um objeto bom. Essa divisão visa à organização de realidade caótica do começo da vida. Ressalta ainda a mesma autora que a dissociação é precursora da repressão. Todavia, a presença da dissociação nos testes gráficos de indivíduos não indígenas é comum e evidenciada nos personagens humanos revestidos por características não humanas; idealmente bons, tais como super-heróis, santos, deuses ou idealmente maus, tais como vilões, diabos, etc. Também se deve considerar que os traços formais destes desenhos são geralmente rígidos

e duros, buscando controle, assim como os de Peri. Entendemos que no presente desenho a hipótese do uso desta defesa é pertinente, pois tal dissociação parece relacionar-se à primeira unidade de produção, ou seja, ao conflito de identidade, simbolizado pela ambigüidade entre cultura indígena e cultura não indígena pelo qual esse menino parece passar com mais intensidade do que as crianças dos Casos 1 e 2.

Retomando o fato de que Peri paralisa-se no momento em que uma “estrela cadente entra no corpo do menino”, vemos aqui sua necessidade de se sentir protegido. Peri tenta suprir esta necessidade, tanto transformando o menino – personagem principal em “Gohan” (herói de desenho animado), quanto inserindo um meteorito que teria a função de protegê-lo da estrela, mas que não consegue fazê-lo. “*O meteorito era para esconder da estrela*” (sic). Nota-se que o meteorito é o único item colorido deste desenho, fator que enaltece a sua importância e nos faz pensar que na categoria de análise Tendências e Desejos do Procedimento de Desenho-Estória (TRINCA, 1976; TARDIVO, 1997) o traço é de Necessidade de Suprir Faltas Básicas, tais como desejo de proteção e abrigo, necessidade de compreensão e afeto, etc.

Curioso seria ilustrar este caso com uma breve compreensão a respeito da história dos personagens de desenho animado trazidos por Peri, conforme abaixo.

“Gohan é o primeiro filho de Goku. O nome dele foi escolhido por Goku por causa de seu avô de criação. Apesar da personalidade calma, em certas partes da história Gohan era mais poderoso que Goku (...). Gohan vivia calmamente com a família até que o Raditz apareceu e atacou Goku e Piccolo, que resistiram e juntos iniciaram uma luta contra Raditz. Nesta batalha Gohan se enfurece, o que desperta todo o seu poder (...) investe contra Raditz acertando-o com um poderoso golpe. Para derrotar Raditz, Goku o segurou por traz e Piccolo lhe aplicou um Makankosappo no local onde Gohan lhe havia dado um golpe, com isso o ataque atravessou Raditz e Goku matando os dois (...). Gohan ficou perdido no local da luta mas logo descobre que Piccolo estava por lá para treiná-lo para a luta contra os sayajins. No começo era muito chorão, mas depois de algumas lutas e do treinamento rigoroso do Piccolo, se tornou mais maduro e forte, porém Gohan não deixou de ser uma pessoa com uma personalidade calma, mas com o tempo vai encarando os inimigos de forma mais madura (...) Treinando (...) com Goku (que acabou voltando), Gohan alcança o nível Super Saiyajin. No torneio de Cell, quando viu os amigos sendo massacrados, Gohan (...) vira o salvador da Terra, matando Cell (...). Mas Gohan não consegue derrotar Majin Boo e é Goku que o derrota (...). Gohan se torna o cientista que sua mãe sempre sonhou que ele fosse. Acabou se casando com Videl e tendo uma filha chamada Pan. Ele é o sayajin mais forte.” (WIKIPEDIA, 2007)

Percebe-se portanto que, na ilustração acima, o filho é um indivíduo que possui mais poderes do que o pai, mas seu estágio de desenvolvimento e o próprio pai não o permitem utilizá-los. Parece que tal ilustração reforça a hipótese de que esta criança sente necessidade de suprir faltas básicas tais como desejo de proteção e abrigo, necessidade de compreensão e

afeto, etc. (TRINCA, 1976; TARDIVO, 1997) e que age de uma forma construtiva, tentando fazê-lo por si mesmo, mas em alguns momentos se sente sem recursos internos para tal.

Diante deste fato, é interessante destacarmos as figuras significativas paterna e materna nesta unidade de produção. Vemos que logo no início do desenho Peri nos comunica que vai desenhar o pai de “*Bigodinho e loiro*” (sic), mudando rapidamente “*Não, não vai ser loiro*” (sic). O menino quer representar o pai como não indígena, mas muda de idéia, porém, vê-se no desenho que ele mantém o bigode. Novamente vemos a ambigüidade acerca da figura paterna entre ser indígena e ser *jurua* (não indígena). Assim, fica claro o fato de que Peri sente a influência da cultura não indígena através do próprio pai, fato que exacerba o conflito entre cultura indígena e cultura não indígena pelo qual o menino e sua comunidade passam.

Como na análise da produção de uma criança não indígena, entendemos que na faixa etária de Peri, seria plausível ele demonstrar que gostaria que seu pai fosse o seu super-herói, tal qual na ilustração acima, pois, segundo Salas (1984) na elaboração do declínio do complexo de Édipo, a identificação toma o lugar da escolha do objeto. O objeto perdido com o qual o sujeito se identifica foi investido de maneira narcisista e é por isso que o menino pode identificar-se com ele, pois tal objeto é convertido em modelo, já que foi idealizado e, conseqüentemente, o sujeito se identifica com ele. Porém, Peri representa o personagem “Goku” dissociado do pai, como se o pai não tivesse condições de assumir este papel. Este fato, relacionado à hipótese anteriormente citada de que o menino sente a influência não indígena através do próprio pai, denota a existência de uma situação conflituosa em relação à figura paterna.

Quanto a mãe, parece que Peri a representa numa figura grande e forte, sendo que ele mesmo comenta “*Mas está muito grande*”. Notamos também que a mãe pode “voar”, sendo que este fato é representado pelos traços abaixo de seu corpo, tal qual ocorre com o personagem de desenho animado Goku. Apesar desta representação grandiosa, de uma mãe forte e desejada, parece que Peri sente que ela não consegue ser continente ou protegê-lo como ele gostaria e então ele adiciona o meteorito à estória, com a função de protegê-lo, conforme já dito.

Peri representa a mãe inicialmente como esposa de Goku e informa que o pai fica bravo quando o super-herói aparece, porém afirma que ele e o pai são amigos. Ao final da estória, quando solicitamos esclarecimentos sobre o casamento da mãe com Goku, o menino no diz que a mãe não é mais casada com Goku e sim com o pai. Tal tríade entre Goku, pai e mãe é importante, e merece análise tanto do ponto de vista social, como em relação ao conflito edipiano.

No que concerne à questão social, no “casamento” da mãe com Goku, Peri pode estar representando um dado de realidade que observa em sua comunidade, pois como observamos são freqüentes as separações e novos casamentos na aldeia, inclusive o da mãe, que está no terceiro casamento. Acrescemos ao fato de ser comum que os indivíduos tenham casamentos anteriores com conhecidos da aldeia ou até pessoas da própria família do cônjuge atual e,

portanto, todos mantêm contato. Lembramos também que conforme visto no item “Peri Durante as Oficinas”, o menino tem grande ligação com o irmão mais velho, que é filho de um casamento anterior de sua mãe. A respeito destas separações de casais, Schaden (1974) disserta que até a década de setenta do século passado, estas eram mais frequente entre os Guarani Kaiowás e os Nandevas, porém não no grupo dos Mbyas. Já nessa época, o índice de desorganização social dos Guarani, com exceção dos Mbya, estava relacionado a instabilidade das uniões conjugais, pois as separações têm repercussões em toda a comunidade, uma vez que a estrutura social Guarani se apóia nas relações da família. Tal fato nos remete à realidade de que em muitos grupos a família-grande já não subsiste, pois é precária a existência da própria família elementar. Ressaltamos também que o próprio cacique da aldeia estudada relata esta dificuldade, sendo que já nos disse que acha bom quando chegam novos moradores na aldeia “*porque aí dá para acontecer uns casamentos diferentes*” (sic). Sendo assim, reafirmamos que Peri pode estar representando um conflito relacionado ao que observa no ambiente em que está inserido.

Em relação a análise deste resultado levando em consideração o conflito edipiano e mais especificamente o declínio do complexo de Édipo (SALAS, 1984), Peri oscila entre o desejo de ser o próprio Goku, tendo a mãe como esposa e o desejo de ter o pai como herói (Goku) e identificar-se com ele. No desfecho da estória, sentindo-se ameaçado pela punição paterna, diz que a mãe não é mais esposa do personagem Goku e sim do pai, aceitando então a união dos pais. Sendo assim, conforme Tardivo (1997), pode estar relacionado à culpa de separar os pais e a tentativa reparatória, denotando “Tendências Construtivas” e o desejo do menino de crescimento da família.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3

Desenhe uma família em que alguém não está bem



Observações da Aplicação: Produz o desenho concomitante ao seguinte diálogo:

Quero desenhar Goku.

Goku tá muito bravo porque vê o céu.

Então ele não quer ver o céu?

Não, porque ele come gente.

Eu não consigo fazer mais nada. Só sei fazer Dragon Bol e uma cabeça de Batman. Vou fazer Batman.

O olho do Goku é igual Brasil... Assim, assim e assim (refere-se a um losango).

Acabou.

E o que aconteceu?

Eles eram amigos e só.

Vamos fazer mais um? Vamos tentar fazer aquele agora? Você lembra o que eu tinha lhe pedido?

Sim. Uma família mal. Só consigo fazer se tiver uma régua para fazer cama. (Entregamos a régua)

Não consigo fazer cama.

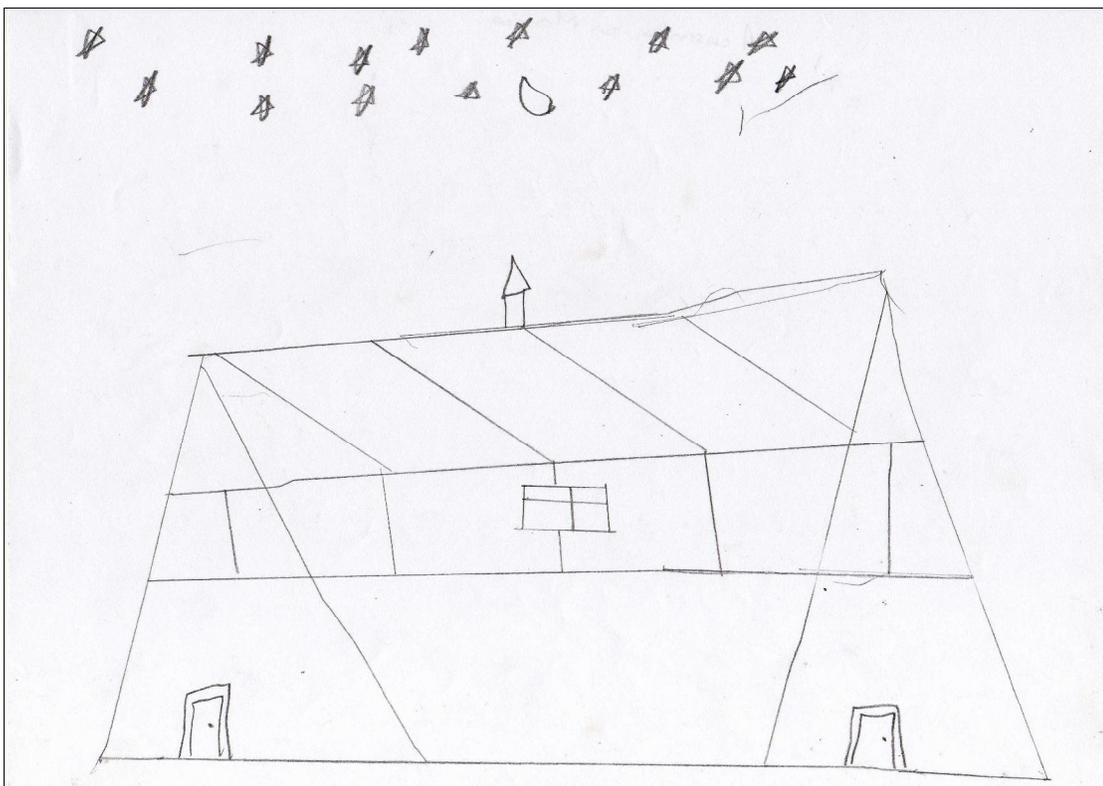
Faça como você conseguir. Não tem problema.

Depois eu vou fazer colar pra vender.

Você já viu o artesanato? Eu sei fazer pra vender.

Ah, que legal. Eu já vi artesanato sim. Então você sabe fazer?

Sei.



Observações da Aplicação: Produção realizada a partir do diálogo apresentado anteriormente (p. 113).

Estória:

Título: A casinha da Mônica

Essa era a casa da Mônica (aponta Mônica na caixa de lápis de cor). E aí ela (aponta Magali na caixa de lápis de cor) foi no médico.

E antes?

Ela ficou doente porque comeu manga estragada.

E como ela foi ao médico?

A Mônica que levou ela no médico e ficou tudo bem. Ela melhorou.

E elas são o que uma da outra?

São irmãs e moram juntas.

E acabou.

Análise da Unidade de Produção 3

Nesta unidade de produção, da mesma forma que na anterior, percebemos que Peri utiliza-se da dissociação, procurando inicialmente fugir da instrução, trazendo personagens de desenhos animados e super-heróis, bem como relatando sua dificuldade “*Eu não consigo fazer mais nada. Só sei fazer Dragon Bol e uma cabeça de Batman*” (sic). Lembramos que Piccolo (1999) explica que no mecanismo de dissociação os traços são duros e rígidos e é comum aparecerem personagens humanos revestidos por características de poder ou de persecutoriedade, tais como super-heróis, monstros, etc. A autora ressalta ainda que na produção gráfica podem ser manifestados dois aspectos dissociados do ego: um aspecto impotente e paralisado e um aspecto agressivo e impulsivo. No caso de Peri, entendemos que este aspecto paralisado está relacionado à angústia manifestada em resposta à própria instrução desta unidade de produção, “*Desenhe uma família em que alguém não está bem*”, ou seja, à dificuldade em lidar com possíveis conflitos trazidos por tal temática.

O desenho inicial, apesar desta clara dificuldade em lidar com conflitos, assim como visto na unidade anterior, pode ser entendido não só pela influência dos estímulos externos ou da cultura não indígena ou da simples preferência do menino por este desenho animado. Também podemos vê-lo pela simbologia do próprio personagem trazido “Goku”, já que na história trazida ao primeiro desenho desta unidade de produção, Peri parece se referir exatamente a tal simbologia, o que pode ser esclarecido quando nos remetemos ao seguinte trecho da história do personagem:

“...Goku vê a lua pela primeira vez, se transforma em um enorme monstro e fere mortalmente seu avô, quando volta ao normal vê seu avô ferido, que o diz para nunca olhar para a lua cheia e antes de morrer lhe dá a Esfera do Dragão de quatro estrelas (...) Goku (...) não sabia que tinha sido ele que havia se transformado em monstro e matado seu avô.” (WIKIPEDIA, 2007)

Com vistas ao trecho citado e lembrando que já esclarecemos que o aspecto paralisador dissociado refere-se a paralisação frente a própria instrução desta tarefa projetiva, compreendemos que o segundo aspecto dissociado do ego, o qual trata de um aspecto agressivo impulsivo (PICCOLO, 1999) pode estar relacionado à conflitos em relação à figura paterna e aos impulsos agressivos direcionados a esta, fato que é exemplificado pelo trecho em que o personagem “Goku”, num rompante de agressividade, fere mortalmente o avô (seu pai de criação).

No que diz respeito a estes impulsos agressivos direcionados a figura paterna, já citamos anteriormente que numa análise clássica de produções de crianças não indígenas da faixa etária de Peri, entenderíamos que a criança estaria na fase de declínio do complexo de Édipo, na qual, conforme Salas (1984) há uma oscilação entre impulsos amorosos e agressivos direcionados ao pai e na dissolução do conflito edípico a identificação com o pai ocupa o lugar do objeto de desejo (mãe). Notamos, portanto, que diante dessas afirmações,

Peri, pode estar expressando na produção inicial desta unidade impulsos agressivos direcionados ao pai comuns a tal período. Tais dados não corroboram com os apontados por Tardivo (1997), em pesquisa com crianças não indígenas normais, utilizando o Procedimento de Desenhos-Estórias, pois a autora observou que em relação à figura paterna, nota-se uma maior vivência de um vínculo positivo de meninos não indígenas da faixa etária de Peri.

Lembramos ainda que tais considerações a respeito do complexo de Édipo são de extrema importância para a compreensão da dinâmica familiar tal qual disserta Richter (1990). Acrescentamos ainda que segundo Meyer (1987), a dinâmica relacional do casal tem certa propensão a tornar-se a dinâmica familiar, pois o casal pode ser compreendido como um “veículo de transporte” das expectativas e necessidades das famílias de origem do homem e da mulher. O nascimento de um filho traz uma nova dinâmica, vinculada à situação triangular e reedições das situações edípicas dos pais, nas quais há coerções recíprocas para que o bebê seja cúmplice na satisfação das expectativas dos pais e de suas famílias de origem. Assim, conforme o autor, a natureza da interação da família nuclear será determinada pelas qualidades das relações objetivas que foram introjetadas ao longo do desenvolvimento individual de cada membro do casal. Tais afirmações, conforme dito anteriormente, podem ser vistas no caso de Peri, mais especificamente quanto à oscilação entre impulsos amorosos e agressivos à figura paterna.

Apesar da dificuldade em seguir as instruções inicialmente, nesta unidade de produção, percebemos que ao insistirmos na realização do desenho, Peri aceitou tal instrução e pediu uma régua para que assim pudesse desenhar uma cama. Estávamos cientes de que a régua não fazia parte dos materiais fornecidos para a realização do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias” (TRINCA, 1997; BLINI DE LIMA, 1997), porém, decidimos fornecê-la por percebermos que tal tarefa projetiva estava gerando demasiada angústia em Peri, mas que ele procurava fazê-lo, mesmo que solicitando um instrumento facilitador. Notamos que o traçado da criança, quando ela utilizava a régua ou não, eram rígidos e duros, características da busca de controle, bem como do mecanismo de dissociação (PICCOLO, 1999), conforme explicitado anteriormente. Mesmo utilizando a régua, a criança continuou relatando sua dificuldade em relação à temática, dizendo que não conseguia fazer uma cama e falando sobre o artesanato, como se quisesse demonstrar para si e para nós que conseguia fazê-lo, ou seja, como se dissesse que não estava conseguindo fazer aqueles desenhos, mas que tinha recursos para construir coisas, tais como colares artesanais.

Algumas considerações a respeito do grafismo de Peri ainda podem ser realizadas. Percebemos que seus desenhos possuem ângulos bem marcados, o que segundo Van Kolck (1984) sugere um esforço pelo controle, visando encobrir perturbações, conflitos e

insegurança. A inversão da folha - horizontal para vertical – é vista pela mesma autora como indicador de um espírito curioso, cheio de iniciativa e possível oposição e negativismo. Esclarecemos que tais interpretações versam sobre crianças não indígenas, porém vemos grande semelhança ao caso de Peri, principalmente no que diz respeito à busca de controle.

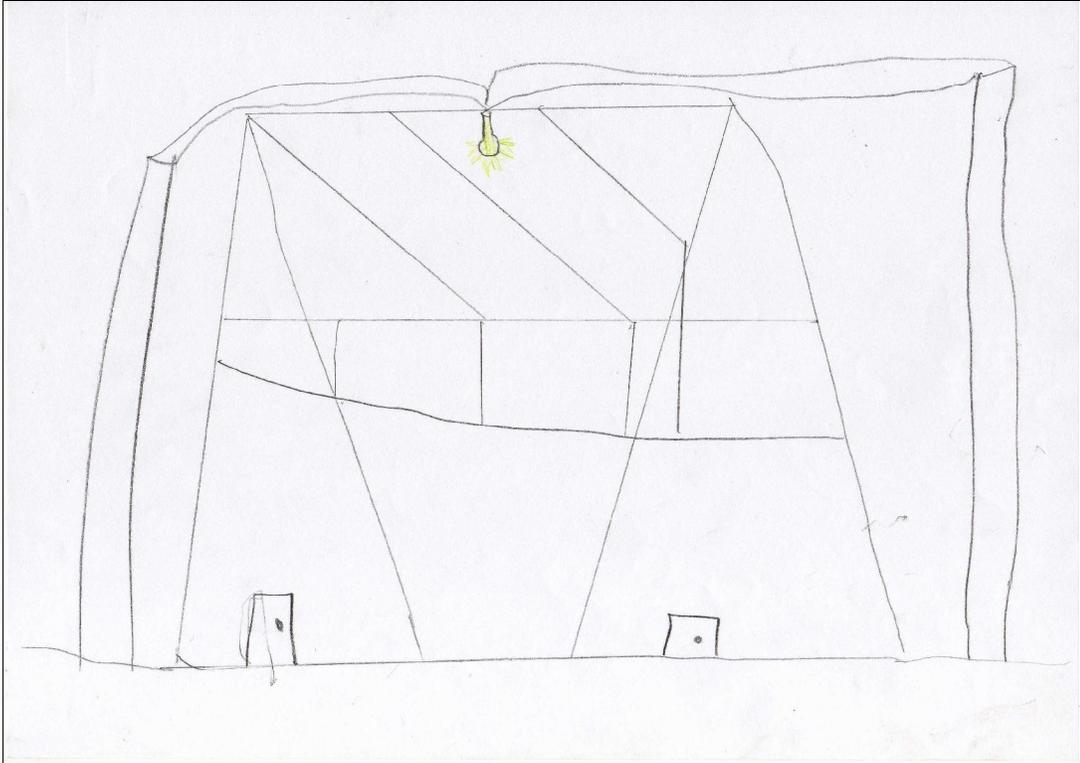
Diante da dificuldade em desenhar a cama, Peri desenha uma casa, que notamos ser similar à casa de reza. Notamos que a casa de reza é um elemento de extrema importância para as crianças dessa comunidade, simbolizando um superego bondoso ou um lugar seguro, ou seja, um elemento regulador e continente da cultura. A casa de reza também pode denotar a influência da família-grande e da comunidade. Sobre este aspecto, lembramos que Schaden (1974) disserta que na organização tradicional Guarani, a criança não aprende a focalizar suas emoções ou expectativas de recompensa e punições em determinadas pessoas, já que os outros indivíduos da comunidade também podem exercer estas funções. Podemos entender então que apesar da hipótese antes levantada de que há conflitos com a figura paterna e com a cultura não indígena, a comunidade, simbolizada pela similaridade da casa representada neste desenho com a casa de reza, traz a busca de proteção dentro daquilo que pertence genuinamente a cultura Guarani.

Na estória apresentada a este desenho, Peri procura no próprio ambiente de aplicação do instrumento os personagens, representando “Mônica” e “Magali” que estavam impressos na capa da caixa de lápis de cor, como que para livrar-se rapidamente da tarefa e, por consequência, da angústia que esta lhe trouxe.

Nesta estória Peri representa relações fraternas entre irmãs, relações estas que também pudemos ver nas unidades de produção anteriores, especialmente na primeira. Muitas idéias podem ser levantadas a este respeito, relacionadas tanto a aparente relação negativa com as figuras significativas paterna e materna, quanto a particularidades da própria cultura, pois nessa comunidade é comum vermos irmãos cuidando uns dos outros, principalmente os mais velhos dos mais novos, o que já descrevera Schaden (1974), bem como a independência dessas crianças, faz com que elas sejam vistas andando e brincando na aldeia, geralmente em companhia dos irmãos e de outras crianças. Porém, o fato desta criança ter privilegiado tais relações fraternas na maioria de suas produções pode estar indicando novamente que na categoria de análise “Tendências e Desejos” descrita por Trinca (1976) e TARDIVO (1997) a necessidade da criança é de sentir supridas suas faltas básicas tais como desejo de proteção e abrigo, necessidade de compreensão e afeto, etc., conforme categoria de análise. Porém, notamos, que o desfecho da estória é positivo, “*A Mônica que levou ela no médico e ficou tudo bem. Ela melhorou*”. A criança demonstra assim que mesmo se sentindo frágil diante de situações conflituosas, consegue recursos internos para lidar com tais conflitos, denotando tendências construtivas na mesma categoria de análise, o que indica que a criança oscila entre necessidades mais regredidas e mais evoluídas, fatos que entendemos estar relacionado ao próprio estágio de desenvolvimento da criança e à elaboração da posição depressiva (KLEIN, 1969).

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4

Desenhe a sua família



Estória:

Título: não tem

Não sei, não sei.

Vou desenhar casa de reza.

O que é isso?

Você já vai entender (pinta) É lâmpada!!

Ah, uma lâmpada. E o que estava acontecendo lá na casa de reza?

A gente estava cantando. Espera aí...

(Vai desenhar e para) *Não sei!*

Pode desenhar como você quiser.

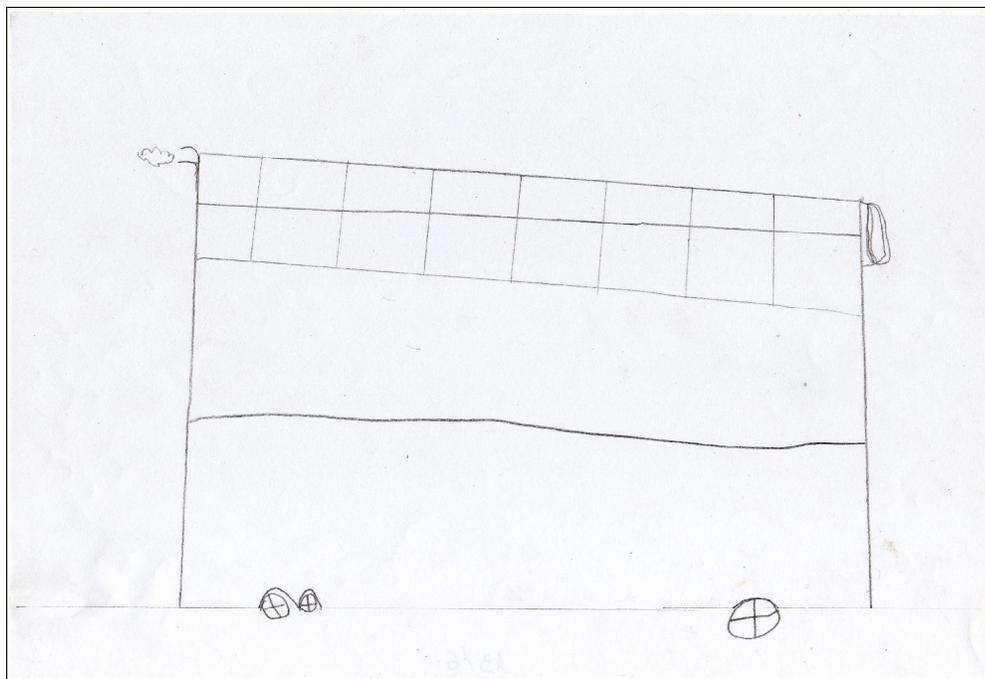
Não, não é nada. Não sei.

Tudo bem então. E quem estava lá?

Todo mundo da aldeia.

E as pessoas da sua casa?

Estavam lá também. E acabou. Quero fazer um ônibus agora.



Análise da Unidade de Produção 4

Observamos novamente o quanto Peri, frente à instrução, se sente inicialmente paralisado e passa a repetir que não sabe fazer o desenho. Porém, percebemos que apesar das dificuldades, a criança busca organizar-se e acaba por dar conta da tarefa projetiva. Sendo assim, entendemos que a criança, apesar de se sentir frágil, possui tendências construtivas. Tal tendência construtiva a que nos referimos é resposta à categoria de análise do Procedimento de desenhos Estórias preconizado por Trinca (1976). Tardivo (1997) explica que estas são mais evoluídas e denotam necessidade de cura, de crescimento e construtividade, visando recuperar partes sadias e desligar-se de coisas infantis, evitando danos físicos e/ou psicológicos.

Entendemos que a própria natureza da instrução “*Desenhe a sua família*” traz a tona conflitos e ansiedades referentes aos vínculos existentes com as figuras parentais. Soma-se a este fato a observação de que não há, nesta unidade de produção, nenhuma figura parental diretamente representada, seja no desenho ou na estória. Peri apenas relata que as pessoas de sua família direta (nuclear) estão dentro da casa de reza, quando nós o questionamos, mas não as indica. A este respeito, Blini de Lima (1997) nos informa que na análise do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias é possível compreender a projeção do indivíduo de seus conflitos, limitações e expectativas no mundo externo, mais especificamente em um ou mais membros da família. Portanto, a não representação direta de nenhum membro e, aliás, de

nenhuma figura humana nessa unidade de produção denota uma possível dificuldade de relacionamento com as figuras significativas e em especial com a figura materna e paterna.

Além dos conflitos existentes com as figuras significativas materna e paterna já observados nas análises das unidades de produção anteriores, chama atenção aqui o fato da representação da casa de reza frente à instrução oferecida. Entendemos que esta representação denota a importância da casa de reza para Peri, bem como para toda a comunidade na qual está inserido. Sua família é, portanto, toda comunidade. Na casa de reza está “*Todo mundo da aldeia*” (sic). Sobre este aspecto, lembramos que segundo Schaden (1974) tradicionalmente a organização social dos Guaranis baseava-se na “família-grande” e o conagraçamento de famílias-grandes constituía a aldeia ou parte dela, sendo que o grupo de parentesco era a unidade de produção e consumo dos indivíduos e a aldeia é a unidade religiosa. Desta forma entendemos que originalmente havia para os Guarani, uma relação intrínseca entre família nuclear, família-grande e aldeia. Apesar das atuais desorganizações sociais e incorporação de objetos da cultura não indígena (SCHADEN, 1974; GRUBITS; DARRAULT-HARRIS; PEDROSO, 2005), percebemos que a criança busca conforto e proteção na casa de reza, ou seja, em sua comunidade e em suas raízes culturais.

A este respeito, lembramos ainda que Meyer (1987) informa que a família é um ponto de encontro dos funcionamentos individual, grupal e institucional. No que diz respeito à criança, Blini de Lima (1997) afirma que independente da constituição da família, esta é o núcleo primordial que recebe a criança e é o lugar onde esta realiza a experiência de existir, sendo representante dos primeiros contatos da criança com o mundo. Ainda, a autora afirma que das interações entre família real e seus sentimentos através dos mecanismos de introjeção e projeção, a criança constrói uma família dentro de si, que faz parte de seus objetos internos, sendo que essa representação de família molda e interfere em sua relação com o mundo externo. Desta forma, compreendemos assim que Peri pode estar representando que toda a comunidade e seu grupo social fazem parte da família Guarani e, portanto, de sua própria família. Tal qual disserta Richter (1990), a família é o lugar de proteção dos indivíduos. Voltamos a dizer que parece que a casa de reza, enquanto elemento genuíno da cultura Guarani parece proporcionar segurança e proteção.

Na casa de reza, outro ponto nos chama atenção, é a iluminação por meio de postes e de uma lâmpada, sendo que esta lâmpada é o único item colorido do desenho, dado que ressalta a sua importância. Assim, podemos considerar que tal representação denota traços conflituosos entre aldeia e cidade; cultura não indígena e cultura indígena representado pela casa de reza – elemento genuíno da cultura Guarani e a iluminação artificial – marco dos

centros urbanos. Porém compreendemos também que a luz incluída representa o foco que Peri dá a casa de reza, ou seja, a lâmpada simboliza a “luz” que a casa de reza traz para o menino, para os integrantes de sua família e à comunidade. Vista a importância da casa de reza, lembramos que Grubits e Darrault-Harris (2003) afirmam que a terra “*tekohá*” para o Guarani, não é um simples meio de produção econômica, sendo o lugar onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser Guarani. A terra é um espaço sociopolítico que significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa, essenciais para o Guarani, representando a flexibilidade para absorver novos valores, desde que estes não agridam seus elementos básicos.

Portanto, entendemos que o menino representa a casa de reza como um elemento tradicional da cultura Guarani e de seu “*tekohá*”, que ainda exerce grande influência sobre os membros da comunidade, trazendo segurança e “luz”. A presença da lâmpada pode também representar esta flexibilidade que o Guarani tem, descrita pelos autores, em absorver novos elementos, desde que estes convivam em harmonia com os elementos básicos de sua cultura.

SÍNTESE GERAL DO CASO

Ao integrarmos os resultados apresentados por Peri às observações realizadas durante as Oficinas Lúdicas, notamos que os pontos preponderantes da análise são: acentuada influência da cultura não indígena; situações de conflito em relação à figura materna e paterna e a freqüente utilização do mecanismo defensivo de dissociação.

Assim, ressaltamos que Peri passa por uma maior influência da cultura não indígena, do que as crianças anteriormente apresentadas. Tal fato pode ser relacionado tanto às produções de Peri, quanto aos assuntos sobre os quais o menino procurava conversar conosco durante as Oficinas. Lembramos que a cultura não indígena chega a Peri através do próprio pai, o qual tem grande contato com o centro urbano. Percebemos, porém, que essa influência causa uma situação conflituosa, o que pode ser visto na fragilidade das produções gráficas de Peri. Tal fato pode ser visto, por exemplo, no esforço em manter o controle, representado pelas linhas retas e rígidas, bem como pelo nóculo na árvore, que segundo Van Kolck (1984) indica insegurança, ansiedade e possível existência de algum trauma psíquico, fato também apontado por Buck (2003).

Peri também representa a casa de reza como as demais crianças estudadas, numa busca de proteção dentro daquilo que é genuíno na cultura indígena. Mas, como o menino é muito influenciado pela cultura branca – talvez pelo pai, há um conflito de identidade muito mais presente nele do que nas outras crianças. Lembramos que Knobel (1981) nos informa que desde a mais tenra infância o indivíduo possui identidade, a qual se desenvolve, mas já é presente. A identidade também sobre influências do meio externo, o que o autor denota como vínculo com o ambiente social. Desta forma, parece que a ambigüidade sentida por Peri entre aquilo que prega a sua cultura frente aos desejos e possibilidades vindas do centro urbano, este conflito de identidade se acentua.

Vemos que o próprio pai é para Peri o próprio representante desse conflito, por duas razões: a primeira é que o pai é, por sua função (ABERASTURY, 1984), representante da socialização da criança e de inserção dela no mundo social, o qual possui regras e normas a serem respeitadas. Outra, a segunda razão é que esse mesmo pai o insere além do mundo social imediato (aldeia) num mundo maior, não indígena e também é influenciado ou seduzido, por essa nova cultura. Lembramos ainda que tal hipótese é coerente, já que concordamos com o trabalho de Vizzotto, et. al. (2004) que discorre sobre a similaridade da função paterna entre a cultura indígena Guarani e cultura não indígena ocidental, sendo que esta é a função superegóica.

A forma com que o menino fala sobre seu pai, bem como de sua identificação com o meio irmão mais velho, conforme relatamos acima, nos fazem compreender que Peri, tal

como qualquer outra criança não indígena nessa idade, apresenta características do declínio do complexo de Édipo (SALAS, 1984).

Assim, considerando a questão edipiana, os traços rígidos e duros apresentados nos desenhos de Peri denotam uma busca de controle em face aos medos de ser punido pelo pai, frente ao desejo de ter a mãe, embora isso seja amenizado pela fase de desenvolvimento em que se encontra – declínio do Édipo Rei (SALAS, 1984). Assim, o menino apresenta ao mesmo tempo uma identificação com o pai e o desejo de ser como ele, bem como o inveja devido ao pai ter o que tem (a mãe, o poder, o controle).

Quanto à mãe, parece que Peri a representa numa figura mais forte que o pai. É ela que o pai chama para curar as flores na unidade de produção 1 e, é representada como uma pessoa muito forte e que pode voar na unidade de produção 3. Porém, apesar desta representação grandiosa, de uma mãe forte e desejada, parece que ela não consegue ser continente ou protegê-lo como ele gostaria, sendo que este fato, na unidade de produção três é visto na inclusão de um objeto (meteorito) com a função de protegê-lo. Ressaltamos que estes impulsos direcionados à mãe relacionam-se também ao fato do menino ainda estar atravessando o declínio do complexo de Édipo, porém, não descartamos a questão social, já que consideramos o importante papel que as mulheres Guarani desempenham atualmente em sua comunidade e em especial na vida dos filhos. A este respeito Schaden (1974) já disserta que devido à degradação social e constantes situações de separações entre os casais indígenas, os filhos e principalmente os meninos, passaram a ter a mãe como referência, já que esta permanece a mesma a vida toda e o pai pode mudar frente a outros casamentos da mãe.

Ainda a respeito dos conflitos em relação às figuras significativas paterna e materna, percebemos que uma referência direta a estas figuras só ocorreu na unidade de produção 2, sendo que percebemos uma paralisação da criança nesta unidade. Em princípio a criança desenha apenas a família contendo as figuras humanas (pai, mãe e dois filhos), porém, na medida em que contava a estória e parecia se aproximar da temática e situações conflituosas, o menino se sentiu paralisado e incluiu figuras de super-heróis e uma estória relacionada a estes personagens. O mesmo foi visto nas unidades de produção três e quatro, nas quais também há intensa angústia e paralisação frente às instruções oferecidas.

A este respeito nos referimos ao terceiro aspecto observado como preponderante nesta síntese, que se trata da intensa utilização do mecanismo defensivo de dissociação. Lembramos que Piccolo (1999) informa que na dissociação, o ego e um objeto único são divididos, em função das características idealizadas e persecutórias, estruturando-se dois vínculos simultâneos entre um ego agressivo e um objeto persecutório e um ego amoroso e um objeto

bom. A presença da dissociação nos testes gráficos de indivíduos não indígenas é comum e evidenciada, segundo a mesma autora, nos personagens humanos revestidos por características não humanas; idealmente bons, tais como super-heróis, santos, deuses ou idealmente maus, tais como vilões, diabos, etc. Também se deve considerar que os traços formais destes desenhos são geralmente rígidos e duros, buscando controle. Entendemos que no presente caso que a hipótese do uso desta defesa é pertinente frente às situações de conflito em toda a série do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias.

CASO 4 – JAXUCÁ

Identificação

Jaxucá contava nove anos e cinco meses na data de aplicação do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, segundo seu prontuário na Unidade Básica de Saúde da aldeia. Porém, apesar deste dado, a menina sempre havia nos dito que tinha oito anos. Reside nessa aldeia há aproximadamente cinco anos. Nasceu no litoral paulista, numa aldeia onde ainda habitam seus avós paternos.

Seus pais eram separados e não possuíamos dados sobre seu pai; acrescentamos que Jaxucá não tinha contato com ele.

A organização de sua família aproximava-se da descrição de Schaden (1974) a respeito da família-grande Guarani, sendo composta pelos habitantes das casas da avó materna e da mãe, e que residia com sua avó e o atual companheiro, e com uma tia. A mãe morava com o segundo esposo e outros três filhos mais novos, próximo à casa da avó materna.

A avó materna de Jaxucá tinha problemas com álcool e sabemos que nas ocasiões em que esta se encontrava embriagada, a menina dormia na casa de sua mãe.

Evolução Durante as Oficinas

Jaxucá nos chamava de professora e sempre se mostrava empenhada nas atividades das Oficinas. Era muito inteligente e aprendia com facilidade. Na maioria das vezes estava acompanhada pela amiga Parai (Caso 1).

Quanto ao domínio da Língua Portuguesa, Jaxucá falava bem e quando esquecia como se dizia alguma palavra nos perguntava em voz baixa ou se aproximava do nosso ouvido.

Nos primeiros encontros mostrou-se tímida e compreendemos que esta timidez tinha relação não só com o pouco tempo que nos conhecia, mas também com o pouco tempo em que estava na própria comunidade, pois, embora a criança vivesse na aldeia há aproximadamente 5 anos, a percepção dos habitantes e dela mesma era de que ela ali morava há pouco tempo.

Percebemos que nos início das Oficinas as crianças a chamavam pelo apelido de “Branca”, devido à tonalidade clara de sua pele e de seus cabelos castanho-avermelhados. Como já dito, a princípio fomos informados que essa criança morava há pouco tempo nessa aldeia e que antes residia em numa aldeia do litoral paulista e, entendemos que este apelido estava relacionado à estranheza das crianças frente a uma garota indígena, filha e neta de indígenas com características físicas tão diferentes. No que diz respeito ao tipo físico Guarani Schaden (1974) observou que a cor da pele oscila em escala ampla: são encontrados indivíduos morenos claros, morenos escuros, outros com tonalidade da pele bronzeada e não avermelhada. Indivíduos de pele clara foram encontrados pelo autor nos três gupos (Kaiowá,

Mbya e Nandevá), porém, em maior escala dentre os Nandevá, sendo que estes possuem o apelido de “*Mbairy avá*” (índio branco). O autor ainda ressalta que não há como evidenciar que a pele branca seja devido à mistura com indivíduos de origem caucasóide ou que a tonalidade escura seja devido à mistura com indivíduos de origem negróide, pois, essa mistura, se existiu, deve vir de antepassados antigos. Quanto à cor dos cabelos, o autor observou que o padrão é liso de cor preta, mas há indivíduos de cabelos ruivos e um pouco ondulados (tal qual os de Jaxucá).

Ao longo do ano letivo no qual foram realizados os trabalhos nas Oficinas, percebemos que Jaxucá passou a se relacionar de forma muito próxima e carinhosa, tanto conosco quanto com as demais crianças. O apelido de “Branca” passou a ser utilizado raramente e as crianças a chamavam então por seu nome Guarani. Hipotetizamos que esta aceitação de Jaxucá pelas outras crianças foi favorecida pela convivência, bem como pelos trabalhos em grupo realizados nas Oficinas Lúdicas. Tal fato nos lembra a concepção de campo psicológico trazida por Pichon-Rivière (1991). O autor nos explica que o campo psicológico é o campo das interações entre o indivíduo e o meio, ou seja, é o local onde se estabelecem as interações entre personalidade e o mundo. Acrescenta ainda o conceito de situação, que diz respeito às modificações em que o meio é o agente, bem como o conceito de conduta, na qual a personalidade é o agente de mudanças. Desta forma, entendemos que tais trabalhos em grupo que auxiliaram nessa aceitação de Jaxucá por parte das outras crianças agiram favoravelmente, tanto no âmbito do campo psicológico e situações do meio externo, quanto no que se refere ao mundo interno - conduta e personalidade da participante.

Frequentemente Jaxucá nos relatava que sua mãe estava no hospital com sua irmã recém nascida, a qual veio a falecer após algum tempo. Durante esse ano pudemos observar frequentes internações de crianças recém nascidas devido a problemas respiratórios. Geralmente, nessas situações, a mãe permanece no hospital junto ao bebê. Jaxucá então sempre nos dizia frases do tipo “*minha mãe está no hospital com minha irmã*”, “*faz tempo que minha mãe está no hospital*” (sic) ou então vinha nos contar quando a mãe voltava para a aldeia.

Quanto ao convite para participar do presente estudo, a menina o aceitou prontamente e de forma alegre. Sempre presente nas Oficinas, vinha se explicar quando não ficava na escola para nossos encontros, como acontecia quando havia apresentação de dança na casa de reza, já que ela fazia parte do grupo de dança. Num dos encontros seguintes à aplicação do DF-E, Jaxucá, de forma tímida e sem falar nada, nos presenteou com um colar de miçangas que ela mesma havia feito. Aceitamos e agradecemos o presente e entendemos que esse vinha

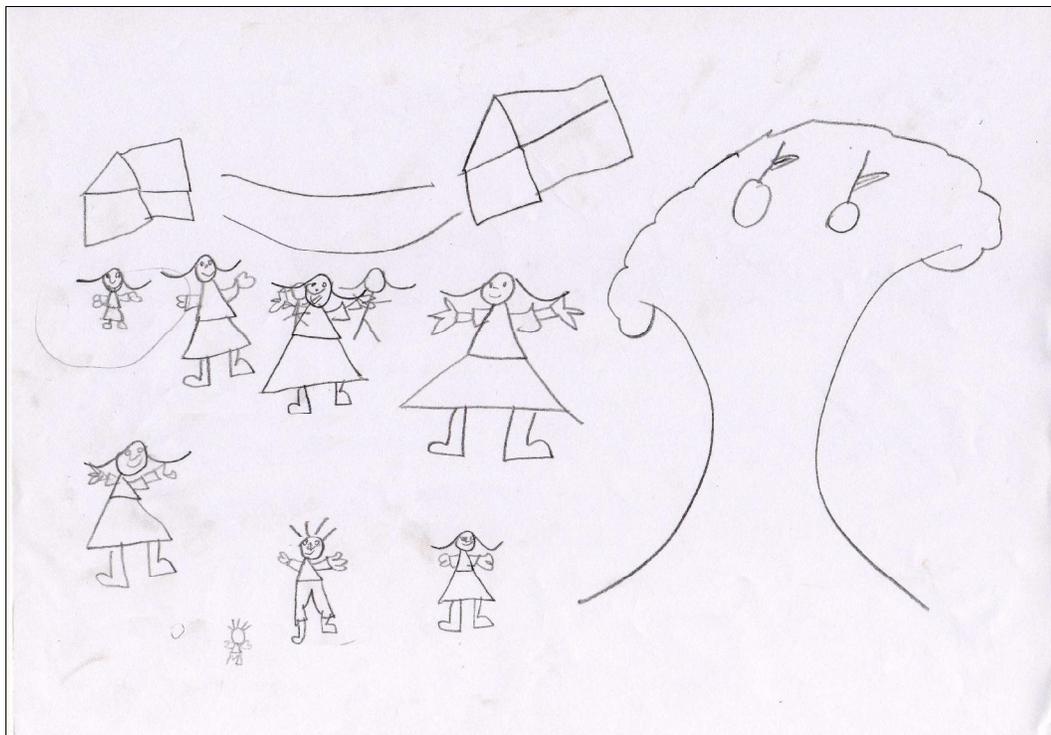
como agradecimento pelo nosso contato e aproximação, fato que demonstrou estabelecimento de vínculo transferencial positivo na concepção de Pichon-Rivière (1991), da mesma forma que favoreceu o campo emocional como propuseram Baranger e Baranger (1969) e como bem descreve Bonfim (1998) em seu trabalho com uma paciente infantil no qual a autora discorre sobre a forma como aceitou os convites propostos por sua paciente a fim de favorecer e compreender o campo emocional no qual a criança procurava comunicar sua condição psíquica.

Dados Gerais da Aplicação do DF-E

A aplicação se deu em uma sala de aula reservada para este fim. O tempo de aplicação foi de aproximadamente uma hora.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

Desenhe uma família qualquer



Observações da Aplicação: Inicialmente desenha as mulheres – Acima da esquerda para a direita: duas irmãs, Jaxucá e a avó. Abaixo: sua mãe e uma tia. Dá nomes às figuras e desenha o padrasto e a irmã mais nova, entre a mãe e a tia.

Estória:

Título: *não tem*

É a minha família (fala nome dos personagens, desenha apenas as mulheres – depois dos nomes desenha padrasto e irmã mais nova)

Não lembro o nome desse (irmã mais nova)

Esse eu errei (trata-se de duas figuras em forma palito, ao fundo do desenho de si mesma)

Eles estão pegando maçã.

Quem gosta de maçã? Pra quem é?

Eu gosto. Moro com a minha vó. Algumas vezes eu durmo na casa da minha mãe. Mas não gosto.

Então você não gosta de dormir na casa da sua mãe.

Não, gosto sim. Moro com a minha vó desde pequena. (silêncio)

Quer me contar mais sobre essa estória?

Não. Só isso.

Análise da Unidade de Produção 1

Logo à primeira instrução “*Desenhe uma família qualquer*”, Jaxucá traz membros de sua própria família. Quando relacionamos as figuras aqui representadas ao item “Identificação” dessa participante, apresentado anteriormente, percebemos que a menina representa aqui familiares pertencentes a sua família-grande, pois tal qual descreve Schaden (1974) a família-grande é tradicionalmente constituída do casal, filhas, genros e netos, sendo que as casas destes indivíduos são bem próximas e formam parte da aldeia. Jaxucá traz pessoas que moram tanto na casa de sua mãe, quanto na casa de sua avó – provavelmente representando as pessoas mais significativas para ela, idéia que poderemos melhor compreender no decorrer da análise do presente caso.

Inicialmente, um ponto que nos chamou atenção foi a ordem em que Jaxucá desenhou as figuras presentes. Primeiramente a menina desenhou e nos apresentou todas as mulheres da família – irmãs, avó materna, mãe e tia. E só então desenhou o padrasto e a irmã mais nova, da qual informou não lembrar o nome. As figuras foram divididas em duas linhas: a superior com avó, ela própria e as irmãs e a inferior com mãe, padrasto, irmã mais nova e tia. Tal ordenação das figuras deve ser observada segundo a relação de cada membro com a participante, mas no geral, podemos pensar que as mulheres da família têm uma importância especial para Jaxucá. É interessante compararmos este dado aos resultados do procedimento de Desenhos-Estórias descritos por Tardivo (1997) acerca de crianças não indígenas. A figura materna é apontada pela autora como comumente positiva para os meninos, enquanto que para as meninas ela é geralmente negativa. Ainda, na idade de Jaxucá há predomínio de conflitos na relação com a figura materna. Portanto, entendemos que nesta unidade de produção, a participante não segue tal tendência e apresenta as figuras femininas como significativa e positivas e, mais do que isso, mostra a identificação da menina com a figura feminina e materna.

Ainda a este respeito, compreendemos que é importante relacionarmos estes dados a dois aspectos. O primeiro diz respeito à situação social diferenciada dos Guarani. Desta forma, segundo Schaden (1974) já nos anos setenta do século vinte, o alto índice de separações de casais existentes nas comunidades Guarani foi evidenciado já que esse não era um fato comum em anos anteriores entre os Mbya, destacando o autor que essas separações provocavam uma perda de referência dos filhos, principalmente os homens, em relação a figura paterna. Assim, a mãe passou a ser vista como referência, já que os filhos ficam geralmente com elas nas separações de casais. Complementando esta idéia, o autor explica que após o casamento, o homem Guarani desliga-se facilmente da família de origem e passa a ter o sogro como referência. Podemos entender então que a mulher, a partir desta época, passou a possuir grande importância na sociedade Guarani e especialmente no que diz respeito a sua função dentro da família. Portanto, o desenho de Jaxucá pode demonstrar por

um lado o que a menina encontra na realidade de sua comunidade a importante função que as mulheres exercem, aspecto também evidenciado no desenho pela similaridade das representações femininas, com apenas algumas diferenças quanto aos tamanhos. O segundo aspecto se refere à identificação com a figura feminina e a questão da tríade edipiana envolvida.

No que diz respeito à estória, Jaxucá a inicia dizendo que os familiares estão pegando maçãs para ela. Nota-se que na árvore há duas maçãs, assim como no desenho há duas casas ligadas por um caminho, bem como a menina relata que mora com a avó, mas que algumas vezes dorme na casa de sua mãe. Tais fatos parecem representar a ambigüidade que Jaxucá vive em relação às figuras da mãe e da avó. Complementando esta idéia, temos o fato de Jaxucá dizer na estória que não gosta de dormir na casa de sua mãe, tentando corrigir-se em seguida. Parece que, em relação à figura materna há ambivalência e ambigüidade já que em alguns momentos a avó é mãe (pois vive com ela e exerce essa função) e em outros a mãe biológica é a mãe (pois a avó bebe e torna-se ruim). Portanto, percebemos que no caso desta participante há uma intensificação de sentimentos ambíguos, o que segundo Klein (1975) dificulta a reparação do objeto danificado em fantasias de aniquilação, o que gera extrema angústia. A estas idéias acrescentamos ainda a concepção de vínculo trazida por Pichon-Rivière (1991). Segundo este autor o vínculo interno ocorre em decorrência da imagem do objeto introjetada, portanto, os aspectos externos da relação com um objeto podem estar condicionados por vínculos internos. Assim sendo, no caso de Jaxucá, entendemos que a intensificação de tais sentimentos ambíguos em relação à figura materna (avó) relaciona-se à forma como ela introjeta a avó; em momentos desejada e em outros intensamente odiada, em função da embriaguez.

Apesar dessa ambigüidade, percebemos que a figura da avó é a maior dentre as mulheres presentes e aparentemente demonstra a liderança da família e seu poder. Ainda chama atenção o fato do desenho da mãe ser praticamente do mesmo tamanho que a representação da própria Jaxucá. Segundo Bini de Lima (1997) um dos aspectos que podem ser analisados nos resultados provenientes do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias é *“como são atribuídos os papéis e seu funcionamento dentro da dinâmica familiar”* (p. 233). A este respeito percebemos, portanto, indicativos de que a menina atribuiu o papel ou a função materna a avó, enquanto que a mãe foi representada no mesmo plano que ela própria.

As casas representadas pela menina também chamam atenção. Seus traços são tortos, principalmente o traço inferior, fato que denota uma não sustentação da casa, principalmente

da casa da direita, que praticamente está numa linha diagonal. Apesar de haver um caminho entre essas duas casas, percebemos que este não as atinge, bem como não há portas e janelas, fato que denota uma falta de acesso à família e o isolamento sentido por Jaxucá. Piccolo (1999) afirma que na representação da casa, a ausência de portas e janelas ou a representação de portas bem fechadas e janelas muito altas, bem como a falta de acessos por caminhos indicam, nos testes gráficos, a presença do isolamento. Esta defesa consiste da dissociação primária entre vínculos de amor e vínculos agressivos, evitando que os pares dissociados se unam, pois tal união significaria a desorganização do ego, o caos. A autora explica que este mecanismo, por ser esquizóide, pode estar relacionado tanto ao fato da marcha à posição depressiva ter parado, quanto à regressão frente à uma situação conflituosa – e é esta segunda hipótese que acentuamos no caso de Jaxucá, pois o conflito parece anterior (separação dos pais e da família primeira em Bertioga). Assim, entendemos que seu uso pode ser também adaptativo, como para manter a angústia isolada numa situação conflituosa, ou seja, a criança utiliza-se deste mecanismo defensivo para manter a integração do ego.

Entendemos que a separação acima citada se relaciona a situação edípica que queremos esclarecer. Primeiramente parece que Jaxucá se sente abandonada pelo pai e, frente ao abandono, seria plausível que a menina passasse a se identificar de forma expressiva com a figura feminina e materna, uma vez que a menina valoriza as mulheres com quem mora e não se refere de forma significativa aos homens (companheiros da mãe e da avó), com os quais convive. Porém, há sentimentos de ambigüidade e ambivalência em relação à mãe e avó, representados tanto no desenho da avó grande e poderosa, quanto no trecho da estória em que diz que algumas vezes dorme na casa de sua mãe, mas que não gosta, tentando corrigir-se em seguida.

Complementando esta idéia, vemos no desenho figuras rabiscadas no fundo da própria figura de Jaxucá e da primeira irmã representada do lado esquerdo da folha. Ainda a respeito das defesas, Piccolo (1999) descreve outras que podem agir em paralelo ao isolamento, dentre elas a anulação. A autora afirma que este mecanismo controla o vínculo agressivo com o objeto, numa compreensão mágico-onipotente de que uma fantasia boa ou um ato bom possa apagar ou anular um impulso agressivo anterior. Geralmente tal defesa pode ser vista em produções gráficas muito apagadas, rabiscadas, com desenhos considerados como certos sobrepostos a erros, bem como quando há excesso de borrões. Porém, ressaltamos que não vemos este mecanismo de defesa como predominante no caso de Jaxucá e é importante citarmos que numa personalidade adaptada, tal defesa, segundo Piccolo (1999) apresenta-se como um pedido de perdão. Entendemos que tanto o isolamento, quanto a anulação visam

neste caso, que a menina possa se defender dos conflitos familiares e da ambigüidade existente entre as figuras da mãe e da avó. Acresce-se a este fato a questão da ausência paterna e do isolamento em decorrência às próprias diferenças físicas em relação a outras crianças indígenas sentida por Jaxucá.

Outro ponto interessante que merece análise é o fato do tamanho da árvore predominar sobre qualquer outra figura existente nesse desenho. Sobre o Teste da Árvore de crianças não indígenas, Van Kolck (1984) chama atenção para o fato de que características antagônicas são constantes nos resultados apresentados a este instrumento e que só usará bem este teste quem compreender que a expressão do ser humano traz dois pólos antitéticos. Por exemplo, o indivíduo mostrar-se extremamente independente pode ser sinal da dependência sentida pelo mesmo. Acresce-se que em geral, segundo esta autora, desenhos grandes, em proporção maior do que um quarto da folha estão ligados a sentimentos de controle e agressão; falta de controle e de inibição; narcisismo e idéias de grandeza, que na verdade podem esconder sentimentos de inadequação. Entendemos que tais dados referem-se a crianças não indígenas e não é nossa proposta enquadrar os participantes da presente pesquisa em tais análises. Porém, quando lembramos o trecho da estória no qual a menina afirma que não gosta de dormir na casa de sua mãe e tenta corrigir-se em seguida, fica claro que sentimentos de controle e agressão estão agindo. Desta forma, Jaxucá sente a agressividade dirigida à mãe quando diz que não gosta de dormir em sua casa e tenta consertar (controlar) dizendo que gosta sim de dormir na casa da mãe.

Ainda, quando nos remetemos as observações descritas no item “Identificação” de Jaxucá vemos a compreensão de que a menina sente inadequação frente ao meio como coerente, pois observamos dados tais como sua timidez, a percepção da comunidade dizia que ela estava morando nessa aldeia há pouco tempo, mesmo fazendo cinco anos que ela mora lá. Junto a isso, há ainda as diferenças físicas existentes entre ela e as demais crianças, fatos que reforçam tal compreensão.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2

Desenhe uma família que você gostaria de ter



Observações da Aplicação: Frente à instrução Jaxucá nos diz: *“Eu não gosto do jeito que é. Eu queria que fosse de jeito diferente (pede para falar em nosso ouvido) Eu queria que minha mãe não bebesse mais”*.

Estória:

Título: não tem

É a casa da minha vó.

Aqui na aldeia?

Não, lá no Bertioga.

Sou eu e minha amiga. Estamos conversando até chegar lá (aponta casa à direita). Acabou.

E o que vocês estavam conversando.

Ah, não sei...

E essas outras casas que tem aqui?

Essa é a minha e essa (acima da casa da avó) eu errei.

Então essa é a sua casa aqui no Krucutu?

Não, no Bertioga. A gente morava lá antes.

E onde você gosta mais de morar?

Aqui, porque tem televisão e rádio.

E só.

Então essa é a família que você gostaria de ter.

Mas eu não desenhei isso (sobre a mãe. Ri). Eu desenhei esse aqui (aponta o desenho).

Análise da Unidade de Produção 2

Em resposta à instrução desta unidade de produção, a menina prontamente responde “*Eu não gosto do jeito que é. Eu queria que fosse de jeito diferente. Eu queria que minha mãe não bebesse mais*”. As informações que temos a respeito da família de Jaxucá, esclarecem que a avó, com a qual reside tem problemas relacionados ao álcool e não sua mãe. Os dados do item “Identificação” mostram que Jaxucá costuma dormir na casa de sua mãe quando sua avó está embriagada, e entendemos que esta situação está diretamente relacionada à ambigüidade sentida e representada em suas produções. Estudos mostram que o alcoolismo é um problema que atualmente atinge, de forma preocupante, muitos indivíduos indígenas (FUNASA, 2000; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001; TARDIVO, 2004; GUIMARÃES; GRUBITS, 2007) e, de forma específica, o Ministério da Saúde (2001) chama atenção para o fato de que o alcoolismo dos pais atinge de forma direta a saúde dos filhos. Nesta unidade de produção podemos compreender que para Jaxucá a família ideal seria aquela na qual sua avó não bebesse. Sendo assim, vemos que a avó é aqui representada como figura significativa e materna para a menina, mas esta sofre com seu alcoolismo.

Apesar da descrição acima, que a menina faz sobre sua família ideal, Jaxucá produz o desenho e a estória dissociadas desta temática. Este fato nos faz compreender o quanto é difícil para a participante reproduzir o que sentiu frente à instrução. No desenho Jaxucá é a única figura humana representada, porém na estória diz que está conversando com uma amiga e indo na direção da casa da avó paterna, na aldeia em que morava anteriormente. Vemos novamente características de isolamento e anulação (PICCOLO, 1999) tanto no fato da menina estar sozinha no desenho, quanto na representação de sua casa, semelhante à unidade de produção anterior, ou seja, sem acesso por portas ou janelas, além de outra casa que diz ser um erro, acima da casa da avó. Acresce-se ainda o fato de que nesta cena os desenhos são pequenos, em sua maioria concentrados na parte de baixo do papel, com exceção do sol e pássaros. Os mecanismos defensivos citados parecem agir aqui com a função de isolar a angústia e a ambivalência sentidas frente às dificuldades no relacionamento familiar e no que se refere ao alcoolismo da avó.

Piccolo (1999) afirma ainda ser típico aos indivíduos que se utilizam do mecanismo de isolamento o temor à união dos pares dissociados (impulsos amorosos e agressivos), o que cria a necessidade de manter uma distância do mundo externo (isolamento) e a anestesia afetiva corresponde então a um bloqueio frente à situação. A este respeito, Knobel (1987) explica que desde a gestação a relação parental interfere, favorável ou desfavoravelmente, no

desenvolvimento psíquico do bebê. Aquele que não sente um casal amoroso de pais que o aceitem pode nascer com predisposições a problemas psicológicos ou somáticos. O autor nos informa também que a adequada elaboração da fase genital prévia, preconizada por Arminda Aberastury, além de ocorrer no exercício de satisfazer a curiosidade no exibicionismo, na atividade masturbatória e na própria atividade lúdica, depende fundamentalmente da identificação projetiva com o casal parental em coito satisfatório. Sendo assim, entendemos que o desenvolvimento psíquico depende da identificação positiva com o casal parental e parece que Jaxucá sente o abandono e a ausência paterna, bem como a ambivalência quanto à figura materna e não consegue identificar-se com o casal parental em coito satisfatório.

Chama-nos atenção também o sol representado nessa unidade de produção, pois este parece ter um olho que observa a cena. O sol é representante masculino, ou seja, da figura paterna nas produções projetivas gráficas. Percebemos que a acentuação que a menina deu ao olho pode denotar a persecutoriedade vivenciada por Jaxucá acerca da figura paterna. Também lembramos que a história de vida desta menina, disponível no item “Identificação” nos mostra que a menina não tem contato com o pai e também que não possui relação muito significativa com o padrasto, fatos estes que podem estar contribuindo para a menina apresentar na categoria de análise Figura Significativa (TRINCA, 1976; TARDIVO, 1997) um vínculo negativo com a figura paterna.

Assim, Jaxucá parece sentir que o pai a abandonou e que a mãe colocou outro em seu lugar (padrasto), não deixando lugar para a menina. Em decorrência ela apegou-se a avó, mas esta bebe e se torna indesejável. A criança então se vê sem saída e seu desejo é regressivo - vontade de voltar a Bertioiga – onde tinha um pouco de tranquilidade e parece que com isso se sente confusa e não pertencente a aldeia onde mora, a qual também não a acolhe pois a vê como diferente. Deste modo, tanto a garota quanto a aldeia demonstram esse sentimento de que ela não pertence ao grupo, por isso, mesmo estando nessa aldeia há cinco anos, é indicada pelos aldeões como novata e, ela mesma se sente novata, já que em regressão pertence à aldeia de Bertioiga e a sua família anterior. Portanto, no caso de Jaxucá vemos um conflito de identidade, mas não em relação ao embate entre as culturas indígena e não indígena (aldeia versus cidade), mas sim devido a sua própria história de vida.

As casas representadas por Jaxucá merecem também atenção especial. Já discutimos algumas questões teóricas relacionadas à sua casa e a pequena casa localizada acima da casa da avó, que a menina considera como um desenho errado. Porém, é interessante ater-nos a representação da casa da avó. Esta é desenhada com traços bem organizados, possui porta de entrada, está totalmente sustentada pela linha de solo e é similar aos desenhos das casas em

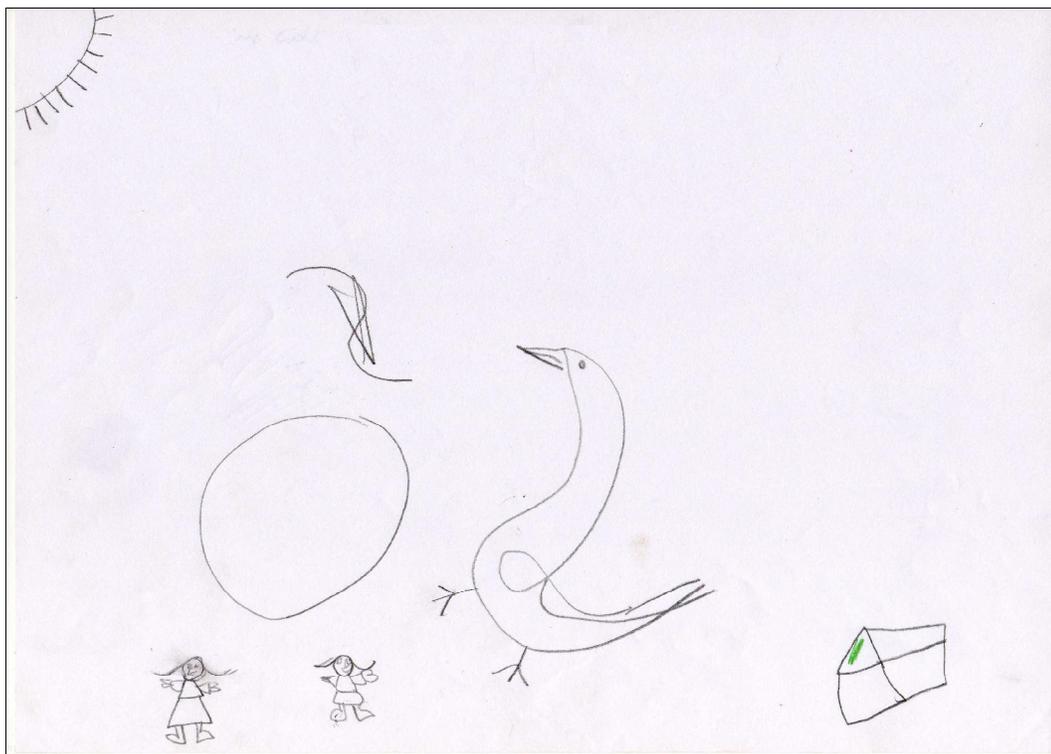
padrão Guarani visto por outras crianças dessa aldeia e também por Grubits (2003). Além disso, ressaltamos o fato de que esta casa assemelha-se a casa de reza. Podemos compreender então que frente a situações conflituosas esta criança, assim como as outras estudadas, busca segurança e proteção naquilo que é genuinamente Guarani; a casa de reza e a família-grande, pois, sabemos que a “família-grande” é tradicionalmente a organização social e o conagraamento de famílias grandes constitui unidade mais ampla, tal qual a aldeia ou uma parte dela (SCHADEN, 1974) e é compreensível então que esta seja uma referência para a criança. Desta forma, vemos aqui a ambivalência sentida pela menina, que oscila entre querer se sentir protegida pela aldeia onde mora atualmente e pela avó materna (figura materna) que hoje lhe proporciona benefícios, exemplificados pela TV e o rádio, mas que se torna indesejável quando bebe e, então, surge o desejo de regredir a vida que tinha anteriormente em Bertioga.

Devemos estar atentos para o fato de que a hipótese acima construída diz respeito especificamente ao que Jaxucá vive nesta aldeia, já que, por mais que busquemos no presente estudo referências teóricas antropológicas que nos esclareça a respeito de questões culturais e sociais tradicionalmente comuns aos Guarani, também consideramos o fato de que na atualidade devemos também considerar as especificidades vividas por cada agrupamento indígena, pois como demonstram os estudos de Morgado (1991), Grubits e Darrault-Harris (2003), Grubits, Darrault-Harris e Pedroso (2005), Tardivo (2004) cada comunidade indígena e de seus descendentes vêm se adaptando ao que lhe é proposto ou possível frente a demarcações de terras nem sempre adequadas, à influência da cultura não indígena de comunidades próximas, à falta de recursos sociais, bem como recursos naturais algumas vezes escassos.

Em relação à produção de Jaxucá, outro ponto que nos chama é o que a menina nos diz no final do desenho, quando perguntamos se aquela era a família que ela gostaria de ter “*Mas eu não desenhei isso. Eu desenhei esse aqui*” (sic). Tal expressão reforça a nossa compreensão sobre a dificuldade da menina em representar a situação conflituosa que nos relata. Porém, vemos como positiva a representação que Jaxucá faz sobre uma cena em que a angústia parece amenizada, na qual ela conversa com uma amiga e caminha em direção a casa da avó e, por conseqüência, em direção a uma vida mais segura dentro de sua família e de sua cultura indígena.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3

Desenhe uma família em que alguém não está bem



Estória:

Título: não tem

Picaram o pé dela (menina do centro) e a outra quase morreu.

Desenha ganso, casa e lago.

O ganso picou o pé da V. (sua irmã) e a Jaxucá quase morreu de susto.

Só.

E como elas ficaram?

Tudo bem.

E o que são essas outras coisas?

Essa é água e esse eu errei.

E a casa, de quem é?

É a casa da minha mãe. Mas eu moro com a minha vó.

E sua irmã e os outros, onde moram?

Moram com a minha mãe.

Só.

Análise da Unidade de Produção 3

Nesta unidade de produção Jaxucá representa como figuras humanas ela mesma e sua irmã. Da mesma forma que na unidade de produção anterior, as figuras são pequenas, fato que

pode ser indicador do mecanismo defensivo de isolamento, pois, conforme descrito por Piccolo (1999) desenhos pobres e muito pequenos são características da presença deste mecanismo. Da mesma forma, Van Kolck (1984) mostra que desenhos muito pequenos podem estar relacionados a sentimentos de inadequação e rejeição pelo ambiente e tendência ao isolamento. Entendemos que apesar das idéias desses autores serem baseadas nas produções gráficas de crianças não indígenas, esta análise, diante das observações realizadas e tendo em vista a história de vida da menina vista no item “Identificação”, se torna plausível, pois percebemos que a criança não se sente aceita por sua comunidade, além da presença de sentimentos ambivalentes quanto às figuras da mãe e da avó.

Outro ponto importante que deve ser considerado no desenho é a figura rabiscada, localizada acima do círculo que representa a água. Quando perguntamos o que seriam aqueles rabiscos, Jaxucá nos explicou que era pra ser o ganso, mas que havia errado. Conforme discutido na unidade de produção 1, este tipo de rabisco ou fracasso na tentativa de limpar o desenho ou ordená-lo é indicador da utilização do mecanismo defensivo de anulação. Piccolo (1999) explica que a anulação relaciona-se aos mecanismos de dissociação e de isolamento e busca controlar o vínculo agressivo com o objeto apelando para fantasias mágico-onipotentes intensas de que um ato bom poderia apagar um ato agressivo. A autora esclarece, porém que numa personalidade mais adaptada, como entendemos ser o caso de Jaxucá, a anulação se apresenta como num pedido de perdão ou de desculpas. Assim, quando nos atemos ao objeto riscado e ao trecho inicial da estória, compreendemos que tais rabiscos na tentativa de desenhar o ganso, tal qual ocorre na estória, são provenientes da tentativa de amenizar a ameaça trazida pelo meio (ganso). Desta forma, primeiramente ela diz que o ganso picou o pé de sua irmã e ela (Jaxucá) que quase morreu. Depois de desenhado o ganso, ela retifica a estória e nos diz que o ganso picou o pé de sua irmã e ela (Jaxucá) “*quase morreu de susto*”. Entendemos, portanto, que a ameaça e persecutoriedade representada inicialmente no desenho rabiscado do ganso passa a ser apenas um susto no segundo desenho do animal e na retificação da estória. Retomamos aqui que o que Piccolo (1999) nos explica que na anulação há uma busca de controle do vínculo agressivo com o objeto, numa compreensão mágico-onipotente de que um ato bom pode anular um impulso agressivo anterior. Porém, esclarecemos que compreendemos que a anulação, no caso de Jaxucá age paralelamente ao isolamento, não sendo o mecanismo de defesa predominante.

A casa trazida no presente desenho é a casa da mãe, e assim como anteriormente foi representada, mais uma vez não tem portas, janelas ou outro tipo de acesso. Conforme discutimos na unidade de produção 1, a ausência do acesso por portas e janelas no desenho da

casa também é um indicador da presença do isolamento. Assim, lembramos que Piccolo (1999) disserta que este mecanismo de defesa consiste na dissociação entre vínculos amorosos e agressivos e visa evitar a persecutoriedade trazida pela união não satisfatória dos pares dissociados que cria uma necessidade de afastamento do mundo externo, para que assim se evite a mobilização emocional. Podemos pensar que a menina tenta se afastar da mobilização trazida na representação da falta de acesso à casa da mãe (casa sem entradas) e do próprio contato com esta, bem como dos sentimentos ambivalentes em relação a sua avó. Acresce-se o fato de que esta menina sempre que possível nos afirmava que seus irmãos moravam com sua mãe, mas que ela morava com sua avó.

Os traços tortos em que a casa da mãe é apresentada persistem, como já pudemos observar nas unidades de produção anteriores. Podemos hipotetizar que a desorganização representada diz respeito à própria desorganização familiar na qual a menina sente que vive. Percebemos também que há uma tentativa de pintar a casa, num traço verde de sua parte superior, mas a criança desiste de fazê-lo. A este respeito lembramos as contribuições de Stern (1962) o qual nos informa que o conteúdo formal dos desenhos e da pintura está nivelado ao conteúdo emotivo, pois a criança pinta por necessidade de expressar-se, em todos os estágios de evolução. O autor acrescenta ainda que nos desenhos e na pintura a criança expressa preocupações inconscientes. Sendo assim, compreendemos, conforme Blini de Lima (1997), que Jaxucá projeta neste desenho da casa conflitos, dificuldades e limitações relacionadas à sua percepção do grupo familiar.

As observações que realizamos nesta comunidade nos permitiram compreender que fatos como avós criarem os netos enquanto que os pais constituem novas famílias e padrastos ou madrastas que ficam com os filhos de suas esposas após a separação, acontecem em algumas famílias. Com este relato queremos demonstrar que apesar destes fatos serem comuns atualmente nessa comunidade Guarani, quando observamos casos individuais, como o de Jaxucá, entendemos que a situação de viver entre a casa da avó e a casa da mãe, apesar de recorrente em sua comunidade, têm implicações diretas no conflito e sentimentos ambíguos sentidos pela criança. Bowlby (1988) nos informa que é essencial para a saúde mental que o bebê e a criança pequena experimentem um relacionamento afetuoso, íntimo e contínuo com sua mãe ou mãe substituta, no qual ambos encontrem satisfação. Assim, a criança precisa sentir que é motivo de orgulho e prazer da mãe, assim como a mãe precisa sentir que o filho é uma expansão de sua própria personalidade e com ele identificar-se. Queremos demonstrar aqui que Jaxucá poderia residir com sua avó, tê-la como figura materna e com ela identificar-se, porém os problemas com o álcool relatados e o fato da menina buscar

abrigo na casa de sua mãe quando a avó está embriagada, parecem causar ambigüidade, confusão e insegurança quanto à sua relação com estas figuras femininas – mãe e avó.

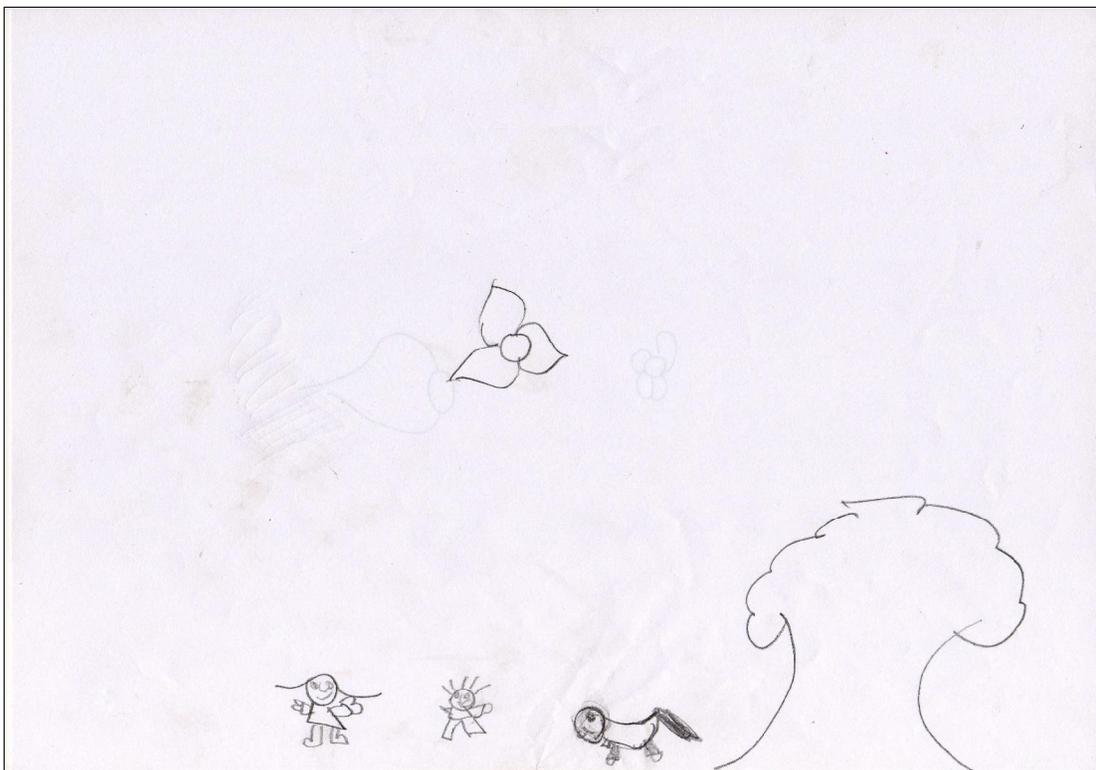
Entendemos, portanto, que a própria intensificação de tais sentimentos ambíguos, segundo Klein (1975) dificulta a reparação do objeto. Conforme sabemos, Melanie Klein disserta que o primeiro objeto de amor e ódio do bebê – sua mãe – é ao mesmo tempo desejado e odiado com intensidade. Durante as fantasias de aniquilação do objeto odiado, o bebê se sente culpado e busca reparar o objeto. Desta forma, compreendemos que Jaxucá parece comunicar, através de suas produções, intensa angústia relacionada à figura materna, já que oscila entre sentimentos de amor e uma intensificação dos sentimentos de ódio devido à embriaguez da avó, bem como o temor em não conseguir reparar os danos que causa em fantasia a tal objeto odiado.

A temática da ameaça trazida na estória também é interessante de ser analisada. Trata-se de um ganso que picou o pé de sua irmã, porém quem se assustou e “*quase morreu*” (sic) foi a própria Jaxucá. Esta afirmação nos faz pensar que Jaxucá representa o quanto sofre com o que acontece aos indivíduos de sua família, sendo que esta idéia reforça a hipótese anterior a respeito da situação conflituosa vivida com a avó, ou seja, a menina sofre sim com as dificuldades do meio externo e em especial no que se relaciona ao alcoolismo da avó.

Ainda, podemos observar que o ganso desenhado é muito grande em relação às figuras humanas apresentadas. Este fato denota que o objeto, que parece ser ameaçador, é muito grande, maior e mais poderoso que ela própria. Porém, no fechamento da estória, a menina diz que foi apenas um susto, ou seja, que talvez este objeto apenas assuste e na realidade não faz mal. Entendemos então que Jaxucá, apesar de se sentir ameaçada pelo ambiente externo, encontra recursos internos para lidar com tais conflitos. Portanto, podemos perceber que na categoria de análise Tendências e Desejos (TRINCA, 1976; TARDIVO, 1985) Jaxucá parece demonstrar tendências construtivas. Novamente aqui lembramos as contribuições de Klein (1975) a respeito do amor e da reparação. Hipotetizamos que tais tendências construtivas relacionam-se a uma tentativa de reparação por parte de Jaxucá. A nós parece que a criança tenta reparar os danos causados ao objeto (mãe) durante fantasias de aniquilamento, mas tem dificuldades nessa reparação. Ressaltamos que a intensificação destas fantasias de ódio direcionadas a figura materna relacionam-se principalmente ao alcoolismo da avó, já que por conta dos seus episódios de embriaguez a menina é obrigada a afastar-se da avó e procurar abrigo na casa de sua mãe biológica, com a qual também possui uma relação de conflitos mais primitivos relacionados à tríade edipiana. Conflitos estes já discutidos anteriormente, nas análises das unidades de produção um e dois.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4

Desenhe a sua família



Observações da Aplicação: Frente à instrução, Jaxucá nos diz que já desenhou sua família. Perguntamos se ela gostaria de desenhá-la de novo e a participante disse que sim.

Estória:

Título: não tem

Esses meu tio e minha tia quando eram pequenininhos. Estão brincando. São os filhos da minha vó.

Só.

Então eles estavam brincando.

Sim, de pega-pega. A minha tia corria atrás do meu tio. Aí apareceu um tigre, eles nem viram. Aí ele olhou pra trás, viu e eles correram. Aí veio o caçador e matou o tigre.

E quem era esse caçador? (*silêncio*)

Era um *juruá* ou índio?

Juruá.

Então o caçador *juruá* que salvou os índios.

Sim. Eles quase morreram. E só, acabou.

Análise da Unidade de Produção 4

No que diz respeito ao desenho, persistiram as figuras humanas muito pequenas, fato que vem reforçar as análises anteriores acerca dos sentimentos de inadequação e rejeição pelo ambiente e tendência ao isolamento (VAN KOLCK, 1984), vivenciados por Jaxucá. Percebemos ainda que a figura masculina foi representada em tamanho mais reduzido que a feminina, além de não possuir mãos e pés. Tais omissões, segundo Van Kolck (1984) estão relacionadas a dificuldades de contato, e adaptação social (omissão das mãos) e insegurança do passo e da adaptação sexual, expressão de falta de autonomia (omissão dos pés). Ressaltamos que as idéias de tal autora se baseiam na análise clássica de Testes da Figura Humana aplicados em crianças não indígenas, porém, não podemos deixar de admitir que tais significados dessas ausências possuem grande relação aos dados que já vimos a respeito de Jaxucá. Parece então, quando olhamos o caso como um todo, que é coerente dizermos que a menina sente-se insegura e apresenta dificuldades de contato e adaptação social.

Porém, há de se considerar que, apesar dos desenhos das figuras masculina e feminina serem muito pequenos, as omissões acima discutidas foram realizadas apenas na figura masculina. Entendemos que tal fato pode estar relacionado à percepção que Jaxucá tem de ter sido abandonada pelo pai. É interessante pensarmos que quando nos remetemos as produções anteriormente apresentadas, percebemos que não há referência direta a figura paterna ou masculina, sendo que a única menção a ela foi realizada na primeira unidade de produção (desenho do padrasto) e mesmo assim em segundo plano frente aos personagens femininos. Relacionamos então a hipótese das dificuldades de contato e adaptação social a real dificuldade de contato com o pai propriamente dito, ou seja, de vínculo negativo com a Figura Significativa (TRINCA, 1976; TARDIVO, 1997) paterna. Como sabemos, o pai entra no vínculo mãe-bebê como representante da sociedade, tem a função superegóica de estabelecer regras e limites à criança. Entendemos que no caso de Jaxucá, os conflitos em relação à figura paterna podem contribuir para a insegurança, dificuldades de contato e adaptação social vivenciadas por ela, pois, conforme afirma Aberastury (1984) o pai sentido pelo filho como ausente ou fraco traz como conseqüências a formação de um superego extremamente severo ou praticamente inexistente, sendo que podemos entender que nos dois casos os conflitos são eminentes e causadores de insegurança.

Sobre a insegurança, podemos incluir uma breve observação a respeito da árvore representada. Chamou-nos atenção fato do tronco ser alargado de forma acentuada.

Entendemos segundo Van Kolck (1984) que o tronco é a parte estável da árvore, ou seja, a parte que dá suporte a copa e finca raízes no solo. A ênfase dada a esta parte da árvore pode demonstrar o quanto a menina busca estabilizar-se, e manter-se equilibrada e sustentada frente à situação conflituosa e ambígua que o ambiente familiar lhe propõe.

Sobre a temática trazida frente à instrução fornecida “*Desenhe a sua família*”, nos parece claro que para a menina, sua família era ou deveria ser a família de sua avó. Parece que a temática aqui apresentada tem, inicialmente, relação direta com a fantasia de ser filha da avó e estar brincando tranquilamente com um irmão. Porém, Jaxucá incluiu uma ameaça na estória vinda por um tigre, o qual estava se aproximando, mas que inicialmente eles não percebiam. Interessante considerarmos de onde vinha essa ameaça sentida pela menina. O tigre pode aqui representar, tanto os conflitos vividos em relação a sua família nuclear e família-grande (SCHADEN, 1974), quanto pode também estar relacionado ao conflito sociocultural existente entre cultura indígena e cultura não indígena. Quando lembramos Schaden (1974) entendemos que provavelmente não existe uma divisão clara entre os conflitos citados, pois o autor nos mostra que na cultura Guarani existe uma relação intrínseca entre família, família-grande e aldeia, ou seja, os conflitos relacionados à família têm implicações diretas na organização sociocultural dessa comunidade, assim como a desorganização social e mudanças culturais também têm implicações diretas na vida familiar.

Tanto autores das Ciências Sociais, tais como Pôster (1979), Áries (1981), Lévi-Strauss (1980), Prado (1983) quanto os psicanalistas estudiosos das relações familiares, tais como Meyer (1987), Richter (1990) e Waddell (1994) concordam com a idéia de que a organização sócio-cultural de um grupo étnico influencia na forma como se dá a configuração e relações entre os membros de um grupo familiar. Desta forma, entendemos que a degradação social pela qual passa a comunidade na qual Jaxucá está inserida contribui para as dificuldades familiares sentidas pela participante, pois, tal qual afirma Schaden (1974) a organização social Guarani baseia-se na família. Assim como observamos tal fato nessa comunidade, Tardivo (2004) demonstra em seu estudo que em São Gabriel da Cachoeira, município amazonense constituído por indivíduos indígenas e descendentes de diversas etnias, há relatos de muitos adolescentes que mostram os conflitos familiares existentes. O estudo dessa autora evidencia que as famílias vivem situação de crise e sofrimento e que os pais desses adolescentes também se sentem perdidos, não possuindo recursos psíquicos para relacionarem-se de forma satisfatória com seus filhos. Porém, ressaltamos que no caso de Jaxucá, apesar de valorizarmos a realidade social apresentada, nos parece que os conflitos

trazidos pela menina são fundamentalmente relacionados à sua história de vida e vínculos estabelecidos com as figuras parentais.

Sobre tais vínculos lembramos as contribuições de Pichon-Rivière (1991) a respeito dos vínculos internos e externos. Para este autor dois são os campos psicológicos no vínculo; o interno que é a imagem de um objeto introjetada e o externo, ou seja o vínculo que se baseia na forma como o objeto foi introjetado. Assim o vínculo pode estar condicionando aspectos externos e visíveis, ou seja, o modo de ser do indivíduo quando visto de fora está condicionado por um vínculo interno. Sendo assim, no caso de Jaxucá compreendemos que a forma como a criança possui as figuras parentais introjetadas, condicionam a forma como ela vivencia as relações com os indivíduos pertencentes ao seu grupo familiar, bem como as relações com o grupo familiar como um todo.

Outro ponto que é importante considerarmos é o desfecho que Jaxucá dá para a estória, bem como para a ameaça trazida pelo tigre: um caçador *juruá* (não indígena) mata o tigre e salva os índios. Tal idéia novamente está relacionada à situação social da comunidade na qual Jaxucá vive e a situação de dependência dos não indígenas ao centro urbano e cuidados da sociedade não indígena. Porém, também devemos considerar que nós somos *juruá* (não indígenas) e estávamos naquele momento em relação com a criança. A criança poderia estar, portanto, nos comunicando o quanto se sentia protegida na relação conosco, de certa forma conseguindo expressar os conflitos por ela vivenciados. Entendemos conforme Stern (1961b) que o desenho é uma escritura, e que a criança o utiliza como uma linguagem que evolui junto com suas potencialidades sensoriais e seus conhecimentos. A expressão gráfica é, portanto, um meio de comunicação e por si é elaborativa. Desta forma, entendemos o quanto a criança comunica, através do desenho, suas necessidades e momentos evolutivos pelos quais vêm passando. Da mesma forma então, entendemos que a criança comunica também nos desenhos aspectos transferênciais de sua relação conosco. Sobre este aspecto consideramos a compreensão da importância do campo emocional (BONFIM, 1998) o qual se estende da relação entre terapeuta e paciente para a relação entre pesquisador e sujeito de pesquisa.

SÍNTESE GERAL DO CASO

No caso de Jaxucá, ao relacionarmos os dados que possuímos sobre sua história de vida, às observações realizadas durante as Oficinas e aos resultados do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias, destacamos como preponderantes os seguintes aspectos: sentimentos de ambigüidade e ambivalência em relação às figuras parentais; a predominância da utilização do mecanismo defensivo de isolamento e um menor destaque aos conflitos sociais do que os apresentados pelas demais crianças estudadas.

Primeiramente, no que se refere à ambigüidade e ambivalência quanto as figuras parentais, destaca-se principalmente as vivência de tais sentimentos em relação às figuras femininas, principalmente a materna (avó). Nos é nítido o fato de que em todas as suas produções gráficas e estórias as figuras femininas são destacadas e a avó sempre tem um papel preponderante, conforme já citamos, inicialmente compreendemos este fato como uma identificação positiva com a figura materna, fato que não corrobora com os resultados trazidos por Tardivo (1997) acerca de crianças não indígenas, já que a figura materna é apontada pela autora como comumente positiva para os meninos, enquanto que para as meninas ela é geralmente negativa e ainda, na idade de Jaxucá há predomínio de conflitos na relação com a figura materna. Porém, ao decorrer das análises pudemos compreender que esta identificação está impregnada de sentimentos ambíguos e ambivalentes, os quais são exacerbados principalmente em decorrência do alcoolismo da avó.

Desta forma, relembramos os dados da unidade de produção um e dois, nas quais Jaxucá nos diz que não gosta de dormir na casa de sua mãe e que gostaria que a avó parasse de beber. A ambigüidade e ambivalência aqui fica clara, pois, conforme dados da história de vida da menina, esta dorme na casa de sua mãe quando a avó está embriagada. Nos fica claro que a figura materna de Jaxucá é a avó, e que ela é continente e desejada, mas quando bebe se torna indesejável e odiada. Entendemos, portanto, que a própria intensificação de tais sentimentos ambíguos, segundo Klein (1975) dificulta a reparação do objeto. Conforme sabemos, Melanie Klein disserta que o primeiro objeto de amor e ódio do bebê – sua mãe – é ao mesmo tempo desejado e odiado com intensidade. Durante as fantasias de aniquilação do objeto, o bebê se sente culpado e busca reparar o objeto. Desta forma, compreendemos que Jaxucá parece comunicar através de suas produções intensa angústia já que oscila entre sentimentos de amor e uma intensificação dos sentimentos de ódio devido a embriaguez da avó, bem como o temor em não conseguir reparar os danos que causa em fantasia a tal objeto.

Ainda a este respeito percebemos que a menina faz poucas referências à mãe biológica, a colocando ainda no mesmo plano que ela própria, ou seja, no mesmo tamanho que o seu em algumas produções. A respeito da tríade edipiana, a menina também não faz referências diretas ao pai, mas mostra seu desejo regressivo de voltar a Bertioiga e a família paterna, onde, conforme dados da unidade de produção 2 tinha um pouco de tranqüilidade e um sentimento de pertença. Devido a isso se sente confusa e não pertencente à aldeia onde mora, a qual também não a acolhe, pois a vê como diferente. Aliado a este fato, Jaxucá parece sentir o abandono paterno e o fato da mãe ter colocado outro (padrasto) não só no lugar do pai, mas no lugar dela própria, já que ela passa então a residir com a avó.

Portanto, compreendemos que no caso de Jaxucá há um conflito de identidade, mas não em relação ao embate entre as culturas indígena e não indígena (aldeia versus cidade), mas sim devido a sua própria história de vida. Tal conflito está relacionado principalmente a dificuldades na elaboração do complexo de Édipo e a este respeito lembramos que Richter (1990) enaltece a importância do complexo de Édipo no desenvolvimento humano e na compreensão familiar. Compartilhamos também das ideias de Knobel (1987) quando nos explica que a relação do casal parental interfere favorável ou desfavoravelmente, no desenvolvimento psíquico da criança desde a gestação. O autor nos informa também que a adequada elaboração da fase genital prévia, depende não só dos exercícios de satisfazer a curiosidade no exibicionismo, da atividade masturbatória lúdica e da própria atividade lúdica, mas fundamentalmente depende da identificação projetiva com o casal parental em coito satisfatório.

Assim, em síntese, temos a compreensão que a família é sentida por Jaxucá como ausente, bem como o ambiente é ameaçador. A não vivência das figuras do pai e da mãe em coito satisfatório gera angústia – raiva e sentimentos de abandono – o que a faz ter o desejo de atacar o pai que a abandona; a mãe biológica que se une a um outro homem e não é continente e principalmente a avó, que é continente, mas quando bebe se torna um objeto persecutório. Diante desta raiva Jaxucá parece buscar o controle da agressão e devido a este controle consegue mostrar tendências construtivas (amorosas), o que permite a menina uma boa produção gráfica e de histórias. Diante disso, a menina busca fazer a reparação, mas como o desejo de ataque é eminente, devido à exacerbação da ambigüidade ela não consegue realizar tal reparação, sentindo-se angustiada.

Devido às ameaças sentidas pelo ambiente externo - tanto pelo grupo familiar direto (nuclear) quanto pela família-grande (SCHADEN, 1974) e aldeia - parece predominar em Jaxucá a utilização do mecanismo defensivo do isolamento. Segundo Piccolo (1999) esta defesa consiste da dissociação primária entre vínculos de amor e vínculos agressivos, evitando que os pares dissociados se unam, pois tal união significaria a desorganização do ego, o caos. A autora explica que este mecanismo, por ser esquizóide, pode estar relacionado tanto ao fato da marcha à posição depressiva ter parado, quanto à regressão frente a uma situação conflituosa e é esta segunda hipótese que acentuamos no caso de Jaxucá, pois o conflito parece anterior – regressão frente à separação dos pais e da família primeira em Bertioga. A autora esclarece que o uso deste mecanismo pode ser adaptativo, como para manter a angústia isolada numa situação conflituosa, ou seja, a criança utiliza-se deste mecanismo defensivo para manter a integração do ego. Desta forma entendemos que o mecanismo defensivo citado

parece agir aqui com a função de isolar a angústia sentida frente às dificuldades no relacionamento com as figuras paterno/materna, bem como no que diz respeito ao alcoolismo da avó. Lembramos ainda que Piccolo (1999) afirma ser típico aos indivíduos que se utilizam do mecanismo de isolamento o temor à união dos pares dissociados, o que cria a necessidade de manter uma distância do mundo externo (isolamento), sendo que esta anestesia afetiva corresponde ao bloqueio frente à situação angustiante. Sendo assim, compreendemos que este fato corrobora com as idéias já apresentadas a respeito da não vivência de Jaxucá de um casal parental em coito satisfatório.

Esclarecemos que pudemos perceber a presença do isolamento principalmente nas produções gráficas das casas, tamanho das figuras humanas e omissão de mãos e pés. Ainda a respeito de tais omissões, segundo Van Kolck (1984) estas se relacionam às dificuldades de contato, e adaptação social (omissão das mãos) e insegurança do passo e da adaptação sexual e expressão de falta de autonomia (omissão dos pés). Parece então, que apesar de tratarmos do caso de uma criança indígena, quando olhamos o caso de Jaxucá como um todo, faz-se coerente dizermos que a menina sente-se insegura e apresenta dificuldades de contato e adaptação social. Percebemos ainda traços do mecanismo defensivo de anulação (PICCOLO, 1999) mas não vemos este como predominante e sim agindo em função do isolamento.

Quanto à adaptação social, as observações realizadas sobre Jaxucá, bem como os dados trazidos no Procedimento de Desenhos de Família com Estórias apontam para o fato de que Jaxucá não se sentia acolhida pelo meio, seja pelo grupo familiar ou pela comunidade (aldeia), principalmente devido a suas diferenças físicas. Inclusive nos meses iniciais das Oficinas as crianças a chamavam pelo apelido de “Branca”, bem é verdade que durante o ano em que estivemos reunidos a estas crianças nas Oficinas Lúdicas, o grupo se tornou continente, passando a chamá-la por seu nome Guarani. Tais considerações nos fazem crer, conforme citamos anteriormente que o conflito de identidade pelo qual Jaxucá demonstrava passar estava mais relacionado à sua história de vida e aos vínculos com as figuras parentais do que em relacionado ao embate entre as culturas indígena e não indígena (aldeia versus cidade). Assim, mesmo com algumas referências a este embate, tais como a representação da casa da avó de Bertioiga num formato da casa de reza, denotando a segurança trazida por tal construção genuinamente Guarani e, em contrapartida faz referência aos benefícios trazidos pelo rádio e TV existentes na comunidade em que mora atualmente, não há uma exacerbação de tal conflito como pode ser visto nos casos anteriores.

III.3. SÍNTESE GERAL DOS RESULTADOS

Apresentaremos a seguir uma síntese dos resultados, buscando agrupar os casos das crianças estudadas e das impressões clínicas obtidas durante as Oficinas Lúdicas.

OS CASOS ESTUDADOS: A PSICODINÂMICA DA FAMÍLIA E AS RELAÇÕES PARENTAIS

Nos casos apresentados pudemos observar alguns aspectos comuns entre as crianças, principalmente no que diz respeito aos conflitos psíquicos. Esses conflitos referiram-se a introjeção das figuras parentais, especialmente a paterna que se configurou como frágil e ausente; conflitos no desenvolvimento da identidade, que pareceram também sofrer influência das interações e inter-relações entre cultura indígena e cultura não indígena. Como decorrência, o ponto de apoio que apareceu nas produções foi a casa de reza que nos sugeriu ter uma função egóica para as crianças, ajudando no seu desenvolvimento. Compreendemos que esse era um local percebido como genuinamente Guarani e que proporcionava segurança e proteção, bem como orientação.

Assim, observamos que em todos os casos apresentados no que se referiu a introjeção das figuras parentais, a ausência paterna foi representada nos desenhos e comunicada nas histórias. Os sentimentos de abandono, insegurança e desproteção permearam as produções das quatro crianças estudadas, sendo que foram ainda mais intensos nos casos de Parai e Potigúá, sendo que o sentimento de abandono paterno também permeia as produções de Jaxucá. De modo que entendemos como Aberastury (1984) que o pai sentido como ausente ou fraco, suscita uma formação superegóica extremamente severa ou inexistente. Isso traz prejuízos ao desenvolvimento da criança, tal com a insegurança, a falta de clareza quanto a um caminho a ser trilhado, ou seja, orientação e condução no seu desenvolvimento psico-afetivo. Portanto, instala-se insegurança e sofrimento.

Cabe salientar, que nos casos de Parai e Peri, suas faixas etárias – 7 e 8 anos - coincidem com declínio do complexo de Édipo. Neste período, Salas (1984) informa que surgem ambivalência e ambigüidade entre a identificação (impulsos amorosos) e períodos regressivos de ódio e rivalidade – que levam novamente à ameaça da castração paterna, bem como a inveja do pai que ama a mãe, já sentidos anteriormente no auge edipiano. Assim, os conflitos com a figura paterna podem estar relacionados a esta etapa normal do desenvolvimento humano. Porém, algumas particularidades podem ser apontadas. No caso de Peri, pudemos compreender que os conflitos com a figura paterna aparecem de forma particular, já que é o pai quem traz de forma direta a influência da cultura não indígena; fato

causador de conflitos de identidade. Já no caso de Parai a criança percebe uma figura paterna frágil e punitiva, de modo que a criança não sente a segurança que deseja.

Compreendemos que a análise realizada acerca da relação destas crianças com a figura paterna parte do ponto de vista da compreensão edipiana. Em princípio, poderíamos excluir a possibilidade de explicações edipianas entre indígenas; porém, cabe lembrar que o arcabouço teórico o qual nos amparamos no presente estudo, a psicanálise, confere ao fenômeno edipiano um lugar central na compreensão das relações humanas. A este respeito, lembramos que Richter (1990) ao dissertar que devido ao complexo de Édipo ter sido o assunto central da teoria de Sigmund Freud, é correto dizer que a psicanálise sempre se preocupou com a origem e estrutura dos conflitos familiares. Acresce ainda esse autor, que embora a abordagem de Freud e literatura psicanalítica mais antiga fossem individualistas e pouco sócio-psicológica, os conhecimentos que temos hoje a respeito dos processos grupais e da interação resultante da mistura de desejos, medos e mecanismos de defesa inconscientemente determinados entre os indivíduos, devemos a Freud. Assim, relações existentes dentro da família, devem ser estudadas sem nenhum tipo de simplificação ou redução da abordagem psicanalítica, já que a extensão da visão psicanalítica ortodoxa aos processos de grupo supõe um conhecimento prévio da estrutura intra-individual, tal como fizemos no presente estudo.

Da mesma forma, no que concerne à existência do Édipo entre indígenas Guarani Mbya, compartilhamos de estudo anterior de Vizzotto; Tardivo; Bonfim; Arias (2004) no qual as autoras observam aproximações entre a função paterna nas culturas não indígena ocidental e indígena Guarani Mbya, principalmente no que diz respeito ao fato da figura masculina, na cultura Guarani, também possuir função superegóica, sendo instaladora de regras e normas. Destaca-se ainda, que na visão antropológica de Schaden (1974) tradicionalmente o avô era a figura de identificação, que comandava a família-grande; o que indica a mesma função superegóica dada à figura masculina. Embora o exercício, ou seja, o modo com que as normas são passadas e a maneira de abordar a criança seja diferente da nossa cultura, pois essas regras podem ser passadas às crianças por outros membros da comunidade, a função superegóica paterna é a mesma que na cultura não indígena. Acresce-se ainda o fato de que a cultura Guarani Mbya é tradicionalmente marcada pelo masculino (SCHADEN 1974).

Entretanto, ainda que os Guarani-Mbya tenham uma cultura marcada pelo masculino, como bem o disse o autor, há uma desorganização social dos Guarani que vem sendo indicada desde a década de setenta do século passado; além de instabilidade das uniões conjugais no grupo Mbya. Ressalta-se este aspecto, pois o próprio Shaden (1974) já havia apontado para o fato de que a sociedade Guarani era baseada na família; de modo que o alto índice de

separações provocou uma perda da referência dos filhos, principalmente os homens pela figura paterna. A mãe, ainda segundo o autor, era vista como mais constante, pois essa, como em nossa cultura, é a mesma, pela vida toda; mas o pai pode “mudar”, já que os filhos costumam ficar com as mães e seus novos companheiros após a separação dos casais. Percebemos, portanto, na presente pesquisa, que tal desorganização social descrita por Schaden (1974) já atingiu o grupo Mbya; pois a figura do pai é percebida como ausente; as crianças mostram perda de referência, pois os pais são representados em segundo plano, com pouca ação nas histórias, frágeis, feridos ou ausentes.

Ressaltamos ainda, que, por consequência, novos papéis vêm sendo atribuídos às mães, pais, padrastos e madrastas; porém estes indivíduos parecem se sentir confusos frente a estas novas atribuições. A este respeito lembramos o estudo de Tardivo (2004) que traz dentre os seus resultados considerações a respeito das relações familiares entre indígenas e mestiços habitantes em São Gabriel da Cachoeira, município do alto Amazonas constituído fundamentalmente por descendentes de diversas etnias indígenas. Nesse estudo foi evidenciado que as condutas agressivas dos jovens relacionam-se também aos conflitos familiares; os pais desses jovens se sentiam perdidos, pois, como destaca a autora, esses “*não dão o que não têm*” (TARDIVO, 2004, p 98). As famílias viviam situações de crise e intenso sofrimento. Outro estudo que demonstra as mudanças nas funções e papéis exercidos por familiares (pais) indígenas Guarani-Kaiowá brasileiros (GRUBITS; DARRAULT-HARRIS, 2003) demonstrou que a mulher Guarani revela uma tendência para assumir o papel de guardiã da cultura, permanecendo na reserva e buscando a identificação com sua etnia, enquanto a maioria dos homens sai da reserva para procurar trabalho (como na cultura não indígena); de modo que, os meios de sobrevivência encaminham esses sujeitos para a construção de uma identidade de homem da cidade. Assim, observamos que o mesmo têm se dado entre esses Mbya, e isso tem sido percebido pelas crianças; de modo que, ao mesmo tempo em que ensinam a elas a cultura Guarani, também demonstram o quanto dependem ou transitam na cultura não indígena. São esses os adultos que a criança têm à disposição como objetos de identificação.

Quanto à organização e dinâmica familiar na percepção dessas crianças, observamos que a descrição tradicional de família-grande trazida por Schaden (1974) na qual o exercício paterno e materno é aberto à comunidade, ainda existe, porém têm se tornado confuso no contraste com a cultura não indígena ocidental (programas de televisão, Internet, assuntos e pautas da própria escola e do aprendizado da Língua Portuguesa). Entendemos que, de forma direta ou mesmo indireta, um modelo de família nuclear não indígena é apresentado à criança

e isso sem dúvida influencia a organização familiar Guarani, fato que acentua os conflitos relacionados à função e ao exercício paterno e materno.

Diante destas considerações acerca da realidade social pelas quais os povos indígenas vêm passando, gostaríamos de esclarecer que apesar da nossa valorização sobre tais questões, já que sabemos que tanto autores das Ciências Sociais, tais como Pôster (1979), Áries (1981), Lévi-Strauss (1980), Prado (1983) quanto os psicanalistas estudiosos das relações familiares, tais como Meyer (1987), Richter (1990) e Waddell (1994) concordam com a idéia de que a organização sócio-cultural de um grupo étnico influencia na forma como se dá a configuração e relações entre os membros de um grupo familiar, nosso foco volta-se para a realidade intrapsíquica destes indivíduos e as potencialidades e dificuldades que o grupo encontra para lidar com tal demanda social. A este respeito lembramos as contribuições de Pichon-Rivière (1991) sobre os vínculos. Dois são os campos psicológicos no vínculo - o interno que é a imagem de um objeto introjetada e o externo que é representado no modo de ser do indivíduo, o qual sempre está condicionado a um vínculo interno. De forma que, a maneira com que os indivíduos lidam com as situações impostas pelo meio, depende fundamentalmente de seus vínculos com os objetos internos.

De modo que entendemos que há uma influência do meio cultural sobre os Guarani, já que estão muito próximos do centro urbano. Porém, tal como explica Knobel (1981) a identidade é o resultado de projeções, introjeções e identificações, sobre uma base filogenética, desde o começo da vida, havendo identidade em todas as etapas evolutivas, inclusive na mais tenra infância. Além disso, considera o autor que, um dos aspectos da identidade está relacionado ao vínculo de integração social, que trata das constantes projeções e introjeções entre self e objetos do meio externo. O autor ainda acrescenta, ao falar da adolescência, que a patologia nunca é somente individual, está sempre vinculada ao ambiente, resultado de *“uma equação dialética, sendo um dos termos o próprio indivíduo em crise, e o outro polifacético e multideterminado pela cultura, e pela sociedade, com seus componentes políticos, econômicos, éticos e estéticos”* (KNOBEL, 1981, p. 83). Entendemos, portanto, que na presente pesquisa, por tratarmos de uma comunidade indígena tão próxima do centro urbano, tal equação torna-se ainda mais valiosa, mesmo no caso das crianças, pois estas estão constantemente numa realidade ambígua na qual há os componentes de sua cultura e organização social e a constante presença dos elementos culturais e de regulação social dos *jurua* (não indígena), que são trazidos à aldeia através da escola, das novelas, dos desenhos animados, das visitas dos não indígenas, dentre outros.

Ainda a respeito da proximidade da comunidade estudada do centro urbano,

lembramos que Grubits e Darrault-Harris (2003) chamam atenção para a atual interferência na cultura Guarani das comunidades brasileiras, causadas pelo fácil acesso aos meios de comunicação e proximidade das cidades de suas aldeias, o que permite uma influência permanente no desenvolvimento da identidade desses.

Ante a estes conflitos pelos quais passam essas crianças na construção da identidade, houve um fator que nos chamou atenção – a casa de reza como uma figura constante nas produções das crianças. Ou seja, entendemos que a casa de reza é uma representação daquilo que é genuinamente Guarani e que ela aparece nas produções como elemento apaziguador - continente e contido - dos conflitos. A casa de reza representa proteção e segurança às crianças. Lá dentro sentem-se protegidas por sua cultura e sua religiosidade. De modo que representa a segurança, a condução superegóica, pois parece ser forte e orientadora como deveria ser a função do próprio pai. Por outro lado, como protetora e materna, a casa complementa o desenvolvimento das instâncias psíquicas; deste modo, queremos dizer que a casa de reza tem, para essas crianças uma representação egóica. Assim, compreendemos que a casa de reza tem uma “função egóica”, que parece resistir às influências culturais diversas.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos permitiu concluir, a partir dos objetivos propostos, que dentre os aspectos da percepção das quatro crianças estudadas, a respeito da dinâmica familiar, bem como das relações com as figuras parentais, o que pareceu predominar foi uma confusão na formação da identidade.

Compreendemos que essa confusão tem sido dada a partir das introjeções, projeções e identificações com figuras parentais frágeis, ausentes e por uma dinâmica familiar ambígua e confusa. Essa ambigüidade parece relacionada à influência externa (social) sobre o grupo (comunidade) indígena, pois os adultos, talvez perdidos em seu sistema de valores e crenças, não conseguem exercitar suas funções de pai e mãe. Assim, com a dificuldade do adulto em “não saber o que fazer”, demonstrado na ambigüidade percebida pelas crianças, as funções paterno/materna têm se mostrado confusas. Na nossa compreensão estes fatos têm influenciado na construção da identidade infantil; identidade essa que, conforme já dito, é construída não só pela influência sócio-cultural, mas sobre uma base constitucional - filogenética, e de relações afetivo-relacional que se estabelecem entre as figuras parentais e a criança.

Outro importante achado nesse trabalho é com relação à casa de reza que nos pareceu simbolizar o único elemento de sustentação e apoio a essas crianças, o que consideramos aqui como tendo uma função egóica. Representada como forte e orientadora – tal como a função paterna e como protetora e continente – como a função materna, a casa auxilia o desenvolvimento psíquico.

Essa experiência e os resultados nos levaram a pensar e indagar sobre o psicólogo pesquisador em comunidades indígenas – sua aproximação dos sujeitos e o método utilizado.

A realização de uma pesquisa de temática inédita no que concerne a pessoas indígenas, nos trouxe uma série de constatações e indagações no âmbito psicológico. Percebemos que ainda são escassos os estudos de etnias indígenas sob a ótica da Ciência Psicológica e mais especificamente no que concerne à saúde psicológica destes indivíduos. Em relação à saúde psicológica, a maioria dos estudos com os quais nos deparamos, embora de suma importância, reduzem-se a problemas relacionados ao suicídio e ao alcoolismo de forma isolada. Já em relação à dinâmica intrapsíquica dos indivíduos indígenas, considerando as diferenças étnicas, embora estudos aqui citados tenham sido realizados, os resultados alcançados ainda são poucos e não permitem subsidiar ações preventivas e interventivas para esses povos.

Gostaríamos assim de chamar atenção da comunidade científica para a necessidade de realização de mais pesquisas psicológicas que compreendam o indivíduo indígena dentro de suas particularidades étnicas. Por isso estamos aqui valorizando nossa opção metodológica clínica, aliada ao respeito à etnometodologia. A etnometodologia solicita a neutralidade científica, na medida em que chama atenção para o fato de que o pesquisador deve entrar numa comunidade livre de pré-conceitos a seu respeito e sem enquadrá-la numa descrição sociológica anterior, para que assim compreender a realidade cotidiana de seus membros e a forma como estes interpretam e dão sentido às vivências em sua sociedade. O mesmo é solicitado pelo antigo e sólido método clínico, que se prima pela observação, para após levantar hipóteses, intervir e, novamente observar.

É nesse sentido que ressaltamos a importância do enquadre, do *setting* terapêutico na presente pesquisa clínica. Foi com exigência de neutralidade e de aproximação compreensiva ao mesmo tempo, configurando um campo analítico que se deu o presente estudo.

Debruçamos um ano inteiro para realizar esse estudo, para estabelecer uma aproximação com a comunidade, com as lideranças, com os órgãos reguladores e depois um enquadre - moldura funcional do campo. As Oficinas Lúdicas tiveram essa função – de configurar o campo analítico e de favorecer o campo das relações emocionais, para que nele se desse a investigação clínica.

Este ano inteiro foi um tempo que possibilitou a coleta das séries do “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias” aqui utilizadas, bem como demais materiais gráficos (ANEXO IV) assim como foi o tempo necessário para que demais membros da comunidade, em nós confiassem. Já discutimos anteriormente o fato dos indivíduos desta comunidade e, principalmente as lideranças ficarem reticentes com trabalhos de pesquisas, pois muitos pesquisadores coletam seus dados e nunca mais aparecem. Portanto, é o respeito com os participantes que o método clínico propicia e que queremos também destacar.

Assim, ao retomarmos as diretrizes da Resolução CNS 196/96 que discorre sobre cuidados especiais que devem ser tomados com populações indígenas, acrescemos que tais cuidados devem ir além das autorizações e documentações, e sim, privilegiar os sentimentos e emoções que nossa presença suscita nos seres humanos pertencentes à comunidade com a qual trabalhamos.

Assim, diante dos aspectos discutidos, deixamos como sugestão que a comunidade científica mobilize-se para a realização de mais estudos acerca da dinâmica intrapsíquica dos indivíduos indígenas. Ressaltamos que tais estudos devem valorizar as particularidades étnicas e sócio-culturais de cada grupo, para que assim possamos contar com uma

compreensão teórica mais consistente, bem como técnicas psicológicas adequadas e condizentes com a realidade destes povos, para que assim possamos propor ações preventivas, interventivas e curativas no âmbito da saúde psicológica. Ressaltamos que tais ações preventivas aqui citadas referem-se principalmente a preservação da identidade dessas crianças. Lembramos que a identidade existe em todas as etapas do desenvolvimento humano e, portanto, entendemos que é base da promoção de saúde a atuação psicológica que vise à preservação e proteção da identidade de tais crianças.

V. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. A paternidade. In. ABERASTURY, A; SALAS, E. J. **A paternidade: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. p. 68-87.

ABERASTURY, A. Adolescência. In. _____ **Adolescência**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 15-32.

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. A. A Etnometodologia. In. _____ **Psicologia Social**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 2006. p. 218-228.

ALVES, I. C. B. **O desenho da casa: evolução e possibilidades diagnósticas**. 1986. 365p. Tese (Doutorado em Psicologia)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1986.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AMIRALIAN, M. L. T. M. Pesquisas com o método clínico. In. TRINCA, W. (org) **Formas de Investigação Clínica em Psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias**. São Paulo: Vetor, 1997, p. 157-178.

ANASTASI, A. **Testes psicológicos**. 2. ed. São Paulo: E.P.U., 1977.

BALTAZAR J. A. **Estrutura e dinâmica das relações familiares e sua influência no desenvolvimento infanto-juvenil: o que a escola sabe disso?** 2004. 173p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Oeste Paulista, 2004.

BARANGER, W.; BARANGER, M. **Problemas del campo psicoanalítico** . Buenos Aires: Kargieman, 1969.

BENDER, L. (1938) **Test gestáltico visomotor: usos y aplicaciones clinicas**. 5. ed. Buenos Aires: Paidós, 1972.

BLEGER, J. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BLEGER, J. **Psicologia da Conduta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BLINI DE LIMA, C. M. **A aliança familiar na adaptação escolar ineficaz**. 1991. 385p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1991.

BLINI DE LIMA, C. M. Desenvolvimento e Atualização. In. TRINCA, W. (org) **Formas de Investigação Clínica em Psicologia: procedimento de desenhos de família com estórias**. São Paulo: Vetor, 1997, p. 217-251.

BONFIM, T. E. **Um estudo do campo emocional e da evolução de objetos internos na psicoterapia de uma criança**. 1998. 181p. Dissertação. (Mestrado em Psicologia da Saúde)-Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

BONFIM, T. E.; TARDIVO, L. S. P. C. ; VIZZOTTO, M. M.; ARIAS, G. S. Dibujos-cuentos de una adolescente indígena Guaraní-mbya brasileña: aspectos de la dinamica interna y los impasses delante de la aculturacion. In: X CONGRESO NACIONAL DE PSICODIAGNOSTICO; XVII JORNADAS NACIONALES DE ADEIP CRISIS: MUTACIONES- RUPTURAS-POSIBILIDADES, 2006, Buenos Aires. **Anais do X Congresso Nacional de psicodiagnostico; XVII Jornadas Nacionales de ADEIP Crisis: Mutaciones- Rupturas-Posibilidades**. Buenos Aires : ADEIP - Asociación Argentina de Estudio e Investigación en Psicodiagnóstico, 2006. v. 10. p. 148-154.

BONFIM, T. E.; VAGOSTELLO, L.; ARIAS, G. S.; WIDMAN, L. TARDIVO, L. S. P. C. El test del dibujo de la persona bajo la lluvia en niños indígenas guaraníes en São Páulo: estudio exploratorio. In: XI CONGRESO NACIONAL DE PSICODIAGNOSTICO; XVIII JORNADAS NACIONALES DE ADEIP CONTEXTOS Y DIVERSIDAD CULTURAL, 2007, Jujuy. **Anais do XI Congreso Nacional de psicodiagnostico; XVIII Jornadas Nacionales de ADEIP Contextos y Diversidad Cultural**. Rosario: ADEIP - Asociación Argentina de Estudio e Investigación en Psicodiagnóstico, 2007. p. 181-183.

BRASIL. Fundação Nacional da Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. Versão aprovada no Conselho Nacional de Saúde/MS. Brasília, 2000. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/Politica_nac_pov_ind.doc> Acesso em: 11 abr 2006.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio. **O Índio Hoje**. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>> Acesso em: 19 abr 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **III Conferência Nacional de Saúde Indígena**. Brasília, 2001. Disponível em: http://www.rebidia.org.br/indigena/iii_confer_home.html. Acesso em: 19 abr. 2006.

BRASIL. Secretaria de Comunicação de Governo da Presidência da República. **Sociedades Indígenas e a Ação do Governo**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/publi_04/COLECAO/INDIO.HTM. Acesso em: 19 abril 2006.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BUCK, J. N. **H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação**. São Paulo: Vetor, 2003.

CASSORLA, R. M. S.; SMEKE, E. L. M. Auto-destruição humana. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v 10, suppl. 1, 1994. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2007.

CORMAN, L. **O teste do desenho de família**. São Paulo: Mestre Jou, 1964.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Ensinando observação: uma introdução**. 4.ed. São Paulo: Edicon, 1999.

DANTAS, C. R. T. **O exercício da paternidade após a separação: um estudo sobre a construção e a manutenção do vínculo afetivo entre pais e filhos na família contemporânea**. 2003. 119 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro, 2003.

ERTHAL, R. M. C. O suicídio Tikúna no Alto Solimões: uma expressão de conflitos. **Cad. Saúde Pública**., Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2001. Disponível em: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 jul. 2007.

FARIA, F. S. **Violência sexual familiar: significados da experiência vivida por duas crianças de 7 anos**. 2005. 65p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Católica de Goiás, 2005.

FELIPE, S. S. R. **A contribuição do Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) e do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) na avaliação de crianças envolvidas em disputas judiciais São Paulo.** 1997. 327 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.

FERRER, E. S. L. A passagem da latência à adolescência inicial. In. ABERASTURY, A. **Adolescência.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 15-32.

FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In. **Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** O caso Schereber. Artigos sobre a técnica e outros trabalhos. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 163-171.

FUGINAGA, C. H.; GIL, C. A.; ZEWERS, E.; ARIAS, G. S.; TARDIVO, L. S. P. C.; ZEWERS, M.; MOURA, M. L.; MUNARI, P. C.; BONFIM, T. E. Oficina psicoterápica de foto e vídeo com jovens indígenas Guarani Mbya. In: 9º CONGRESSO DE INICIAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 8º SEMINÁRIO DE EXTENSÃO DA METODISTA E III SEMINÁRIO PIBIC/UMESP DE PESQUISA, 2006, São Bernardo do Campo. **Anais eletrônicos do 9º Congresso de Iniciação e produção Científica, 8º Seminário de Extensão da Metodista e III Seminário PIBIC/UMESP de Pesquisa.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2006. Pôster. 1 CD-ROM.

GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBITS, S. Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007_000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2007.

GRUBITS, S. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2007.

GRUBITS, S. e DARRAULT-HARRIS, I. Ambiente, identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul. **Psicol. Soc.** v.15, n.1, jan.-jun. 2003, p.182-200. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 abr. 2005.

GRUBITS, S.; DARRAULT-HARRIS, I.; PEDROSO, M. Mulheres indígenas: poder e tradição. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300004&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 14 jul. 2007.

HAYMAN, R. **Natureza da Investigação Psicológica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HERRMANN, F. **Clinica psicanalítica: a arte da interpretação**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

HUBIG, D. O. C. **Otite média e a relação familiar**. São Paulo; 1997. 179 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997.

ISAACS, S. A natureza e a função da fantasia. In. KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S. RIVIERE, J. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. p. 79-135.

JUNQUEIRA, M. F. P. S. A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: um relato de experiência. **Estud. psicol.**, Natal, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2007.

KLEIN, Melanie. **Psicanálise da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1969.

KLEIN, M.; RIVIERE, J. **Amor ódio e reparação: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1975.

KNOBEL, M. Adolescência e o conceito psicanalítico do processo evolutivo. In. KNOBEL, M.; PERESTRELLO, M.; UCHOA, D. M. **A adolescência na família atual: visão psicanalítica**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981. p. 7-25.

KNOBEL, M. O adolescente como indivíduo; normalidade e psicopatologia. In. KNOBEL, M.; PERESTRELLO, M.; UCHOA, D. M. **A adolescência na família atual: visão psicanalítica**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981. p. 81-86.

KNOBEL, M.; ABERASTURY, A. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

KNOBEL, M. O vínculo entre os pais e a estruturação edípica na configuração dos distúrbios psicossomáticos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 1, p. 9-16, jan.-jun. 1987.

KOPPITZ, E. M. **El dibujo de la figura humana en los niños**: evaluación psicológica. 4. ed. Buenos Aires: Guadalupe, 1976.

LADEIRA, M. E. **Sobre a língua da alfabetização indígena**, 2002. Disponível em http://www.trabalhoindigenista.org.br/Docs/lingua_alfabetiza.pdf. Acesso em 20 out. 2007.

LANGE, E. S. N. **Jovens Anoréticas e suas mães**: abordagem psicodinâmica de uma clínica da contemporaneidade. 2005. 156p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

LEVI-STRAUSS, C.; GOUCH, K.; SPIRO, M. **A família**: origem e evolução. Porto Alegre: Villa Martha, 1980.

LITAIFF, A.; DARELLA M. D. P. Os índios Guarani Mbya e o parque estadual da serra do tabuleiro. In XXII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 22., Brasília, 2000. **Anais eletrônicos**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://ftp.unb.br/pub/download/dan/F.3-22RBA/sessao3/litaiffdarella.rtf>. Acesso em: 10 jul. 2007.

LOPES, R. C. S.; ALFAYA, C.; MACHADO, C. V.; PICCININI, C. A. No início eu saía com o coração partido: as primeiras situações de separação mãe-bebê. **Rev. bras. Crescim. desenvolv. hum.**, v. 15, n. 3, set.-dez. 2005, p. 26-35. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=429509&indexSearch=ID>. Acesso em 15 jul. 2007.

LUQUET, G. H. (1927) **El dibujo infantil**. Barcelona: Editorial Médica y Técnica, 1978.

MARTÃO M. I. S. **Filhos autistas e seus pais**: um estudo compreensivo. 2002. 164p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002.

MELIÁ, S. J. B. A Terra Sem Mal dos Guarani. **Revista de Antropologia**, vol. 33. Publicação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 1990, p. 33-46.

MEYER, L. **Família**: dinâmica e terapia (uma abordagem psicanalítica). São Paulo: Brasiliense, 1983.

MONDARDO, A. H.; VALENTINA, D. D. Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300018&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2007.

MONTENEGRO, M. Entre a etnometodologia de H. Garfinkel e a etnologia de R. Jaulin. **Revista Antropológicas**. n. 1. 1997. Disponível em: <http://www.miguel-montenegro.com/EntrePt.htm>. Acesso em 15 nov. 2007.

MORGADO, A. F. Epidemia de suicídio entre os Guaraní-Kaiwá: indagando suas causas e avançando a hipótese do recuo impossível. **Cad. Saúde Pública**, v.7, n.4, out.-dez. 1991, p. 585-598. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1991000400009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2006.

MOURE, W. G. **Saudades da cura**: estudos exploratórios de terapêuticas de tradição indígena da Amazônia Peruana. 2005. 216 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)-Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

OCAMPO, M. L. S. Entrevistas para a aplicação de testes. In. OCAMPO, M. L. S.; ARZENO, M. E. G.; PICOLLO, E. G. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 35-47.

OLIVEIRA, B. R. G.; COLLET, N. Criança hospitalizada: percepção das mães sobre o vínculo afetivo criança-família. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000500012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun. 2007.

OLIVEIRA, C. S.; LOTUFO NETO, F. Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832003000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2007.

OKAZAKI, S; SUE, S. Methodological issues in assessment research with ethnic minorities. In. KAZDIN, A. E. **Methodological issues & strategies in clinical research**. 2.ed. Washington: American Psychological Association, 1998. p. 263-281.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PICCOLO, E. G. Defesas nos testes gráficos. In. OCAMPO, M. L. S.; ARZENO, M. E. G.; PICCOLLO, E. G. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 205-314.

PINCUS, L.; DARE, C. **Psicodinâmica da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

PÔSTER, M. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

POZ, J. D. Crônica de uma morte anunciada: do suicídio entre os Sorowaha. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 43, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2007.

PRADO, D. **O que é família?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000.

RICHTER, H. **A família como paciente**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ROMANKIEWICZ, E.; BUCHER, R. A estrutura psicopulsional de um grupo indígena brasileiro **Arq. bras. Psicol.**, v. 34, n.4, out.-dez. 1982. p. 95-112.

SALAS, E. J. O conceito de paternidade na obra de Freud. In. ABERASTURY, A; SALAS, E. J. **A paternidade: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. p. 15-23.

SANTOS, R. V.; PEREIRA, N. O. M. Os indígenas nos censos nacionais no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000600001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2007.

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. 3 ed. São Paulo: EPU, 1974.

STERN, A. **Aspectos y tecnicas de la pintura infantil**. Buenos Aires: Kapelusz, 1961.

STERN, A. **Del dibujo espontaneo a las tecnicas graficas**. Buenos Aires: Kapelusz, 1961.

STERN, A. **Comprension del arte infantil**. Buenos Aires: Kapelusz, 1962.

STERN, A. **Interpretation del arte infantil**: estudios de los mecanismo de la creacion artistica del nino. Buenos Aires: Kapelusz, 1969.

TARDIVO, L. S. P. C. **Normas para avaliação do procedimento de desenhos-estórias numa amostra de crianças paulistana de 5 a 8 anos de idade**. 1985. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1985.

TARDIVO, L. S. P. C. Análise e Interpretação. In: TRINCA, W. (org) **Formas de Investigação Clínica em Psicologia**: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 1997, p. 115-156.

TARDIVO, L. S. P. C. **O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje**: reflexões psicológicas encontros e viagens. 2004. 213p. Tese (Pós-Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, 2004.

TARDIVO, L. S. P. C.; BONFIM, T. E.; GIL, C. A.; FUGINAGA, C. H.; ZEWERS, E.; MOURA, M. L.; MUNARI, P. C. Narrativa de uma Oficina psicoterápica de foto e vídeo com jovens indígenas Guarani mbya. In: III JORNADA APOIAR - ATENDIMENTOS CLÍNICOS DIFERENCIADOS E INCLUSÃO: O PAPEL DA PSCIOLOGIA CÍNICA SOCIAL, 2005, São Paulo. **Anais da III Jornada Apoiar**. São Paulo: IPUSP - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005. v. 3. p. 65-76.

THOMAZ, A. C. P.; LIMA, M. R. T.; TAVARES, C. H. F.; OLIVEIRA, C. G. Relações afetivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo: variáveis sociais e perinatais. **Estud. psicol.**, Natal, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1413-294X2005000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jun 2007.

TRINCA, W. Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática. São Paulo: Interlivros, 1976.

TRINCA, W. O procedimento de desenhos de família com estórias (DF-E) na investigação da personalidade de crianças e adolescentes. **Bol. psicol.**; v. 39, n.90/91, jan.-dez. 1989. p. 45-54.

TRINCA, W.; DUNKER, C. I. L.; BELLOMO, C. D.; RANGEL, A. O.; CARVALHO, A. M. Procedimento de desenhos de Família com Estórias (DF-E) Avaliações de um Caso Clínico. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**, v. 2, n. 2, 1990. p. 30-41.

TRINCA, W. Apresentação e Aplicação In. _____. **Formas de Investigação Clínica em Psicologia**: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 1997, p. 11-34.

TURATO, E. **Tratado de metodologia de pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VAN KOLCK, O. L. **Interpretacao psicologica de desenhos**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1981.

VAN KOLCK, O. L. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo: E.P.U., 1984.

VAZ, C. E. Diferenças Culturais e Avaliação com o Rorschach. In. _____. **O Rorschach**: teoria e desempenho. 3. ed. São Paulo: Manole, 1997. p. 183-191.

VIDILLE, W. F. TARDIVO, L. S. P. C. Estudo a respeito de crenças entre indígenas brasileiros: análise de práticas terapêuticas de um pajé Tukano. **Mudanças**, v. 11, n. 1, jan.-jun. 2003. p.101-115.

VIZZOTTO, M. M. **Ausência paterna e suas associações a psicodinâmica e ao aproveitamento escolar da criança.** 1988. 187p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontífica Universidade Católica de Campinas, 1988.

VIZZOTTO, M. M. **Psicodinâmica da paternidade:** um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho. 1994. 166p. Tese (Doutorado em Saúde Mental)-Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

VIZZOTTO, M. M. O método clínico e as intervenções na saúde psicológica da comunidade. In. OLIVEIRA, V. B.; YAMAMOTO, K. **Psicologia da Saúde:** temas de reflexão e prática. UESP: 2003, p. 137-152.

VIZZOTTO, M.M.; TARDIVO, L.S.P.C.; BONFIM, T. E; ARIAS, G.S. Paternidade e Saúde Mental: aproximações entre exercício paterno ocidental e indígenas Guarani. **Psicólogo inFormação**, ano 8, n. 8, 2004. p. 65-85.

WADDELL, M. A família e sua dinâmica. In: BOX, S.; COOPLEY, B.; MAGAGNA, J.; MOUSTAKI, E. (Orgs). **Psicoterapia com famílias:** uma abordagem psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 27-45.

WALLON, P., CAMBIER, A., ENGELHART, D. Le dessin de l'infant. France: Press Universitaires de France, 1990

WIKPÉDIA, A Enciclopédia Livre. **Son Gohan**.. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/SonGohan>. Acesso em: 16 nov. 2007.

WIKPÉDIA, A Enciclopédia Livre. **Son Goku**.. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/SonGoku>. Acesso em: 16 nov. 2007.

ANEXOS

ANEXO I – OFÍCIO DE AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO E PESQUISA EM ALDEIA

ANEXO II - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A criança _____ que é de sua responsabilidade, pois é menor de idade, está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa sobre “Psicodinâmica Familiar de Crianças Indígenas Guarani Mbya de São Paulo” que será realizada pela psicóloga Gleise Sales Arias, aluna do curso de Mestrado em Psicologia da Saúde, da Universidade Metodista de São Paulo, orientada pela Prof^a Dra Marília Martins Vizzotto.

Esta pesquisa tem a finalidade de compreender melhor a criança e a família indígena Guarani Mbya. Por isso, o objetivo principal conhecer e descrever aspectos psicológicos presentes na organização e funcionamento da família, a partir da compreensão da criança.

Para que essa pesquisa seja realizada, haverá necessidade de que a criança faça alguns desenhos (04 ou mais) e conte histórias sobre eles; isso é o que chamamos de “Procedimento de Desenhos de Família com Estórias DF-E”.

Este procedimento implica que tenhamos contato com as crianças, na própria aldeia, nas dependências da escola. Assim, o procedimento será o de encontros semanais no local, com as crianças que quiserem participar livremente e com a autorização de seus pais e responsáveis. Ressalta-se que, se a criança não desejar participar ou se seus pais não mais desejarem que ela participe, mesmo tendo iniciado os encontros, esses terão liberdade de não mais comparecerem.

Todos os dados que possam identificar os senhores pais ou as crianças serão omitidos, pois preservamos as suas identidades e intimidades.

Ao terminarmos o trabalho e mesmo durante os encontros com as crianças, caso seja necessário, nos propomos a amparar e dar suporte psicológico para as crianças e também chamaremos os pais para conversarmos e esclarecermos a situação.

A participação no estudo não acarretará custos para os senhores e não será disponível nenhuma compensação financeira para os pesquisadores.

Assim, declaro que concordo em participar desse estudo.

Também estou recebendo uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome e assinatura do pesquisador

Local e data

Nome e assinatura do pai ou responsável
RG: _____

Local e data

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



Jaxucá, 9 anos, Sexo Feminino – Desenho livre.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



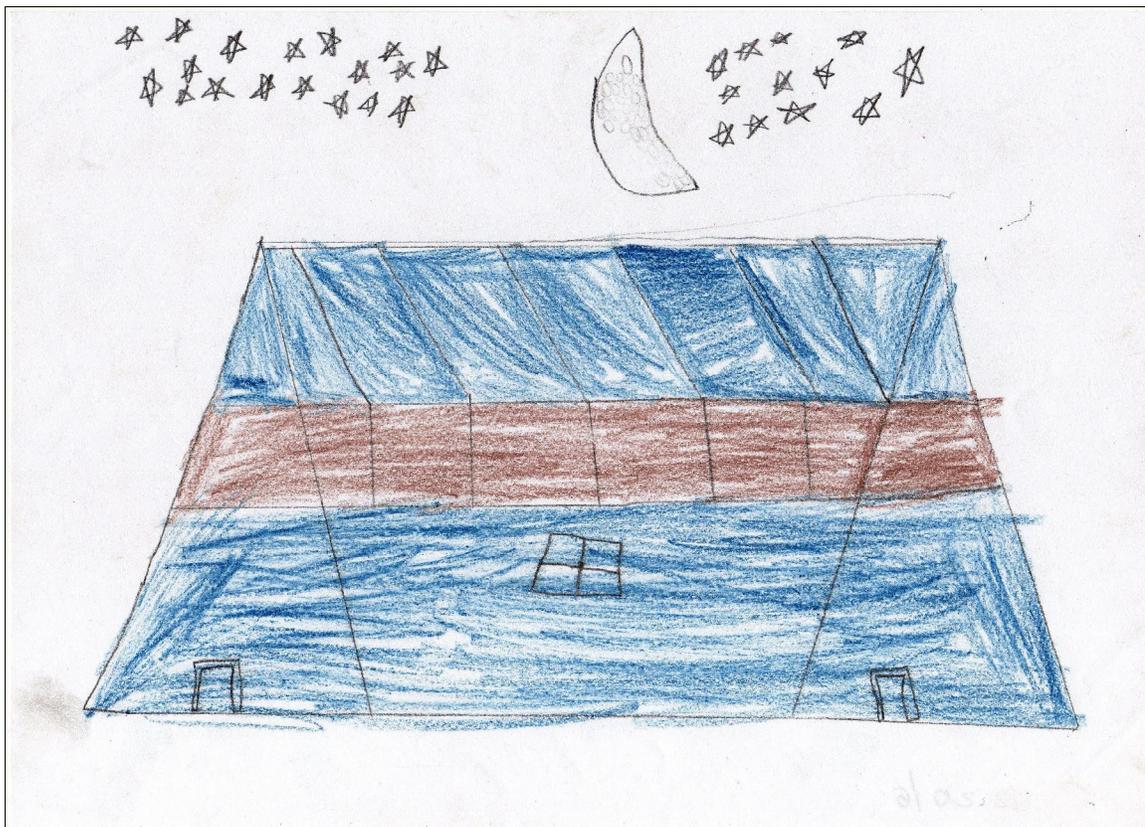
M., 14 anos, Sexo Masculino – Desenho livre. Representa a aldeia, com a casa de reza “Opy’i” ao centro.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



Parai, 8 anos, Sexo Feminino – Desenho livre.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



Peri, 8 anos, Sexo Masculino – Desenho livre. Representa a casa de reza da aldeia.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



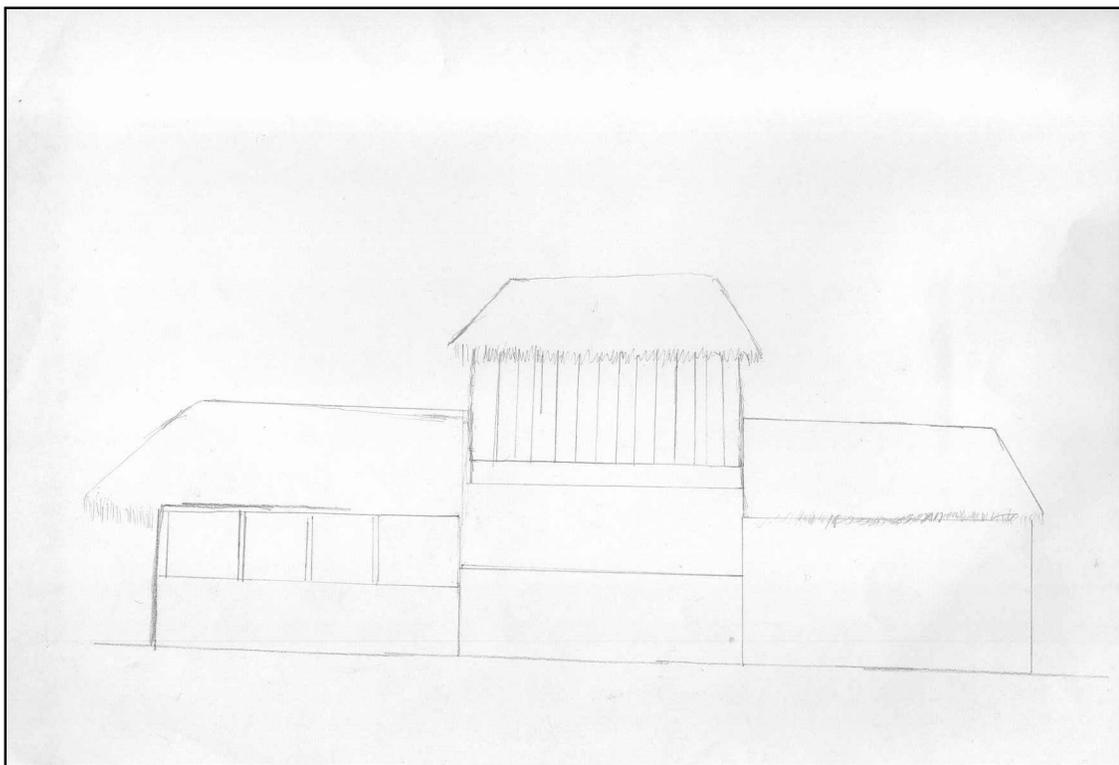
E., 11 anos, Sexo Masculino – Desenho livre.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



J., 12 anos, Sexo feminino – Desenho livre.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



V., 13 anos, sexo masculino. Desenho livre. Representa o Centro Cultural Indígena da aldeia.

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



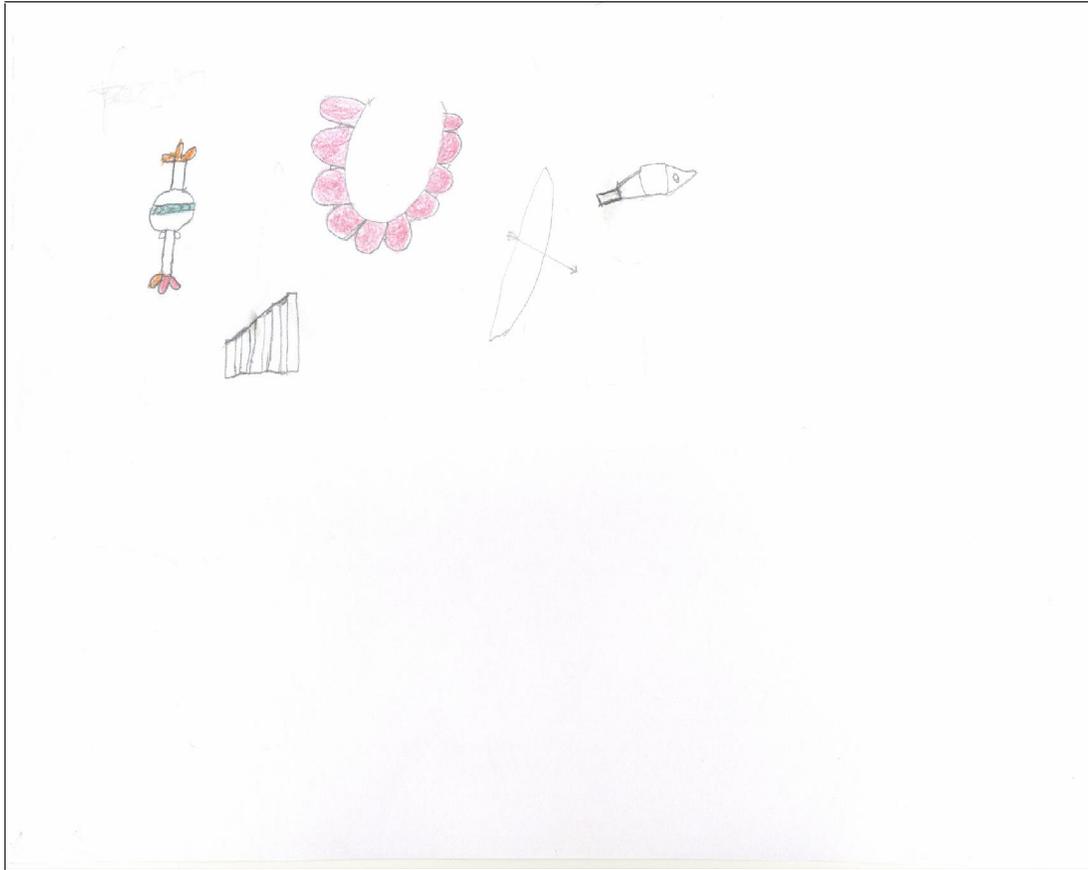
J., 12 anos, Sexo Feminino – Colagem realizada durante as Oficinas Lúdicas

ANEXO IV – ILUSTRAÇÕES DAS OFICINAS LÚDICAS



Parai, 07 anos, Sexo Feminino – Pintura realizada durante as Oficinas Lúdicas

ANEXO V – DESENHO LIVRE DA “MÃE DE PARAI”



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)